RECONSIDERANDO O ODRE

A prática da igreja neotestamentaria

Frank A. Viola

Revisado e Publicado pelo Coletivo Periferia São Miguel Paulista, São Paulo - SP

Primeira edição em português 2005.

© 2005 por Present Testimony Ministry

Publicado pelo site www.editorarestauracao.com.br com permissão escrita do autor.

Originalmente publicado em inglês com o título:

Rethinking The Wineskin

By Present Testimony Ministry

Brandon, Florida 1998.

Traduzido eletronicamente do espanhol para o português e revisado por Railton de Sousa Guedes

---

Dedico este livro a minha esposa Susan,

que compartilhou, apoiando e alentado

afetuosamente, minha visão do Ungido e de sua igreja

desde que nossa jornada começou.

CONTEÚDO

Prólogo

Prefácio

Introdução: Necessidade de um novo odre

1. Propósito da reunião eclesial

2. O objetivo da reunião eclesial

3. Localização da reunião eclesial

4. Natureza da igreja local

5. A liderança da igreja local: Quem eram eles?

6. A liderança da igreja local: Como dirigiam eles?

7. Conteúdo da igreja local

8. Limites da igreja local

9. Função da igreja local

10. O modelo da igreja local

11. Que faremos?

Bibliografia

PRÓLOGO

Esta obra, *Reconsiderando o odre*, de Frank A. Viola, é parte de uma longa e distinta série de exposições que descrevem o estilo de vida que caracterizava a igreja neotestamentária e seu efeito sobre nós no dia de hoje. Vozes como a de Frank expressam a marca da igreja neotestamentária —a igreja é um corpo, uma família e uma noiva. Na realidade, a igreja neotestamentária é *relacional*.

É inegável o fato da igreja neotestamentária ser relacional. Contudo, livros como este de Frank Viola, a muitos tem causado comoção. As igrejas que a maioria de nós freqüentamos, têm pouco ou nada em comum com o estilo de vida que caracterizou a igreja neotestamentária. Longe de ser um corpo ou uma família, para a maior parte de nós a igreja é uma organização ou uma instituição. Dificilmente poderia ser mais conspícuo o contraste que há entre a forma institucional da igreja contemporânea e a forma relacional da igreja neotestamentária.

Com freqüência a igreja institucional sabe, pelo menos vagamente, que a igreja neotestamentária era algo muito diferente, mas, não obstante , segue alegremente em seu caminho, fazendo caso omisso do jeito dos primeiros crentes serem igreja. Ela pode inclusive alegar que a Bíblia é sua única autoridade em "fé e prática", e contudo ignorar virtualmente sua autoridade prática com respeito à prática da igreja. Isso pode ser intencional. Mas o que frequentemente ocorre é que esse impulso surge mais por ignorância, já que as igrejas institucionais são em muitos aspectos como trens. Vão em certa direção, e continuarão indo nessa direção por um tempo bem longo, ainda que todas as mãos tratem de detê-las.

Como ocorre com respeito aos trens, as opções para mudar a direção das igrejas institucionais ainda são, na melhor das hipóteses, limitadas. Se se dispõe de uma alavanca de câmbio ou de um desviadouro, o trem poderia mudar de direção; caso contrário, simplesmente segue os trilhos em que vai. Portanto, todos os que se encontram a bordo do mesmo confiam fortemente que estão no trem certo que segue rumo à direção correta.

As igrejas relacionais, como as do Novo Testamento, são diferentes. Essas igrejas não são trens, senão grupos de pessoas que saíram para caminhar. Tais grupos se movem bem mais lentamente do que os trens —só alguns quilômetros por hora no máximo, mas podem virar num momento. Mais importante ainda, podem ser genuinamente solícitos para com o mundo que os rodeia, para com seu Senhor e uns para com outros.

Como os trens, as igrejas institucionais são fáceis de achar. Sua fumaça e seu ruído são inconfundíveis. As igrejas relacionais são um pouco mais sutis. Devido a que não anunciam sua presença com luzes intermitentes em cada cruzamento, alguns crêem que as igrejas como essas do Novo Testamento há muito desapareceram. Mas nada poderia estar mais longe da verdade. Por toda parte há igrejas relacionais. Eu pessoalmente venho congregando com uma por mais de vinte anos. No entanto, grupos como o nosso caminham juntos calmamente, sem se preocupar em atrair uma indevida atenção sobre nós, porque somos simplesmente peregrinos que caminham juntos.

Contudo, uma vez que você aprende a distinguir uma igreja relacional, em breve descobrirá por toda parte grupos de pessoas que se congregam exatamente como fazia a igreja neotestamentária —como um corpo, uma família e uma noiva- e funcionando melhor do que em uma instituição. Eu pessoalmente sei de vintenas delas; e, coletivamente, esses grupos sabem de centenas ou mesmo milhares. São simplesmente grupos de pessoas que caminham com Deus. Os trens os ultrapassam o tempo todo. Às vezes, pessoas que seguem a bordo desses trens lhes sinalizam; as vezes não conseguem porque o trem se move tão rápido que aqueles que caminham a apenas alguns quilômetros por hora não passam de vultos imprecisos.

Mas tudo isto está no livro de Frank. Seu enfoque é pertinente —*didático* e *espiritual* ao mesmo tempo. Isso lhe permite revelar a igreja neotestamentária e seu efeito sobre nós de uma forma distintiva. Evitando os mecanismos de publicação convencionais pôde disponibilizá-lo a um preço acessível.

Se você está num desses grupos de pessoas que agora caminham por aí como uma igreja relacional, *Reconsiderando o odre* lhe dará uma nova apreciação de suas raízes na assembléia neotestamentária. Se você está num dos trens que passam zumbindo velozmente, poderá resultar-lhe um pouco surpreendente descobrir que algumas desses imprecisos vultos coloridos que vê pela janela, são grupos de pessoas que caminham com Deus. Essa coisa que você acaba de ver passar era outra igreja relacional.

HalMiller

Salem, Massachusetts

PREFÁCIO

Nas páginas seguintes me proponho reconsiderar a provocante questão de como ‘fazemos’ igreja no século vinte. Minha intenção ao fazer isto é dupla: 1) apresentar o ensino bíblico relativo à vida da igreja neotestamentária àqueles que não estão familiarizados com ela, e 2) cultivar um mais profundo entendimento de como a prática da igreja concerne ao propósito eterno de Deus no Ungido.

Ao longo deste livro, ao mencionar ‘igrejas institucionais’ estarei me referindo àquelas igrejas às quais a maior parte das pessoas está familiarizada. Poderia chamá-las com a mesma facilidade ‘igrejas de alvenaria, ‘igrejas basílicas’, ‘igrejas tradicionais’, ‘igrejas organizadas’, ‘igrejas dominadas pelo clero’, ‘igrejas contemporâneas’, ‘igrejas baseadas em programas’, etcétera. Apesar do fato do termo usado por mim ser uma ferramenta lingüística inadequada, é, ao que parece, a que melhor capta a essência da maioria das assembléias modernas de hoje.

Pois bem, antes que um sociólogo objete o uso que faço do termo ‘institucional’, admito prontamente que todas as igrejas, inclusive as que eu endosso como ‘igrejas neotestamentárias’, assumem algumas instituições. Sociologicamente falando, uma instituição é toda atividade ou organização humana normada, destinada a realizar um propósito dado. (Assim, por exemplo, o observar a Ceia do Senhor a cada semana, tecnicamente a qualificaria como uma instituição). No entanto, neste livro eu uso a frase ‘igreja institucional’ num sentido bem mais limitado. Concretamente, refiro-me àquelas igrejas que funcionam principalmente como instituições que existem acima de, além de, e independentemente de seus membros individuais; que estão organizacionalmente centradas em pastores e juntas profissionais; estão estruturadas mais por meio de programas que mediante relações; e estão unificadas sobre a base de doutrinas ou práticas especiais.

Por contraste, neste livro desejo promover uma visão da igreja que é de construção orgânica, de funcionamento relacional, de forma bíblica, de operação cristocêntrica e de unificação corporativa. Expressado em forma singela, o propósito deste livro é descobrir um modo novo e fresco do que significa ser *a igreja* do ponto de vista divino.

Para aqueles que nunca leram nada que tenha desafiado sua noção de ‘igreja’, este livro pode explodir como uma bomba. Para aqueles que ainda não se encontram preparados para fazer uma honrada e rigorosa apreciação da igreja contemporânea, esta explosão lhes terá de resultar potencialmente desagradável. No entanto, para aqueles que têm a suficiente ousadia de submeter toda prática ao escrutínio da revelação bíblica, de sair dos limites seguros da religião tradicional e de menosprezar o compromisso, as explosivas verdades que se apresentam neste livro podem muito bem liberá-los e trazê-los a uma nova dimensão de realidade espiritual.

Diante da plétora de livros escritos sobre a igreja neotestamentária, que já abarrotam as estantes das bibliotecas dos seminários e dos sebos, talvez alguns se perguntem por que vejo a necessidade de adicionar outro mais ao montão. Pois, simplesmente, porque creio que o valor deste livro está principalmente em seu enfoque. Isto é, que nele tento combinar tanto a natureza *celestial* como a *espiritual* do propósito de Deus no Ungido, com as dimensões *práticas* e *terrenais* da vida eclesial. Enquanto nuns poucos livros se tentou analisar o anterior à luz do último (muitos dos quais lamentavelmente se esgotaram), neste livro tento apresentar o último através do lente do primeiro. Em outras palavras, neste livro tento explorar consenciosamente a prática da igreja neotestamentária dentro do contexto do propósito eterno de Deus. Nele tento preservar um saudável equilíbrio entre o aspecto *teológico* da igreja e suas dimensões *práticas*. Expressado em forma simples, este livro é uma modesta tentativa de apresentar velhas verdades desde ângulos novos.

Na medida em que não sou em sentido algum um especialista em eclesiologia (o estudo teológico da igreja), o que escrevi saiu de minha própria investigação bíblica, bem como de minha experiência em reunir-me por todo o país com muitas igrejas que se congregam à maneira que descrevo neste livro Portanto, os mais importantes conceitos que apresento neste livro não ficaram no âmbito da teoria. Vieram a luz por uma visão espiritual e foram levados à prática em forma cristã. Pelo mesmo motivo, o que ofereço nestas páginas não é a polida obra de um erudito profissional, mas a obra toscamente lavrada de um crente comum que tanto reconsiderou como repraticou a igreja durante anos. Ademais, devido a que este não é um tratado erudito, optei por citar de modo informal minhas fontes (conquanto, as publicações mais importantes das que cito estão registradas numa extensa bibliografia ao final deste livro).

Por último, sou grato a um número incontável de preciosos irmãos e amigos de confiança que tiveram uma influência positiva no que toca a esta obra, sendo os principais Hal Miller, Russell Lipton, Stephen Kaung, Robert Banks, Christian Smith, Jon Zens, George Moreshead, Russ Ou’Connor, Howard Snyder, Dão Mayhew, Robert Long, Chris Kirk e David Hebden, contemporâneos, bem como T. Austin-Sparks, Watchman Nee e G.H. Lang, do passado. Sou especialmente grato à minha esposa Susan, juntamente com Dão Barth, JoAnne Gordon, Paul Hodges, Carey Kinsolving, Mark Mattison, Peggy Osborn, James Rutz, Maranatha Spicer e Frank Valdez por seus comentários técnicos a respeito do manuscrito.

Ofereço este livro como parte da ininterrupta obra do Mestre Arquiteto, o Senhor Jesus Cristo, que ainda nesta hora continua edificando sua igreja com as pedras vivas que são os isentados.

Frank A.Viola
Brandon, Florida
Janeiro de 1997.

INTRODUÇÃO: NECESSIDADE DE UM NOVO ODRE

Ninguém põe remendo de pano novo em roupa velha; pois o remendo forçará a roupa, tornando pior o rasgo. Nem se põe vinho novo em vasilha de couro velha; se o fizer, a vazilha rebentará, o vinho se derramará e a vasilha se estragará. Ao contrário, põe-se vinho novo em vazilha de couro nova; e ambos se conservam. (Mateus 9:16, 17)

Em nossos dias o tema da 'renovação da igreja' brota prodigamente dos lábios de incontáveis cristãos. Não podemos ir muito longe no mundo cristão de hoje, sem ouvir uma exortação sobre a necessidade de uma maior unidade no Corpo do Ungido, a importância do sacerdócio de todos os crentes, a urgente necessidade de destruir todas as barreiras feitas pelo homem, a crescente demanda de um poder espiritual mais pleno, e o radical chamado ao evangelismo mundial.

Embora nenhum destes temas seja novo nem original, atualmente os mesmos estão chamando a atenção de muitos cristãos modernos. Estas modernas correntes de renovação espiritual não estão fluindo exclusivamente de nenhuma linha específica do Corpo do Ungido em particular. Mais que isso, estão sendo proclamadas através das linhas denominacionales e tradicionais. Na realidade, estes realces bíblicos de renovação eclesial refletem o genuíno movimento do Espírito de Deus entre seu povo. São canais do vinho, do *vinho novo*, que em nossos dias representa a vida e o ministério do Espírito Santo no mundo.

Mas o depoimento do Espírito Santo também está indicando algo mais —algo que toca uma nota mais profunda. Mediante uma voz mais aprazível, ainda que não menos fervente, Deus está convidando a sua amada noiva a que examine, com frescor, o próprio *contexto* em que ela assume que tenha de ocorrer a renovação espiritual. Assim, emergindo no horizonte religioso se pode detectar uma corrente mormente oculta, mas crescente, de cristãos comuns e correntes, a qual Deus está usando para requerer a Sua igreja (a igreja do NT) a que retorne à simplicidade e à vitalidade das práticas neotestamentárias.

Portanto, o presente ônus do Espírito Santo está centrado desprender o povo de suas incrustadas tradições humanas concernentes ao governo, a prática e a organização da igreja, e fazer voltar a igreja ao completo senhorio do Senhor Jesus Cristo. Para dizê-lo de outro modo, o Espírito de Deus não só está falando do *vinho*; também está falando a respeito do *odre*.

Sem dúvida alguma, a corrente atual que põe ênfase na renovação espiritual e no poder apostólico, é deveras genuína e conserva um discernimento bíblico. Contudo, este outro rio de vida, cujo tom distintivo é a recuperação da prática e vida apostólicas, está abrindo canais mais profundos para o propósito eterno de Deus. Ainda que esta última corrente seja menos abrangente e importuna do que a anterior, não obstante reflete os mais profundos anseios do bendito Salvador por seu Noiva. Não pode haver uma plena recuperação do poder apostólico, se primeiro não houver um resgate da prática e vida apostólicas.

A história da igreja está cheia de exemplos que demonstram como praticamente toda renovação passada foi plena de obstáculos, pelo vinho novo ser rotineiramente reenvasado em odres velhos. Ao dizer odres velhos, refiro-me a essas estruturas eclesiásticas tradicionais que foram copiadas seguindo o velho sistema religioso judeu —um sistema que separava o povo de Deus em duas classes diferentes, requeria a presença de mediadores humanos, erigia edifícios sagrados e punha ênfase nas formas externas. As facetas do odre velho são muitas: a distinção clero/leigo, a reunião eclesial de estilo espectador/ator, o sistema de pastor único, o culto de adoração programado, o sacerdócio passivo, o complexo de edifícios, etc. Todas estas facetas representam formas veterotestamentárias em vestimentas neotestamentárias.

Em conseqüência, o presente clamor do Espírito Santo por uma genuína renovação, não virá ser nunca uma realidade para aqueles que ignoram sua concomitante voz com respeito à demanda de um novo odre —algo que represente o odre novo que foi criado e formado por aqueles a quem o Senhor Jesus lhes confiou o vinho novo de seu Espírito.

Ainda que não poucos supuseram que Deus deixou o odre da prática eclesial mormente aos desejos pragmáticos de homens bem intencionados, o Senhor não nos deixou a nós mesmos o que diz respeito à prática de sua igreja. Muito com freqüência esquecemos que a igreja pertence a Jesus Cristo e não a nós! Igual que no tipo veterotestamentário, nem um prego do tabernáculo foi deixado à imaginação do homem. Antes, a casa teve de ser edificada "conforme o modelo" dado de cima.

Não digo isto para sugerir que o Novo Testamento nos proporciona um rigoroso, minucioso e meticuloso plano para a prática da igreja. De fato, é um crasso erro tratar de obter das epístolas apostólicas um inflexível código de regras escrito para a ordem eclesial, que seja tão inalterável como a lei dos medos e persas (um código escrito semelhante pertence ao outro lado da cruz). Por outra parte, o Novo Testamento obviamente proporciona vários *princípios* e *práticas* claramente definidos, que têm de reger a casa espiritual de Deus. E são estes princípios e práticas que compreendem o 'modelo divino' para a *ekklesia* (igreja).

Nisto reside o objetivo do presente livro: é uma tentativa de proporcionar uma descrição do odre que Deus ordenou que contenha seu vinho novo. Cada capítulo pinta um aspecto da assembléia local como vem representada

no bojo do Novo Testamento. E fundamentando cada pincelada, há um solene argumento para reconhecer os soberanos direitos do Senhor Jesus sobre sua casa.

Não sejamos tão néscios a ponto de supor que se retemos os velhos odres de nossa preferência, poderemos guardar o vinho novo do Espírito de Deus. Como nosso Senhor declarou, quando os homens jogam vinho novo em odres velhos, "os odres se rompem, e o vinho se derrama". É nosso desejo que o Senhor trate radicalmente com nosso coração, para que recebamos humildemente o novo veio que Ele está tentando derramar, bem como que também o ajuste à forma do odre que Ele preparou. De fato, esta é a única maneira pela qual podemos assegurar a plena liderança do Ungido (como Cabeça) em sua igreja. Por contraste, nossa recusa em nos desprender de nossos velhos odres seguirá limitando sua mão soberana e contristando seu terno coração.

Que o Senhor nos ajude a reconsiderar seriamente o odre.

CAPÍTULO 1 - O PROPÓSITO DA REUNIÃO ECLESIAL

O grande expositor bíblico, Martyn Lloyd-Jones, disse certa vez: "Estamos vivendo uma era irremediavelmente inferior à norma neotestamentária —contentes com uma bonita religiãozinha". Tendo esta consideração em mente, iniciamos nossa análise da prática da igreja neotestamentária examinando *para que* se reunia a igreja primitiva. Qual era o propósito da reunião eclesial neotestamentária?

Note você que quando uso o termo 'reunião eclesial', uso-o num sentido muito limitado. Na Bíblia se descrevem vários tipos diferentes de reuniões em que os cristãos primitivos se congregavam (reuniões de oração, reuniões evangelísticas, reuniões ministeriais, reuniões apostólicas, concílios eclesiásticos, etcétera). Ao dizer 'reunião eclesial', estou-me referindo à reunião especial da assembléia local que se descreve em 1 Coríntios 11—14. De acordo com o registo bíblico (Atos 20:7) como com a história da igreja , parece que essa reunião ocorria no primeiro dia da semana.

Antes de explorar o propósito da reunião eclesial neotestamentária, examinemos primeiro para que se reúne hoje em dia a maioria dos cristãos enquanto 'igreja'. Basicamente, há quatro razões para isso: 1) a adoração corporativa, 2) fazer evangelismo, 3) escutar um sermão, ou 4) confraternizar. Por muito estranho que pareça, no Novo Testamento *nunca* se visualiza nenhuma destas razões enquanto propósito central da reunião eclesial.

O Lugar da Adoração, do Evangelismo, da Pregação e da Confraternização

Segundo o Novo Testamento, a adoração é algo que vivemos. É a manifestação de nossa gratidão, nosso afeto, nossa devoção, nossa humildade e nossa obediência sacrificial que Deus merece em cada momento (Mateus 2:11; Romanos 12:1; Filipenses 3:3). Portanto, quando nos congregamos como povo de Deus, devemos vir em espírito de adoração. O templo da antiga Israel é a figura mor deste aspecto da reunião eclesial. O aspecto sobressalente do templo era a adoração. Não obstante, na mente de muitos cristãos modernos, a adoração restringe-se a cantar corinhos, hinos e cânticos de louvor. Embora adorar a Deus mediante cânticos fosse uma faceta muito importante da reunião eclesial primitiva (Efésios 5:19; Colossenses 3:16), a Bíblia nunca a apresenta como seu objetivo principal.

Da mesma maneira, a Bíblia nunca iguala propósito da reunião eclesial com evangelismo. Além disso, o Novo Testamento demonstra de forma clara que, comumente, ocupava-se no evangelismo fora das reuniões eclesiais. Geralmente a pregação do evangelho se levava a cabo nos lugares que os inconversos freqüentavam, por exemplo, nas sinagogas (dos judeus) e nas praças de mercado. Assim, a congregação da igreja neotestamentária era principalmente uma reunião dos crentes. O contexto de 1 Coríntios 11—14 deixa isto muito claro. Ainda que às vezes houvesse inconversos presentes, eles não eram o objetivo dessa reunião. (Em 1 Coríntios 14:23—25 Paulo menciona fugazmente a presença de inconversos na reunião, enquadrando seu comentário numa linguagem hipotética).

Ademais, a noção popular de que o motivo da reunião semanal da igreja era escutar um sermão, não tem asseveração bíblica. Enquanto o ministério da Palavra estava certamente presente na congregação da igreja primitiva, (em 1 Coríntios 14 se fala daqueles que trazem doutrinas, revelações e profecias), escutar 'um sermão' nunca foi seu rasgo característico. A este respeito, a reunião neotestamentária era marcadamente diferente do típico serviço de uma igreja protestante, em que o púlpito é a figura central, onde tudo conduz ao sermão e está estruturado ao redor do mesmo, e onde a congregação avalia a reunião pela qualidade da mensagem. A noção de uma reunião eclesial de estilo púlpito-auditório, enfocada no sermão, não pode ser provada no Novo Testamento.

De fato, os apóstolos ministravam a Palavra de Deus amplamente em certos ambientes. Mas esses ambientes não eram 'reuniões eclesiais'. Eram 'reuniões ministeriais', desenhadas para propósitos evangelísticos ou para o fortalecimento dos crentes. Essas reuniões eram análogas aos seminários, ateliês e conferências de nossos dias. Não se deve confundir tais 'reuniões ministeriais' com as 'reuniões eclesiais'. Naquelas, um ou dois crentes compartilhavam com uma audiência interativa, a fim de habilitá-la para realizar obras de serviço; nestas, cada membro exercia livremente seu dom, sem ocupar nenhum deles um estrado central. De maneira que, ainda que o ministério da Palavra fosse um aspecto da reunião eclesial, não era seu propósito central. Ademais, na reunião eclesial o ensino não era dado pela mesma pessoa semana após semana, como é o costume na igreja institucional de hoje.

A confraternização ou comunhão também não era o propósito principal da reunião neotestamentária. Embora a confraternização fosse uma demanda da vida corporativa, nunca se diz que tenha sido o propósito principal da reunião eclesial. A confraternização é simplesmente uma das muitas conseqüências orgânicas que emergem quando o povo de Deus começa a entronizar prazerosamente ao Senhor Jesus Cristo e a permitir que seu Espírito dirija suas reuniões (Atos 2:42). Contudo, por mais necessária que a confraternização seja para a vida da igreja, não deve ser igualada com o propósito da reunião eclesial.

Mútua Exortação e Edificação

Se o propósito da reunião eclesial, conforme descrita no Novo Testamento, não era adoração corporativa, nem evangelismo, nem pregação, nem confraternização, então qual era? De acordo às Escrituras o propósito principal da reunião eclesial era *edificação e exortação mútuas*. 1 Coríntios 14:26 apresenta isto de forma clara:

Portanto, que diremos irmãos? Quando vocês se reúnem, cada um de vocês tem um salmo, ou uma palavra de instrução, uma revelação, uma palavra em uma lingua ou uma interpretação. TUDO SEJA FEITO PARA A EDIFICAÇÃO DA IGREJA.

Hebreus 10:24, 25 expressa isto de forma ainda mais clara:

E consideremos UNS AOS OUTROS para nos incentivarmos ao amor e às boas obras. Não deixemos de reunir-nos como igreja, segundo o costume de alguns, mas procuremos ENCORAJAR-NOS UNS AOS OUTROS, ainda mais quando vocês vêem que se aproxima o Dia. (Vide também Romanos 14:19; 1 Tessalonicenses 5:11 e Hebreus 3:13, 14.)

A reunião eclesial visualizada no Novo Testamento foi desenhada para permitir que *todo membro* da assembléia participe na edificação do Corpo como um todo (Efésios 4:16). A reciprocidade constituía o distintivo da reunião eclesial neotestamentária —o caráter "mutuo" era o que mais sobressaia. Enquanto cantavam cânticos de louvor e de adoração, os mesmos não estavam confinados à liderança de um grupo de músicos ‘profissionais’. Ao invés disso, a reunião era aberta para permitir que "cada um" ministrasse por meio do canto. Segundo as palavras de Paulo, "falando entre si com salmos" na reunião local. Até os próprios cânticos eram marcados por um elemento de reciprocidade quando Paulo exorta aos irmãos para que "ensinem e aconselhem-se *uns aos outros*... e cantem salmos e hinos espirituais com gratidão a Deus em seu coração" (Efésios 5:19; Colossenses 3:16). Num contexto tão aberto, é razoável supor que os cristãos primitivos compunham regularmente seus próprios cânticos e os compartilhavam com o resto dos santos durante a reunião.

A cada crente que tinha uma palavra de parte de Deus, se lhe proporcionava a liberdade de fornecê-la por meio de seu próprio dom espiritual particular. Assim, uma típica reunião eclesial neotestamentária pode ter brilhado com coisas assim: um menino compartilha a Palavra de Deus mediante uma apresentação dramática e um cântico; uma jovem dá seu depoimento; um irmão jovem compartilha uma exortação seguida de uma análise do grupo; um irmão mais experiente expõe uma porção das Escrituras e conclui com uma oração; uma irmã mais velha relata um fato sacado de sua própria experiência espiritual; vários adolescentes analisam sua semana na escola e pedem oração; e todo grupo experimenta uma verdadeira comunhão sentados à mesa durante uma refeição compartilhada.

Ao discorrer Paulo o pano de fundo de uma reunião neotestamentária em 1 Coríntios 14, vemos uma reunião na qual cada membro está ativamente envolvido. Alegria, sinceridade e espontaneidade são as notas principais dessa reunião e a edificação mútua é sua meta fundamental.

Jesus Cristo, Diretor da Reunião Neotestamentária

Os requerimentos bíblicos relativos à reunião eclesial da igreja primitiva, delineados no Novo Testamento, repousam solidamente na liderança de Jesus Cristo como Cabeça, que é o ponto central do propósito eterno de Deus (Efésios 1:9-22; Colossenses 1:16-18). Isto é, o Senhor Jesus Cristo era integralmente preeminente na reunião eclesial neotestamentária. Ele era seu centro e sua circunferência. Ele estabelecia a agenda e dirigia os acontecimentos. Embora sua direção fosse invisível à simples vista, O Ungido era claramente o Agente Condutor.

Neste aspecto, o Senhor Jesus tinha a liberdade para falar por meio de qualquer um que Ele escolhesse e de capacitar qualquer um que Ele achasse adequado. A prática comum onde uns poucos ministros profissionais assumem toda a atividade da assembléia, enquanto os demais santos permanecem passivos, era totalmente estranha na igreja primitiva. A reunião neotestamentária estava fundamentada no princípio da ‘mesa redonda’, que estimula o funcionamento de cada membro, bem mais do que o princípio ‘púlpito/auditório’, onde os membros estão divididos entre os poucos ativos e os muitos passivos.

Na assembléia neotestamentária, nem o sermão nem o ‘pregador’ eram o centro. Pelo contrário, a participação congregacional era a regra divina. A reunião não era litúrgica, nem ritualista, nem ‘sagrada’. Não havia nenhum sentido de ser sacrosanta ou rotineira. A reunião refletia uma espontaneidade flexível na qual o Espírito de Deus tinha um absoluto controle, e liberdade para mover-se de forma ordenada por meio de qualquer membro do Corpo conforme Ele desejasse. De fato, a reunião eclesial primitiva era dirigida pelo Espírito Santo de tal modo, que se um crente recebia um discernimento enquanto outro compartilhava a Palavra, tinha liberdade para interpor sua reflexão. Assombrosamente, a pessoa que estava falando, calava e escutava o que o outro dizia (1 Coríntios 14:29, 30). Mais ainda, fazer perguntas proveitosas e levar a cabo saudáveis discussões, constituíam parte comum das reuniões (1 Coríntios 14:27-40).

Em nossos dias, semelhantes reuniões são quase inconcebíveis no contexto da maior parte das igrejas contemporâneas. A maioria dos cristãos teme confiar em que a liderança do Espírito Santo dirija e conforme seus serviços eclesiais. O fato de que não podem visualizar uma reunião corporativa sem pôr-se sob a direção direta de um moderador humano, revela que desconhecem as maneiras de Deus. A razão disto tem muito a ver com seu próprio desconhecimento da ação do Espírito Santo em seus assuntos pessoais. Expresso em forma simples, se não

conhecemos o controle do Espírito Santo em nossa própria vida, como podemos conhecê-lo quando nos reunimos? A verdade é que muitos de nós —como Israel em tempos antigos— ainda clamamos por um rei que governe sobre nós e por um mediador visível que nos diga o que Deus disse (Êxodo 20:19; 1 Samuel 8:19).

Certamente a presença de um moderador humano na reunião eclesial é uma apreciada tradição, a qual muitos cristãos são afeiçoados com veemência. O problema está em que essa tradição não se enquadra com as Escrituras. Em nenhuma parte do Novo Testamento encontramos base para uma reunião que seja dominada, dirigida e oficiada por uma pessoa. Também não encontramos nenhuma reunião que esteja enraizada na centralidade do púlpito e enfocada num homem. Provavelmente a característica mais assombrosa da reunião eclesial neotestamentária era a ausência de todo ministério humano. O Ungido dirigia as reuniões por meio do Espírito Santo na comunidade de crentes. Uma vez mais, o princípio que regia à reunião eclesial primitiva era o de "uns aos outros"; a reciprocidade era sua marca distintiva. Não é de estranhar que a frase *uns aos outros* é usada aproximadamente sessenta vezes no Novo Testamento! Neste aspecto Watchman Nee faz a seguinte observação:

*Nas reuniões eclesiais, "cada um de vocês tem salmo, ou uma palavra de instrução, uma revelação, uma palavra em uma lingua ou uma interpretação" (1 Coríntios 14:26). Aqui não é o caso de que um dirige e todos os demais seguem, mas que cada um contribui com sua parte de utilidade espiritual... Nada é determinado pelo homem, e todos tomam parte segundo o Espírito guia. Não é um ministério 'inteiramente humano', mas um ministério do Espírito Santo... É dada a oportunidade a cada membro da igreja para que ajude a outros e é dada a oportunidade para que cada um seja ajudado. Um irmão pode falar numa etapa da reunião e outro mais tarde; você pode ser escolhido pelo Espírito Santo para que ajude aos irmãos desta vez, e eu, na próxima vez... Cada indivíduo deve assumir sua parte de responsabilidade e passar aos demais o que ele mesmo recebeu do Senhor. A direção das reuniões não deve ser responsabilidade de nenhum indivíduo em particular, mas todos os membros devem assumir essa responsabilidade juntos, e devem tentar ajudar-se uns aos outros, dependendo do ensino e direção do Espírito Santo, e dependendo de sua habilitação também... Uma reunião eclesial tem de ter sobre si a estampa de 'uns aos outros'. (*The Normal Christian Church Life */A vida eclesial cristã normal/).*

A mentalidade popular de 'um só homem' de nossos dias, que rivaliza com a liderança funcional de Jesus Cristo como Cabeça, era completamente desconhecida na assembléia primitiva. Pelo contrário, todos os irmãos vinham à reunião sentindo que tinham o privilégio e a responsabilidade de contribuir com algo. A reunião eclesial primitiva era caracterizada por uma sincera liberdade e informalidade, que era a atmosfera indispensável para que O Ungido funcionasse livremente por meio de cada membro de seu Corpo.

No primeiro século, 'ir à igreja' significava essencialmente mais *dar* do que *receber*. Isto é, os crentes não assistiam à reunião eclesial para *receber* de uma classe de especialistas religiosos chamada 'clero'. Pelo contrário, reuniam-se para *servir* a seus irmãos por meio de seus dons individuais, para que o Corpo inteiro pudesse ser edificado (Romanos 12:1—8). No conceito de Deus, é a diversidade unificada dos dons outorgados pelo Espírito Santo que é essencial para a edificação da assembléia local. Robert Banks descreve a função da reunião neotestamentária dizendo:

*A cada membro da comunidade é outorgado um ministério para com os outros membros da comunidade. Isto quer dizer que nenhuma pessoa ou grupo de pessoas podem desestimar, baseados em seus próprios dons particulares, outras contribuições do 'Corpo', nem impor uma uniformidade sobre todos os demais. A comunidade contém uma grande diversidade de ministérios e é precisamente nas diferenças de função que a totalidade e unidade do Corpo reside. Deus desenhou as coisas de tal modo, que é necessário que todas as pessoas se envolvam com sua contribuição especial para que a comunidade funcione apropriadamente. Isto quer dizer, que cada membro tem uma função única e específica a desempenhar, mas assim mesmo depende de todos os demais (*Paul's Idea of Community */A idéia que Paulo tinha da comunidade/).*

Neste ponto é importante sublinhar que o conceito do ministério mútuo visualizado no Novo Testamento, é muito diferente da estreita definição do 'ministério leigo' que se promove na moderna igreja institucional. Na verdade, a maior parte das igrejas estabelecidas oferece uma plétora de cargos voluntários para os 'leigos', como podar grama do jardim, ser porteiro, acomodar gente no salão da igreja, lavar o carro do pastor, apetar a mão das pessoas na porta do santuário, distribuir boletins, ensinar na escola dominical, cantar no coro ou no grupo de adoração e passar as transparências no projetor. Mas estes cargos de ministério restrito são muito diferentes do livre e desembaraçado exercício dos dons espirituais com que se deparava cada crente na reunião eclesial primitiva.

Necessidade de um Sacerdócio de Funções

À luz de tudo o que se disse até aqui, considere o leitor as seguintes questões importantes: Por que a igreja primitiva se reunia desta maneira? Era apenas uma tradição cultural passageira? Aquilo representava infância, ignorância e imaturidade da igreja primitiva? Eu creio que não, porque a prática da reunião eclesial primitiva está profundamente enraizada na teologia bíblica. A mesma fazia real e prática a doutrina bíblica do sacerdócio de todos os crentes —uma doutrina que todos os evangélicos afirmam com seus lábios.

E qual é essa doutrina? Nas palavras de Pedro, é a noção de que todos os crentes são sacerdotes espirituais que são chamados a oferecer "sacrifícios espirituais" ao Senhor e aos seus irmãos. Segundo a linguagem de Paulo, a

idéia é que todos os cristãos sejam membros *que executem funções* do Corpo do Ungido. Então, do ponto de vista pragmático, a reunião eclesial neotestamentária é a dinâmica bíblica que produz crescimento espiritual —tanto corporativa como individualmente (Efésios 4:11-16); porque se não funcionamos, não crescemos— e esta é uma lei do Reino (Marcos 4:24, 25). Assim, os crentes podem e devem funcionar fora das reuniões eclesiais; mas as reuniões da igreja estão desenhadas especialmente para que cada cristão exerça seus dons (1 Coríntios 11—14; Hebreus 10:24, 25). Portanto, a prática comum de levar a relação "mútua" fora do serviço eclesial moderno, não pode senão retardar o crescimento da comunidade crente.

Neste aspecto, a igreja institucional é essencialmente uma creche para meninos espirituais grandões. Devido a habituar o povo de Deus a ser apenas receptor passivo, a mesma impediu seu crescimento e o manteve na infância espiritual. (A incessante necessidade de receber alimento espiritual predigerido, servido em porções, é sinal de imaturidade espiritual —1 Coríntios 3:1, 2; Hebreus 5:12-14).

Embora a Reforma recuperasse a doutrina do sacerdócio de todos os crentes, ela não restaurou as práticas necessárias que incorporam este ensino. Embora a igreja reclamasse o fundamento de um sacerdócio de crentes, ela deixou de ocupar esse terreno. Em conseqüência na igreja protestante típica a doutrina do sacerdócio de todos os crentes não passa de uma verdade estéril. Neste aspecto, Joseph Higginbotham e Paul Patton observam categoricamente:

*Cada ano no 'Domingo da Reforma' se proclama encarecidamente que a Reforma ganhou a batalha pelo sacerdócio do crente. Mesmo sendo verdade que o desejo é o pai do pensamento; ainda estamos falando de desejos, não de fatos. As congregações que escutam esta proclamação, sáo as mesmas que negam com sua forma de governo, sua vida congregacional, e inclusive com sua arquitetura a verdade que alegam incorporar... Nossas palavras traem nossas celebrações de vitória no Domingo da Reforma. A batalha não está ganha; ainda não ocupamos o terreno em que o sacerdócio dos crentes seja um fato ("*The Battle for the Body */A batalha pelo Corpo/",* Searching Together */Vasculhando juntos/, Vol. 13:2).*

No protestantismo evangélico moderno, a doutrina do sacerdócio dos crentes segue implorando a aplicação e a implementação práticas na vida do povo do Senhor. Portanto, Deus estabeleceu reuniões participativas livres para encarnar a esplêndida realidade espiritual de expressar o Senhor ressuscitado, através de um sacerdócio plenamente empregado. Desta maneira, a reunião eclesial neotestamentária foi desenhada por Deus para que cumpra seu propósito eterno, que está centrado em formar a Jesus Cristo num grupo de pessoas e fazê-los chegar a sua plena estatura (Gálatas 4:19; Efésios 4:11-16).

Não há nada mais estimulante à cultura da vida espiritual do que a reunião eclesial livre descrita no Novo Testamento. Neste aspecto, o livro de Hebreus demonstra amplamente que a provisão mútua do Corpo é vital para o crescimento espiritual da igreja. Muito simplesmente, o ministério mútuo é o *antídoto* divino para prevenir a apostasia, o *requisito* divino para assegurar a perseverança, e o *meio* divino para cultivar a vida espiritual individual. Considere Hebreus 3:12-14:

Vigiai, irmãos, que não haja em nenhum de vocês um CORAÇÃO MAU DE INCREDULIDADE PARA APARTAR-SE DO DEUS VIVO; ANTES EXORTAI-VOS UNS AOS OUTROS A CADA DIA... PARA QUE NENHUM DE VOCÊS SE ENDUREÇA PELO ENGANO DO PECADO. Porque somos feitos participantes de Cristo, desde que retenhamos firmemente do princípio ao fim a nossa confiança.

Aqui o escritor da epístola aos Hebreus nos ensina que a edificação mútua é o remédio ou antídoto para não desenvolver um coração incrédulo e uma vontade endurecida devidas ao engano do pecado. Ademais, em Hebreus 10:25, 26, a Bíblia apresenta outra vez a exortação mútua como a salvaguarda divinamente estabelecida contra o perigo de apartar-se do Senhor. Ali, diz:

...não deixando de congregar-nos, como alguns têm por costume, mas animemo-nos... PORQUE SE PECARMOS VOLUNTARIAMENTE depois de ter recebido o conhecimento da verdade, já não há mais sacrifício pelos pecados.

Multidões de eclesiásticos fizeram uso comum deste texto para sublinhar a importância de 'ir à igreja', mas infelizmente ignoraram o resto da passagem, que nos proporciona o principal propósito e atividade da reunião eclesial, isto é, a mútua exortação e alento. Francamente, ignoramos o pleno ensino desta passagem para nosso próprio risco, porque nossa prosperidade espiritual depende das reuniões corporativas que estejam caracterizadas pelo ministério mútuo.

Como Manifestar Jesus Cristo em Sua Plenitude

É bem significativo que a palavra grega *eekklesia*, que se traduz como igreja, queira dizer literalmente 'assembléia'. Isto engrena perfeitamente com o conceito dominante que prevalece nos escritos paulinos, de que a igreja é o Ungido expresso coletivamente(1 Coríntios 12:1-27; Efésios 1:22, 23; 4:1-16). *Portanto a função da assembléia local é expressar o Salvador Ressuscitado. Reunimo-nos com o objetivo de que o Senhor Jesus possa manifestar-se em sua plenitude para a edificação de seu Corpo*. Mas isto só se torna uma realidade quando *todos* os membros da assembléia estão livres para suprir o aspecto do Ungido que receberam.

Assim, se ‘a mão’ não funciona na reunião, então o Ungido não é manifesto em sua plenitude; porque o Senhor Jesus não pode revelar-se plenamente pelo conduto de apenas um membro. Do mesmo modo, se ‘os olhos’ deixam de funcionar, o Ungido estará limitado em revelar-se. Mas, se todos os membros do Corpo funcionam, cada um conforme seu dom peculiar, o Ungido é plenamente conhecido. Ele, digamos, é *Congregado* no meio de nós!

Considere a analogia de um quebra-cabeça. Quando cada peça de um quebra-cabeça é colocada em sua posição correta com relação às outras peças, dizemos que o quebra-cabeça está ‘armado’. Como resultado, o quadro inteiro é visto e compreendido. Ocorre a mesma coisa com o Ungido e sua igreja. Quando, mediante o livre mas ordenado exercício dos dons outorgados pelo Espírito, cada membro da *ekklesia* proporciona um pouco da Cabeça (o Ungido ressuscitado), realiza-se o desejo de Deus de revelar uma vez mais e de uma nova forma seu bendito Filho a nosso coração.

Para que ninguém entenda erroneamente este ponto, as reuniões participativas não excluem a idéia de planejamento. Também não quer dizer que devemos descartar toda aparência de ordem ou forma. No capítulo 14 de 1 Coríntios, Paulo formula várias pautas gerais, desenhadas para manter a reunião eclesial funcionando de forma ordenada. Essas pautas demonstram que no conceito de Paulo não há conflito entre uma reunião *livre,* participativa, e uma *ordenada*, que resulta na edificação de todos os membros. Com um discernimento douto Robert Banks resume a estrutura da reunião eclesial neotestamentária dizendo:

*A soberania do Espírito sobre os dons resulta numa estável ainda que não inflexível distribuição dentro da comunidade, e numa ordenada ainda que não fixa ação recíproca deles em suas reuniões... Por conseguinte , na medida em que se leva em conta certos princípios básicos da operação do Espírito: equilíbrio, clareza, avaliação, ordem e exercício amoroso, Paulo não vê a necessidade de estabelecer nenhuma regra fixa para o proceder da comunidade... Portanto, Paulo não se interessa em estruturar uma liturgia fixa. Esta restringiria a liberdade da comunicação de Deus. Cada reunião da comunidade terá uma estrutura, mas a mesma surgirá naturalmente da combinação particular dos dons exercidos (*Paul’s Idea of Community */A idéia que Paulo tinha da comunidade /).*

A Questão da Força Sustentadora

O que expusemos com respeito ao propósito da reunião eclesial primitiva, toca um aspecto vital que põe a assembléia neotestamentária aparte da igreja institucional moderna. Isso implica numa escrutadora pergunta sobre o que *impele* e *sustenta* a igreja.

Na igreja institucional típica, o mecanismo religioso do ‘programa’ eclesial é a força que impele e traça a direção da assembléia. Se o Espírito de Deus se ausentasse de uma igreja institucional, não se notaria sua ausência: o procedimento rotineiro seguiria adiante; a adoração não ficaria afetada; a liturgia não se interromperia; se escutariam os anúncios; se recolheriam as oferendas; se pregaria o sermão; e se ofereceria o cântico final. Igualmente a Sansão em seu tempo, a congregação seguiria adiante com o programa religioso "sem saber que Jeová já não estava com ele" (Juízes 16:20).

Por contraste, o único fator sustentador da assembléia neotestamentária era a vida do Espírito Santo. A igreja primitiva dependia inteiramente da vida espiritual dos membros individuais para manter sua existência. Portanto, se a vida de uma reunião neotestamentária estava em decadência, todos o saberiam —não podia passar por alto o frio alento da morte . Além disso, se o Espírito de Deus se ausentasse de uma congregação, a reunião vinha totalmente abaixo. Em suma, a igreja neotestamentária não conhecia nenhuma outra influência mantenedora que a vida do Espírito na comunidade de crentes. Não dependia de nenhum sistema programado pelo homem, planejado humanamente e abastecido institucionalmente, para preservar seu impulso.

Neste aspecto, a igreja institucional não é outra coisa senão um tabernáculo mosaico da antigüidade, após a arca de Deus ter sido retirada do mesmo. Quando a presença de Deus saiu desse tabernáculo santo, o mesmo ficou reduzido a nada mais que uma cobertura vazia acompanhada de um exterior impressionante. Contudo, apesar do fato da glória do Senhor ter partido, os adoradores continuaram oferecendo seus sacrifícios no tabernáculo vazio (1 Crônicas 16:39, 40; 2 Crônicas 1:3-5; Jeremias 7:12). Para usar a figura veterotestamentaria, a igreja institucional confundiu a preparação do altar com o fogo consumidor. Ficando contente com a arrumação das peças do sacrifício sobre o altar, a igreja institucional já não vê a necessidade do fogo celestial (exceto, quiçá, para que o povo que assiste).

Portanto, a tragédia da igreja institucional reside radicalmente em sua dependência de um sistema religioso projetado humanamente e impulsionado por programas que servem para sustentar com andaimes a estrutura da ‘igreja’ quando o Espírito de Deus está ausente. Este sistema empobrecido revela o fato de que quando a vida espontânea do Espírito Santo se retira de um grupo de crentes, esse grupo cessa de ser uma igreja em todo sentido bíblico, ainda que a forma exterior fique preservada. John W. Kennedy resume bem isto:

*O homem sempre trata de conservar o que Deus recusa, como a história da igreja o demonstra adequadamente. Vê-se o resultado disto na maioria das denominações de hoje, muitas das quais são monumentos mortos de glórias que há muito desapareceram... Será que o povo de Deus, ao erigir ‘catedrais’ de tijolos e cimento que tiveram que ser mantidos muito depois que a luz do Espírito se apagou, não frustra o propósito de Deus? (*Secret of His Purpose *—O segredo de seu Propósito).*

A objeção clerical

Embora o Novo Testamento pontue abundantemente o fato das reuniões eclesiais da igreja primitiva serem livres, participativas e espontâneas, hoje em dia muitos ministros modernos recusam aprovar tais reuniões. A opinião eclesiástica moderna referente a este assunto raciocina mais ou menos assim: "Se eu permitisse que *minha* congregação exercesse seus dons numa reunião livre, haveria um completo caos; portanto, não tenho outra alternativa a não ser controlar os cultos para que o povo não fique fora de controle". Tal objeção tem sérias falhas em vários pontos e revela uma crassa incompreensão da eclesiologia de Deus.

Em primeiro lugar, a mera noção de que um ministro tem a autoridade de 'permitir' ou 'proibir' seus co-irmãos de exercer seus dons, está cimentada num enviesado entendimento da autoridade e ministério eclesiásticos (escrevo mais sobre isto adiante). O ponto essencial disto é que ninguém tem o direito de permitir ou proibir o sacerdócio dos crentes no exercício de seus dons outorgados pelo Espírito Santo.

Segundo, supor que sobreviria um caos se se suprimisse o controle eclesiástico, revela uma falta de confiança no Espírito Santo. Também revela falta de confiança no povo de Deus, algo que não é paulino em absoluto (Romanos 14:2; 2 Coríntios 2:3; 7:6; 8:22; Gálatas 5:10; 2 Tessalonicenses 3:4; Filemón 21; vide também Hebreus 6:9).

Terceiro, a idéia de que a reunião eclesial se converteria numa tumultuosa contenda geral, simplesmente não é verdade. Se os santos estão apropriadamente habilitados em seu uso dos dons espirituais e sabem como submeter-se ao Espírito Santo, então uma reunião livre em que todos participam é algo glorioso. (A propósito, os cristãos não se habilitam escutando sermões enquanto estão sentados nos bancos semana após semana. O resoluto temor que há entre os pregadores profissionais em franquear seus serviços eclesiais para um ministério espontâneo, é uma clara prova disto).

Mesmo que as reuniões livres participativas não sejam sempre tão formais e esmeradas como os cultos tradicionais que decorrem em forma perfeita, no que toca à liturgia (não escrita) do pastor, as mesmas, naturalmente, revelam bem mais da plenitude do Ungido e da preciosidade de seu povo, que nenhum arranjo humano pode jamais manufaturar.

Naturalmente, há ocasiões (especialmente nas etapas iniciais da vida de uma igreja) em que alguns contribuem com um ministério improdutivo. Mas o antídoto para isso não é obstar o ministério espontâneo. Pelo contrário, aqueles que prestam um ministério não edificante devem ser corrigidos. E isso cai na maioria das vezes sobre os ombros dos irmãos mais maduros, a saber, os anciãos (escrevo mais sobre isto depois).

É bom lembrar que quando Paulo encarou o frenético atoleiro em Corinto não clausurou a reunião nem introduziu um ministério humano. Pelo contrário, proporcionou aos irmãos várias pautas gerais para facilitar o ordem e a edificação nas reuniões (1 Coríntios 14:1 e ss.). Além disso, Paulo confiava que a igreja absorveria essas pautas. Da mesma maneira, se hoje em dia essas pautas fossem seguidas, não haveria necessidade de um ministério humano nas reuniões da igreja, nem de liturgias estabelecidas, nem de serviços ou cultos preplanificados. G.H. Lang explica isto:

*Quando se reuniam, não havia evidência de nenhum líder visível, nem se seguia nenhum programa previsto. Dois ou até três profetas podiam dirigir-se à assembléia; introduziam-se salmos, orações e outros exercícios em forma espontânea (1 Coríntios 14). Põe-se grande ênfase nisto enquanto propósito divino, pois ao surgirem graves desordens e tornarem-se impróprias e improdutivas as reuniões (1 Coríntios 11, 14), o Apóstolo não sugere de modo algum nenhuma outra forma de culto, mas apenas estabelece alguns princípios gerais, a aplicação dos quais preveniria a desordem e promoveria a edificação, continuando o método de adoração essencialmente igual que antes. Na verdade devia-se acabar com os falatórios vaidosos e enganosos (ver 1 Timoteo 1:3; Tito 1:10-16); mas não tinha força legislativa nem coerciva; a autoridade dos anciãos era puramente moral... Portanto, era desconhecido o fato de que a assembléia estivesse controlada por um homem. Mediante seu Espírito, o Senhor mesmo estava presente em forma tão real como se estivesse visível. De fato, pela fé Ele era visível; e estando O mesmo ali, qual servo seria tão irreverente ao ponto de tirar-Lhe das mãos o controle do culto e do ministério? Mas, por outro lado, muito certamente não se tratava de que qualquer tivesse a liberdade de ministrar . A liberdade consistia em que o Espírito Santo fizesse sua vontade, não que seu povo fizesse como quisesse... Na casa de Deus todos os direitos passam unicamente ao Filho de Deus. A igreja pós-apostólica se desviou prontamente desta pauta (*The Churches of God */As igrejas de Deus /).*

No fundo, a tendência a recusar a reunião eclesial ao estilo neotestamentario revela uma falta de confiança no Espírito Santo. Rendle Short, citado por G.H. Lang em seu livro, dá um toque ainda mais sutil a isto dizendo:

Nós desperdiçamos a obra de Deus e empobrecemos nossa alma se nos desviamos deste princípio [reuniões livres participativas). Alguns podem dizer: "Mas não se cairá numa terrível confusão se se tentar praticar estas pautas? Naqueles dias tinham o Espírito Santo que os guiava, mas hoje, a não ser que ponhamos a alguém preparado para exercer o cargo, será que não nos extraviaremos desatinadamente, em reuniões insossas, confusas, infrutuosas, quiçá até impróprias?". Isto não é praticamente uma negação do Espírito Santo? Nos atrevemos a negar que o Espírito Santo ainda é dado? O Espírito Santo está fazendo em nossos dias tanto quanto fazia naqueles dias... Que ninguém pense que aquilo que as vezes é chamado de 'reunião livre', significa dizer que os santos

*reunidos estão sob a graça de algum charlatão inútil que crê que tem algo a dizer, e que quer impor-se sobre os demais. A reunião livre não é uma reunião livre para o homem. É uma reunião livre para o Espírito Santo. Há alguns aos quais se deve tampar a boca (Tito 1:10-14). As vezes se pode tampar a boca deles por meio da oração, e as vezes há que os reprimir por meio de uma piedosa admoestação... Mas mesmo descuidando em fazer cumprir este princípio, não nos dêmos por vencidos quanto aos princípios de Deus, (*The Churches of God */As igrejas de Deus /).*

Em Números 11 temos a primeira aparição do clericalismo na Bíblia. Dois servos do Senhor, Eldad e Medad, receberam o Espírito de Deus e profetizaram no acampamento (vv. 26 e 27). Respondendo negativamente um jovem urgiu a Moisés que "os impedisse" (v. 28). Mas Moisés calou a boca do jovem supressor, declarando que era desejo de Deus que *todo* seu povo tivesse o Espírito e profetizasse. Esse desejo se cumpriu o dia de Pentecostes (Atos 2:17, 18) e continua se cumprindo hoje em dia (Atos 2:38, 39; 1 Coríntios 14:1, 31). Desafortunadamente a igreja moderna não admoesta aqueles que desejam impedir outra vez que Eldad e Medad ministrem na casa do Senhor. Oxalá Deus levante uma multidão de crentes que tomem a mesma atitude de Moisés para que o Pai tenha o que é legitimamente seu —um reino de sacerdotes funcionais, que sirvam sob a liderança de seu Filho (como Cabeça).

Liderança (como Cabeça) frente a Senhorio

Neste ponto pode resultar útil notar a cuidadosa distinção que se faz na Bíblia entre Liderança (como Cabeça) e Senhorio. Ao longo do Novo Testamento, ao falar da *Liderança* do Ungido (como Cabeça) praticamente sempre se tem em vista sua relação com seu Corpo (Efésios 1:21; 4:15; 5:23; Colossenses 1:18; 2:19), enquanto que ao falar no Senhorio de Jesus Cristo praticamente sempre se tem em vista sua relação com indivíduos (Mateus 7:21 , 22; Lucas 6:46; Atos 16:31; Romanos 10:9, 13; 1 Coríntios 6:17). O que o Senhorio é para o *indivíduo*, a Liderança (como Cabeça) é para a *igreja*. Portanto, Liderança (como Cabeça) e Senhorio são duas dimensões da mesma coisa. *A Liderança (como Cabeça) é Senhorio desenvolvido na vida corporativa do povo de Deus.*

É importante compreender esta distinção, porque a mesma lança luz sobre o problema da prática da igreja hoje em dia. É muito comum que os cristãos conheçam o Senhorio de Jesus Cristo e, não obstante, saibam pouco de sua Liderança (como Cabeça). Por exemplo, um crente pode submeter-se realmente ao Senhorio de Jesus em sua própria vida pessoal. Pode obedecer o que entende na Bíblia, orar fervente e regularmente e viver uma vida de abnegação de piedade pessoal e de amor por outros. Contudo, pode ao mesmo tempo não saber nada a respeito do ministério compartilhado, da responsabilidade mútua e do testemunho coletivo.

Em suma, estar sujeito à Liderança (como Cabeça) de Jesus, significa obedecer sua vontade com respeito à vida e à prática da igreja. Isso inclui coisas tais como discernir a mente de Deus mediante ministério e participação mútuos, obedecer ao Espírito Santo mediante sujeição e servidão mútuas, e testemunhar de Jesus Cristo coletivamente mediante projeção e unidade mútuas. A submissão à Liderança (como Cabeça) do Ungido encarna o ensino neotestamentária de que Jesus é não só Senhor da vida *dos homens*, mas que Ele é Dono e Senhor da vida *da igreja* . E a Bíblia é clara quando estabeleçe a Liderança (como Cabeça) de Jesus Cristo na terra e lhe dá uma expressão concreta, Ele será a Cabeça sobre todas as coisas no universo (Colossenses 1:16-18).

Com clareza comovedora, Arthur Wallis descreve a inseparável conexão que há entre a Liderança (como Cabeça) de Jesus Cristo e seu Senhorio, dizendo:

*Jesus Cristo ensinou que nosso compromisso com Ele deve ser de todo coração. Isso quer dizer negar-se a si mesmo, tomar a cruz e seguí-lo. Mas as Escrituras são igualmente claras ao dizer que nossa atitude para com O Ungido se reflete em nossa atitude para seu povo. Como é nossa atitude para a Cabeça, assim será nossa atitude para com seu Corpo. Não podemos estar dedicados de todo coração a Jesus Cristo e apenas medianamente a sua igreja (*The Radical Christian */O cristão radical/).*

Considerações Finais

Concluo este capítulo com várias perguntas para considerar:

É possível que o protestantismo evangélico moderno tenha afirmado apenas *intelectualmente* a doutrina do sacerdócio dos crentes, mas que tenha falhado em aplicá-la *na prática*, devido ao sutil engano de tradições profundamente arraigadas? Nossos serviços eclesiais modernos, que estão na maioria das vezes cimentados ao redor do sermão de um homem e do programa de adoração de um grupo musical estabelecido, refletem as reuniões normativas que achamos em nossa Bíblia ou são diferentes delas? Por que as reuniões eclesiais livres, participativas, eram boas para os cristãos primitivos, mas de algum modo são impraticáveis ou perigosas para nós hoje? Finalmente, é nossa prática da igreja uma expressão da completa Liderança (como Cabeça) do Ungido ou da liderança de um homem?

Que Deus nos ajude a responder estas perguntas sinceramente e à luz de sua Palavra.

CAPÍTULO 2 - O OBJETIVO DA REUNIÃO ECLESIAL

O Novo Testamento demonstra claramente que o propósito principal da reunião eclesial da igreja primitiva era a mútua edificação, práticas como o "partir do pão", ou a "Ceia do Senhor", apontam igualmente para esse objetivo central. Isto fica sobradamente estabelecido por passagens como Atos 20:7 e 1 Coríntios 11:20, 33:

No primeiro dia da semana, reunidos os discípulos para partir o pão, Paulo lhes ensinava...

Quando vocês se reúnem para comer, não é a Ceia do Senhor que comem... Assim, queridos irmãos, quando se REUNIREM PARA COMER, esperem uns pelos outros .

O marco central da reunião eclesial neotestamentária não era outra outra coisa senão a Ceia do Senhor. Atos 20 descreve os discípulos se reunindo para partir o pão no dia do Senhor. Em sua carta à igreja de Corinto, Paulo censura aos irmãos por desviarem-se do objetivo normal da assembléia, repreendendo-lhes não por reunir-se para comer a Ceia do Senhor (que era o que deviam ter feito), mas por reunir-se para comer sua própria ceia! Com respeito a isto, lemos em Atos 2:42 que os cristãos primitivos perseveravam com "o repartir do pão", entre outras coisas essenciais.

O Repartir do Pão Incorpora a Jesus Cristo em Sua Obra Salvadora

O repartir do pão incorpora as principais características da vida cristã. Em primeiro lugar, assinala-nos a humanidade de Jesus. Da mesma forma que o Filho de glória tomou sobre Si a forma de servo na humildade de carne humana, assim também o pão, na qualidade do mais básico e humilde de todos os alimentos, assinala a humildade de nosso Messias. Ao tomar sobre Si nossa humanidade, Jesus, o Filho do Homem, fez-se acessível a todos, da mesma forma que o pão é exeqüível a todos nós, tanto ricos como pobres.

O repartir do pão também nos recorda a cruz em que o Corpo de nosso Senhor foi quebrantado, e a previdência que foi adquirida para nós. Os próprios elementos presentes na Mesa do Senhor representam a morte; o pão vem do trigo moido e o vinho vem da uva prensada. O repartir do pão representa não apenas a morte de Jesus, como também a sua ressurreição.

Pelo fato do grão de trigo ter caido na terra, agora vive para produzir muitos grãos como ele mesmo (João 12:24). Por esta razão nosso Senhor declarou que se comemos sua carne e bebemos seu sangue, obteremos vida (João 6:53). Com respeito a isto, a revelação de Jesus Cristo Ressuscitado é inseparável do pão. Quando o Senhor Ressuscitado comeu com seus discípulos, repartiu o pão com eles (João 21:13). Ademais, o Jesus Ressuscitado não se revelou plenamente aos dois homens no caminho de Emaús, mas apenas depois de ter partido e distribuído o pão (Lucas 24:30-32).

O depoimento da unidade do Corpo do Ungido, a igreja, está também incorporado no repartir do pão. Recorde-se que era um só filão de pão o que os primeiros discípulos partiam semanalmente em cada localidade. Segundo as palavras de Paulo, "Sendo um só o pão, nós, mesmo sendo muitos, somos um corpo; pois todos participamos daquele mesmo pão" (1 Coríntios 10:17). Seguramente o Senhor se entristece quando multidões de seus filhos que vivem na mesma comunidade, partem o pão como se fossem individualmente um Corpo separado. Em suma, partir o pão enquanto se tem um espírito sectário, é uma coisa séria aos olhos de Deus. Esse era o erro da igreja de Corinto, e Paulo os admoestou austera e severamente por isso (1 Coríntios 11:27-29).

Ceia do Senhor — Alimento do Pacto

É importante assinalar que originalmente se tomava a Ceia do Senhor no contexto de uma ceia maior. Quando o próprio Mestre instituiu a Ceia, a mesma foi tomada como parte da festa da Páscoa —que funcionou ao longo do Antigo Testamento como uma prefiguração da Ceia do Senhor. Ademais, todo capítulo 11 de 1 Coríntios deixa claro que os crentes se reuniam para comer a Ceia como refeição —porque pareceria muito forçado embriagar-se com um dedalzinho de vinho ou satisfazer a fome com um pedacinho de bolacha (vv. 21, 22; 33, 34). O termo neotestamentário usado aqui para "ceia", significa literalmente uma refeição (principal) ou um banquete, e o termo neotestamentário usado para "mesa", indica uma mesa onde era servida uma refeição completa e abundante (Lucas 22:14; 1 Coríntios 10:21).

Portanto, na igreja primitiva, a Ceia do Senhor compreendia uma refeição de confraternização. (Hoje, os eruditos neotestamentários de todas as vertentes denominacionais concordam com isto.) A mesa de comunhão dos santos —uma festa familiar— era uma refeição pactual. Por esta razão, a igreja primitiva se referia à Ceia como *Ágape,* ou festa de amor (2 Pedro 2:13; Judas 12). Lamentavelmente, muitos séculos de tradição eclesiástica fizeram com que a presente versão truncada da Ceia seja algo muito diferente do que era no Novo Testamento. Como resultado, o significado comunal do repartir do pão se perdeu quase que completamente. Robert Banks observa o seguinte com respeito ao marco dialogal da Ceia:

A forma mais visível e profunda na qual a comunidade expressa fisicamente sua confraternização é a refeição comum e constante. O termo 'deipnon' /dipnon/ (1 Coríntios 11:20), que significa 'refeição' (principal), quer dizer que a mesma não era uma ceia parcial, um 'bocado' (como veio a ser desde então), ou parte de uma ceia

*(como as vezes se visualiza), mas uma ceia comum, completa... O pedido de Paulo aos 'famintos' para que comessem antes de sairem de suas casas (vv. 22, 34), não representa o começo de uma separação da Ceia do Senhor da refeição em si. Paulo simplesmente tratava de evitar abusos introduzidos na ceia em Corinto... Esta ceia é vital, porque quando os membros da comunidade comem e bebem juntos, sua unidade chega a ser uma expressão visível. Portanto, a refeição comum é realmente um acontecimento social... A comida que compartilhavam juntos, recordava aos membros a relação que tinham com O Ungido e uns com os outros, e aprofundava essa relação da mesma maneira que a participação numa refeição comum e corrente estreita e simboliza o vínculo que há entre os membros de uma família ou grupo (*Paul's Idea of Community */O conceito que Paulo tinha da comunidade /).*

G.H. Lang argui neste mesmo sentido dizendo:

*Foi durante a refeição social relacionada com a festa da Páscoa que o Senhor introduziu uma nova associação desse pão e desse cálice com sua própria Pessoa e obra. Da mesma maneira 1 Coríntios 11 mostra que os crentes de Corinto observavam a Ceia enquanto refeição social de todo o grupo. Essa refeição era conhecida como 'Agape' ou festa de amor, e apesar da mesma ter sofrido certos abusos em Corinto, o Apóstolo não repudia essa prática, mas regula sua observância... É saudável que nossa mente visualize esta ilustração. O lugar, uma casa comum e movimentada; a ocasião, uma refeição habitual; a Ceia, igualmente sociável, singela e calma. Sem edifício eclesiástico, sem sacerdote, sem funcionário contratado, sem altar, sem sacrifício, sem vestimenta, sem ornamentos, sem vitrais, sem velas, sem incenso, sem crucifixos, e sem nenhuma formalidade. A Ceia, observada com singeleza; o lar, honrado com ela; a comida comum e farta, santificada e solenizada (*The Churches of God */As igrejas de Deus/).*

Finalmente, o repartir do pão assinala a futura vinda de Jesus Cristo em glória, com o Noivo presidindo essa suntuosa festa de casamento para ceiar com sua amada Noiva de uma maneira inteiramente nova no reino do Pai (Mateus 26:29). Portanto, a Ceia do Senhor tem também alusões escatológicas. É uma festa dos dias futuros —uma figura do Banquete Messiânico que ocorrerá no futuro *e[scaton /éschaton* = final/ (Mateus 22:1-14; 26:29; Lucas 12:35-38; 15:22-32; Apocalipse 19:9). Portanto, o repartir do pão sempre é visto no contexto de uma ceia comemorativa, caracterizada pela alegria e pela ação de graças (Lucas 22:17; Fatos 2:46; 1 Coríntios 10:16). É uma prazerosa recordação não apenas do que nosso Senhor fez no Calvário, como também do que Ele fará quando retornar em seu glorioso reino.

Em suma, o repartir do pão tem ligações com o passado, o presente e o futuro. É uma *re*proclamação da gloriosa morte redentora do Senhor por nós no *passado*, uma *re*declaração de sua contínua e permanente presença em nós no presente , e um *re*pronunciamento da inerente esperança de sua Vinda no futuro . Além disto, a Ceia do Senhor entranha o ganho prático das três virtudes principais, a fé, a esperança e o amor. Por meio da Ceia nos *re*estabelecemos nessa gloriosa salvação que é nossa pela fé , *re*expressamos nosso *amor* pelos irmãos refletindo a unidade de um só Corpo, e nos regozijamos na esperança da eminente volta de nosso Senhor. Por meio de sua correta observância, "proclamamos (presente) a morte do Senhor (passado) até que Ele venha (futuro)".

Enquanto alguns tornaram a Ceia do Senhor algo literal e sacrificial, outros a fizeram meramente simbólica e comemorativa. Mas a Ceia do Senhor não é nem um sacrifício perpétuo nem um ritual vazio. Não entranha alusões sacramentais nem pode ser concebida apropriadamente apenas como um modo de pensar histórico. Ou seja, a Ceia do Senhor é uma *realidade espiritual*. Isto é, o Espírito Santo está presente nela, revelando o Ungido vivente nos corações de seus amados santos, que ceia com eles mediante um filão de pão e um cálice. Com respeito a isto, nosso Senhor usava com freqüência a figura de comer e beber para representar nossa comunhão espiritual com Ele (João 4:14; 6:51; 7:37; Apocalipse 3:20). Eric Svendsen resume propriamente os traços principais da Ceia do Senhor:

*A Ceia tinha uma ampla ordem de propósitos. Em primeiro lugar, servia como uma expressão de solicitude pelos pobres na comunidade de crentes. Com toda probabilidade, a Ceia era uma refeição comum e constante que os mais ricos proporcionavam para mostrar seu amor pelos cristãos menos afortunados. Foi provavelmente este propósito que resultou na adoção do título 'Ágape'. Uma segunda dimensão da Ceia era que compelia a comunidade cristã a praticar a teologia de igualdade de condição no Ungido, que violava a norma societária grega de ter banquetes homogêneos, nos quais se reconheciam agudamente as distinções de classes... Outro objetivo da Ceia, muito importante e no entanto com freqüência passado por alto, é seu enfoque escatológico. A Ceia do Senhor prefigura o Banquete Messiânico e opera como um meio de pedir ao Messias que venha outra vez. A Ceia tem de ser repetida de forma regular para expressar esta petição e para proporcionar aos participantes a oportunidade de proclamar a uma só voz: ' Maranata!' (*The Table of the Lorde */A Mesa do Senhor/)*

A Ceia e a Mesa

À luz de tudo o que se disse aqui, seria instrutivo notar a cuidadosa distinção que no Novo Testamento faz entre a *Ceia* do Senhor e a *Mesa* do Senhor. Enquanto ambos têrmos assinalam a prática singular de partir o pão, entre eles existe uma sutil diferença de ênfase.

Em 1 Coríntios 10:16-22, Paulo fala a respeito da Mesa do Senhor (v. 21). Ali a ênfase está na igreja, e o pão aponta para a unidade do Corpo do Ungido (v. 17). A *comunhão* e a *unidade* são os conceitos dominantes na Mesa, e as mesmas aguçam nosso enfoque no aspecto de confraternidade da refeição (vv. 16, 17). Em 1 Coríntios

11:17-34 , Paulo fala a respeito da Ceia do Senhor (v. 20). Ali a ênfase está na morte do Senhor por nós, e o pão aponta para o Corpo físico de nosso Senhor que foi morto para nossa redenção (v. 24). *Recordar* e *proclamar* são os principais conceitos na Ceia, e os mesmos dirigem nossa atenção ao aspecto da morte sacrificial do alimento (vv. 25, 26).

Na Mesa, o que se tem em mira é a relação horizontal da comunidade de crentes; na Ceia, o que se tem em mira é a relação vertical entre os crentes e O Ungido. Dito de outra maneira, a Mesa é o lugar de nossa confraternidade, participação e refeição; a Ceia é a essência de nossa comida. A Mesa é o *ambiente* para nossa comunhão. A Ceia é a *substância* de nossa comunhão. Embora a Mesa e a Ceia sejam diferentes, não estão separadas.

A Centralidade da Mesa do Senhor na Reunião eclesial

Do ponto de vista prático, o legítimo lugar da Mesa do Senhor na reunião eclesial nos livra de nossa tendência natural, como criaturas subjetivas, de ficar abstraídos em nós mesmos. Quando nossas reuniões estão estruturadas ao redor da Mesa do Senhor, tiramos toda nossa atenção de nós mesmos e a fixamos no Ungido. Desta maneira, o repartir do pão nos recorda a centralidade da Cabeça invisível que sempre está presente quando nos reunimos. Talvez seja por isto que a Mesa do Senhor é a única coisa material que na Bíblia menciona como algo presente nas reuniões da igreja. Aqui se encaixam as palavras de Hugh Kane:

*O que ocupava o lugar mais conspícuo nas assembléias do povo de Deus, não era nem um 'pregador', nem um 'púlpito', mas uma 'mesa' em que estavam os símbolos: 'pão e vinho'. Aqueles crentes primitivos estavam congregados para Ele (Mateus 18:20). Ele era o imã que atraía o coração deles, que os cativava e satisfazia. A formosura desse método de reunião era sua própria simplicidade. Não tinha nem arranjos, nem ornamentos humanos! Não tinha 'serviço de altar', nem 'vestimentas sacerdotais', nem 'coros especialmente ataviados' ... não tinha ninguém que dirigisse sua adoração congregacional senão o Espírito Santo; Ele era suficiente. Ele dirigia seus corações para O Ungido... Era formoso e honrava a Deus, porque era sua própria disposição. O vangloriar da carne não achava lugar ali. Não se olhava a ninguém mas a 'Jesus somente'. (*My Reasons */Minhas razões/)*.

Estas são tão somente umas poucas verdades preciosas inseparáveis do repartir do pão —verdades que ajudam a explicar por que os cristãos primitivos o tornavam objeto central de suas reuniões eclesiais semanais. Basta dizer que a prática do repartir do pão foi instituído pelo próprio Senhor Jesus (Mateus 26:26) e transmitido a nós pelos apóstolos (1 Coríntios 11:2). Tendo isto em vista não deveriam o ensino e o exemplo neotestamentários determinar hoje nosso enfoque da Ceia do Senhor?

Que o Senhor nos ajude a não mais desatender o lugar singular do que Deus reservou para a Mesa de seu Filho em nosso meio.

CAPÍTULO 3 - O SIGNIFICADO DA REUNIÃO ECLESIAL

Alguma vez já lhe perguntaram: "Que igreja você frequenta?". Esta pergunta é muito comum hoje em dia, de modo especial entre cristãos. No entanto , esta pergunta em si toca uma nota significativa no propósito de Deus. Considere você a seguinte situação:

Suponhamos que no lugar onde você trabalha, um novo empregado foi recentemente contratado. Ao falar com ele, você se intera de que é cristão. Quando lhe pergunta a que igreja vai, ele lhe responde dizendo:

—Eu frequento uma igreja que se congrega numa casa.

Ao escutar sua resposta, que pensamentos percorrem tua mente? Pensa você: "Bom, isso é bastante estranho —este tipo deve ser um desajustado religioso ou alguma classe de proscrito emocional." Ou: "Talvez faça parte de alguma seita estranha ou de algum excêntrico grupo marginal." Ou: "Este cara deve ser orientado —porque não frequenta uma igreja *regular*?" Ou: "Seguramente este tipo tem de ser algum grupo rebelde; provavelmente é incapaz de submeter-se, caso contrário estaria frequentando uma igreja *normal* —você sabe, aqueles que congregam em um edifício."

Desafortunadamente, estes são os pensamentos que passam pela mente de muitos cristãos modernos, ao se depararem com a idéia de uma 'reunião de igreja caseira'. Mas aqui está o ponto central: o lugar de reunião desse novo empregado era exatamente o mesmo de todos os cristãos mencionados no Novo Testamento! De fato, durante os primeiros três séculos desde seu nascimento, as igrejas locais se reuniam nos lares de seus membros. Robert Banks, erudito neotestamentário, faz esta observação:

*Considerando pequenas reuniões de apenas alguns cristãos numa cidade, como reuniões maiores que compreendiam toda a população cristã, era no lar de um dos membros onde se tinha a 'ekklesía' —por exemplo no 'terraço'. Apenas depois de passados três séculos é que temos evidência da construção de edifícios especiais para as reuniões cristãs (*Paul's Idea of Community */O conceito que Paulo tinha da comunidade/).*

O lugar que os cristãos primitivos usavam normalmente para reunir-se não era outro senão suas casas. Qualquer outra coisa seria exceção e, com toda segurança, seria algo *fora* do comum. Note você as passagens seguintes:

...E (os que tinham crido, partiam) o pão NAS CASAS .. (Fatos 2:46)

E Saulo assolava a IGREJA, invadindo CASA por CASA... (Atos 8:3)

...Mesmo assim nunca fugi de falar a verdade a vocês, tanto publicamente como NAS SUAS CASAS... (Atos 20:20)

Saudai a Priscila e a Áquila, meus colaboradores em Cristo Jesus... Saudai também à IGREJA de sua CASA... (Romanos 16:3 e 5)

As igrejas de Ásia vos saúdam. Áquila e Priscila, com a IGREJA que está em sua CASA, saúdam-vos muito no Senhor. (1 Coríntios 16:19)

Saudai aos irmãos que estão em Laodicéa, a Ninfas e à IGREJA que está em sua CASA. (Colossenses 4:15)

...E à amada irmã Apia, e a Arquipo nosso colega de milícia, e à IGREJA que está em tua CASA. (Filemom 2)

Se alguém vem a vocês e não traz esta doutrina, não o recebais em CASA, nem lhe digais: Bem-vindo! (2 João 10)

Estes textos bíblicos demonstram amplamente que, normalmente, a igreja primitiva se reunia nos hospitaleiros lares de seus membros (vide também Atos 2:2; 9:11; 10:32; 12:12; 16:15, 34 e 40; 17:5; 18:7; 21:8). Portanto, os crentes do primeiro século não sabiam nada a respeito do equivalente a um edifício de 'igreja' de hoje. Também não sabiam nada a respeito de casas convertidas em basílicas, com bancos fixos de madeira dura, com um púlpito acompanhando o mobiliário da salão .Se tais coisas são comuns no século vinte, as mesmas eram estranhas para os crentes do primeiro século. Os cristãos primitivos simplesmente se congregavam em casas, em habitações comuns e normais. Assim, pois, o Novo Testamento não conhece nada parecido com 'edifícios/igrejas'. Conhece a 'igreja caseira'.

Que fazia a igreja primitiva quando tornava-se demasiado grande para congregar-se numa só casa? Não erigia um edifício, mas simplesmente se 'multiplicava' e se reunia em várias casas, seguindo o princípio 'nas casas' (Atos 2:46; 20:20). Neste aspecto, a erudição neotestamentária concorda hoje em que a igreja primitiva era essencialmente uma rede de congregações baseadas em lares. Portanto, se existe algo considerado como igreja *normal*, esse algo é a igreja que se reúne numa casa. Ou como um autor expressou: "Se há uma forma neotestamentária da igreja, é a igreja caseira."

Não obstante, alguns argumentam dizendo que os cristãos primitivos teriam erigido edifícios especiais, se não estivessem sob perseguição; portanto, reuniam-se em lares para esconderem-se de seus perseguidores. Embora tal idéia seja algo popular, é baseada em pura conjectura e se conforma pobremente com a evidência histórica. Bill Grimes, no livro de Steve Atkerson, cristaliza este ponto dizendo:

*Muitos descartam as igrejas caseiras primitivas como resultado de perseguição. No entanto, qualquer livro da história da igreja terá de revelar que a perseguição anterior ao ano 250 era esporádica, local (não generalizada) e normalmente mais resultante da hostilidade do populacho do que de um decreto oficial romano. Assim, este mito da 'perseguição' distoa das Escrituras. Atos 2:46 , 47 descreve as reuniões caseiras num tempo em que "a cidade inteira tinha simpatia com eles". Quando eclodiu a perseguição, o fato deles se reunirem nas casas não impediu Saulo de saber exatamente onde ir para prender os crentes (Atos 8:3). Obviamente eles não mantinham segredo sobre o local onde se reuniam (*Toward a House Church Theology */Por uma teologia da igreja caseira/).*

Se lemos o Novo Testamento com a intenção de entender como os cristãos do primeiro século se relacionavam uns com os outros, descobriremos que se reuniam em suas casas por razões que estão em harmonia com seus princípios espirituais. Assim, estas razões são aplicáveis a nós hoje com tanta pertinência como eram aos primeiros cristãos. Vejamos aqui algumas delas.

(1) O Lar é o Ambiente Natural para a Relação Mútua

Todas as instruções que os apóstolos deram com respeito à reunião eclesial, encaixam melhor no ambiente do pequeno grupo caseiro. As práticas eclesiais apostólicas regulamentares, como a participação mútua (Hebreus 10:24, 25); o exercício dos dons de cada membro (1 Coríntios 14:26); a mútua edificação, os irmãos costituindo uma comunidade em contato direto, intencional (Efésios 2:21, 22); a refeição comunal (1 Coríntios 11); a transparência e a responsabilidade sinceras dos membros uns para outros (Romanos 15:14; Gálatas 6:1, 2; Tiago 5:16, 19, 20); a liberdade de perguntar e do diálogo interativo (1 Coríntios 14:29-40); e a *koinwníiva /koinonía/* (vida compartilhada) do Espírito orientada para a liberdade (2 Coríntios 3:17; 13:14), todas operam melhor num ambiente de grupo pequeno tal como uma casa.

Em suma, as mais de cinquenta exortações envolvendo "uns aos outros" que há no Novo Testamento não podem ser obedecidas e levadas para o campo da prática devidamente, a não ser em um ambiente caseiro. Por esta razão, a reunião eclesial caseira conduz eminentemente à realização do propósito eterno de Deus —um propósito centrado na "edificação conjunta" de um Corpo na semelhança do Ungido (Efésios 2:19-22).

(2) O Lar Representa a Singeleza da Vida cristã

O lar representa humildade, naturalidade e singeleza de coração —as características sobressalentes da igreja primitiva (Atos 2:46; 2 Coríntios 11:3). O lar (falando tipicamente) é um lugar bem mais humilde do que os imponentes edifícios religiosos de nossos dias, com suas elevadas torres, elegantes decorações e espaçosas naves. Deste modo, a maioria dos modernos edifícios da 'igreja' parecem refletir mais a ostentação deste mundo, do que o manso e humilde Salvador cujo nome levamos.

Por contraste, os cristãos primitivos tentavam atrair a atenção para seu Senhor Ressuscitado, bem mais do que para si mesmos ou para suas próprias realizações. Além disso, normalmente, os gastos gerais de um edifício religioso representam muita perda financeira aos irmãos. Seriam mais generosas suas mãos para sustentar obreiros apostólicos (missionários) e para ajudar aos pobres se não tivessem que levar um ônus tão pesado.

(3) O Lar Reflete a Natureza Familiar da Igreja

Há uma afinidade natural entre a reunião caseira e o motivo familiar da igreja que satura os escritos de Paulo. Pelo lar ser o ambiente natural da família, o mesmo proporciona uma atmosfera familiar à *ejkklesiiva /ekklesia/* —essa mesma atmosfera que saturava a vida dos cristãos primitivos. Em contraste, o ambiente artificial proporcionado pelo edifício eclesiástico promove um clima impessoal que, por sua vez, inibe a intimidade e a responsabilidade. O edifício eclesiástico convencional produz uma verdadeira rigidez sofocante que é contrária à grata atmosfera extraoficial da reunião caseira. Ademais, é bem fácil 'perder-se' num vasto e complexo edifício. Devido à natureza espaçosa e remota da igreja basílica, não é difícil que as pessoas passem desapercebidas —ou pior, ocultas em seus pecados. No lar não é assim. Todas nossas falhas aparecem ali —e com razão é assim. Na reunião cada um é reconhecido, aceito, alentado e ajudado.

Além disso, a maneira formal como as coisas são feitas numa igreja basílica, tende a desanimar a correspondência e espontaneidade mútuas que caracterizavam às reuniões eclesiais primitivas. Por exemplo, se você se esforça em interpretar a arquitetura de um típico edifício de igreja, descobrirá que efetivamente o mesmo ensina que a igreja é passiva. A estrutura interior do edifício não foi desenhada para que haja comunicação interpessoal, coesão social, ministério mútuo ou confraternização. Pelo contrário, está desenhada para uma rígida comunicação unidirecional —púlpito para banco, líder para congregação.

Nesse aspecto, o típico edifício de 'igreja' não é diferente de um salão de conferências ou de um cinema. A congregação se encontra cuidadosamente acomodada em bancos (ou poltronas) para ver e escutar o pastor (ou sacerdote) que fala desde o púlpito. O público fixa sua atenção num só ponto —o líder clerical e seu púlpito. (Nas igrejas litúrgicas, a mesa/altar toma o lugar do púlpito como ponto central de referência.) Além disso, o lugar onde se sentam o pastor e sua junta, normalmente é mais elevado do que os assentos da congregação. Semelhante arranjo não

só reforça o abismo que separa clero e leigo, como também nutre a mentalidade de 'espectador' que aflige à maior parte do Corpo do Ungido hoje em dia. Com respeito a isto W.J. Pethybridge observa sagazmente:

*Na reunião de um pequeno grupo que tem lugar na amistosa união de um lar, todos podem conhecer-se mutuamente e as relações são mais reais e menos formais. Um número menor de pessoas torna possível que todos tomem parte ativa na reunião, e assim todo o Corpo de Cristo presente pode funcionar... Ter um edifício especial para reuniões, quase sempre entranha a idéia de uma pessoa especial como ministro, o que resulta num 'ministério de um só homem' e impede o pleno exercício do sacerdócio de todos os crentes (*The Lost Secret of The Early Church */O segredo perdido da igreja primitiva/).*

Então, parece claro que os cristãos primitivos tinham suas reuniões caseiras para expressar o caráter da vida da igreja. Isto é, reuniam-se nas suas casas para alentar a dimensão familiar de sua adoração, comunhão e ministério mútuo. As reuniões celebradas no lar faziam de forma natural com que os santos sentissem que os interesses da igreja eram seus próprios interesses. Isso fomentava um sentido de união entre eles mesmos e a igreja, em vez de distanciá-los dela (como ocorre com tanta freqüência hoje em dia —onde os membros vão à igreja como espectadores remotos, bem mais do que como participantes ativos).

Em suma, a reunião eclesial caseira proporcionava aquelas conexões e relações profundamente arraigadas típicas da *ekklesia*. O espírito da reunião baseada no lar proporcionava aos santos uma atmosfera do tipo familiar, na qual ocorria o verdadeiro companheirismo de conviver ombro com ombro, em contato direto e em completo acordo. Produzia um clima que fomentava a sincera comunicação, a coesão espiritual e a comunhão sem reservas —traços indispensáveis para a plena experiência e florecimento da *koinwniiva /koinonia/* (comunhão compartilhada) do Espírito Santo para a qual fomos destinados. Em todas estas formas, a reunião eclesial caseira não apenas é fundamentalmente bíblica, como também difere vividamente do serviço religioso moderno de estilo púlpito-banco, onde os crentes se vêem forçados a se confraternizar durante uma hora ou duas com a nuca de alguns. Em sua análise com respeito ao lugar de reunião da igreja, Watchman Nee faz a seguinte observação:

*Em nossas congregações de hoje devemos retornar ao princípio do 'sobrado'. O térreo é um lugar para negócios, um lugar onde os homens vêm e vão; mas há mais de atmosfera caseira no aposento superior, onde as reuniões dos filhos de Deus são tratativas familiares. øULTIMA-A Jantar teve lugar num aposento alto, assim mesmo Pentecostés, e uma vez mais assim mesmo a reunião [de Troas]. Deus quer a intimidade do 'aposento alto' para marcar as reuniões de seus filhos, não a rígida formalidade de um imponente edifício público. É por isso que na Palavra de Deus encontramos que seus filhos se reúnem na atmosfera familiar de um lar privado... devemos tratar de fomentar as reuniões nos lares dos cristãos... os lares dos irmãos satisfarão quase sempre as necessidades das reuniões eclesiais (*The Normal Christian Church Life */A vida eclesial cristã normal/.)*

(4) O Lar Modela a Autenticidade Espiritual

Vivemos num tempo em que muita gente, de modo especial a juventude, está procurando autenticidade espiritual. Para muitos desses jovens, as igrejas que se congregam em anfiteatros, em catedrais de cristal e em edifícios majestosos com torres de marfim, parecem superficiais e frívolas. Por contraste, a igreja que se congrega num lar, serve como um frutífero depoimento da realidade espiritual, em especial aos inconversos que são céticos respeito daquelas instituições religiosas que equiparam edifícios encantadores e orçamentos de muitos milhões de dólares com projetos bem sucedidos.

Muitos inconversos não assistirão a um moderno serviço religioso celebrado numa igreja basílica, espera-se que os que assistem, vistam roupa 'de marca' para a função. Mas com freqüência não se sentirão ameaçados nem inibidos de reunir-se na comodidade natural da casa de alguém, onde podem ser 'eles mesmos'. A atmosfera informal do lar, em contraste com um edifício eclesiástico, é bem mais atraente para eles. Quiçá esta seja outra razão do por que os cristãos primitivos preferiam o singelo ambiente de uma casa para adorar a seu Senhor, mais do que erigir santuários, capelas e sinagogas, como faziam as demais religiões de seu tempo.

Ironicamente, muitos cristãos modernos crêem que se uma igreja não possui um bom edifício, seu depoimento ao mundo será de algum modo inibido e seu crescimento ficará entorpecido. Mas nada poderia estar mais longe da verdade. Comentando o fato da igreja primitiva não começar a construir edifícios até o terceiro século, Howard Snyder observa:

*...Pode ser que os edifícios sejam bons para qualquer outra coisa, mas não são essenciais nem para o crescimento numérico nem para alcançar profundidade espiritual. A igreja primitiva possuía estas duas qualidades, e até tempos recentes o período de maior vitalidade e crescimento da igreja foi durante os primeiros dois séculos depois de Cristo. Em outras palavras, a igreja cresceu mais rápido que nunca quando não teve a ajuda —ou impedimento— dos edifícios eclesiásticos (*The Problem of Wineskins */O problema dos odres/, usado com licença do autor).*

(5) O lar atesta que o povo constitui a casa de Deus

Com freqüência se associa a noção contemporânea de 'igreja' com um edifício (comumente chamado "santuário"). No entanto, segundo a Bíblia, é nos crentes que a vida de Deus faz morada, aquilo que se chama "a casa

de Deus", não é tijolo nem cimento. Enquanto no judaísmo o templo foi o lugar de reunião consagrado, no cristianismo é a comunidade de crentes que constitui o templo.

A localização espacial da reunião cristã primitiva ia diretamente contra os costumes religiosos do primeiro século. Os judeus tinham designado edifícios para sua adoração corporativa (sinagogas), assim como os pagãos faziam (santuários). Assim, tanto o judaísmo como o paganismo ensinam que deve haver um lugar consagrado para a adoração divina. Mas não é assim com o cristianismo. No primeiro século, a igreja primitiva era o único grupo religioso que se reunia exclusivamente em lares. Embora teria sido muito natural se eles seguissem sua herança judia e erigissem edifícios que fossem apropriados para suas necessidades, eles se abstiveram de fazer isso. Quiçá os crentes primitivos conheciam a confusão que os edifícios consagrados teriam de produzir, e portanto, abstinham-se de erigí-los para preservar a afirmação de que *o povo* constituía as pedras vivas que formam a habitação de Deus.

Conclusão

O que dissemos até aqui pode ser reduzido a esta simples mas profunda observação: *a localização social da reunião eclesial expressa o caráter da igreja e, ao mesmo tempo, exerce influência sobre ela. Portanto, a localização* espacial *da igreja tem um significado teológico.* No típico 'santuário' ou 'capela', o púlpito, os bancos (ou assentos) e o espaço condensado respiram um ar formal que inibe a interação e a afinidade. Por contraste, as características peculiares de um lar —a baixa quantidade de cadeiras para sentar-se, a atmosfera casual, o ambiente de convivência para alimentos compartilhados, o espaço personalizado de sofás macios, etc.— contêm um subtexto relacional que beneficia o ministério mútuo.

Expresso em forma simples, a igreja primitiva se reunia nas casas de seus membros por razões espiritualmente viáveis. E a moderna igreja basílica agride essas razões. Com respeito a estas características da reunião eclesial caseira, Howard Snyder observa sagazmente:

*Provavelmente as igrejas caseiras foram a forma mais comum de organização social cristã de toda a história da igreja... Independente do que pudéssemos pensar , se simplesmente olharmos ao redor de nós aqui, veremos centenas de milhares de igrejas caseiras cristãs existentes hoje na América do Norte, América do Sul, Europa, China, Austrália, Europa Oriental, e em muitos outros lugares ao redor do mundo. Em certo sentido, são uma igreja subterrânea, e como tal, representam uma corrente oculta da história da igreja. Mas mesmo sendo oculta, e na maior parte dos lugares não sendo a forma culturalmente dominante, provavelmente estas igrejas caseiras representem o maior número de cristãos em todo mundo ... O Novo Testamento nos ensina que a igreja é uma comunidade em que todos têm dons e todos têm um ministério. Como o ensinam as Escrituras, a igreja é uma nova realidade social que modela e encarna o respeito e a solicitação pela pessoa que vemos no próprio Jesus. Este é nosso elevado apelo. E no entanto, com freqüência, a igreja, de fato, trai este apelo. As igrejas caseiras constituem uma parte importante para escapar desta traição e deste paradoxo. Uma comunidade que está em contato direto uns com outros, engendra mútuo respeito, responsabilidade mútua, submissão mútua e ministério mútuo. A sociologia da igreja caseira fomenta um sentido de igualdade e de mútua dignidade, ainda que a mesma não a garanta, como mostra a igreja de Corinto... No modelo da igreja caseira, a igualdade e o ministério mútuo não são resultado de algum programa nem de um processo educacional; são inerentes à própria forma da igreja. Porque na igreja caseira todos são apreciados e conhecidos —todos têm um lugar por definição. A igreja caseira proporciona um ambiente de solicitação e estímulo mútuos que tende a fomentar uma ampla gama de dons e ministérios. Os princípios neotestamentários do sacerdócio dos crentes, dos dons do Espírito e do ministério mútuo se acham mais naturalmente neste contexto informal... As igrejas caseiras são revolucionárias porque encarnam este ensino radical de que todos têm dons e todos são ministros. Oferecem alguma esperança de sanar o Corpo do Ungido de algumas de suas piores heresias: de que alguns crentes são mais valiosos do que outros, de que apenas alguns cristãos são ministros e de que os dons do Espírito já não funcionam em nossa era. Estas heresias não podem ser sanadas apenas na teoria ou na teologia. Devem ser sanadas na prática, na relação e na forma social da igreja. (Tomado de uma dissertação titulada "*Why House Churches Today? */Para que igrejas caseiras hoje?/", apresentada no Seminário Teológico Fuller em 24 de fevereiro de 1996. Usado com licença do autor.)*

Enquanto o lugar de reunião normativo para a igreja neotestamentária era claramente o lar, isto não sugere que nunca é apropriado que uma igreja se reúna num local que não seja um lar. Em ocasiões especiais, quando era necessário que "toda a igreja" se reunisse, a igreja de Jerusalém se reunia em predios extensos como os átrios abertos do templo e o pórtico de Salomão (Atos 2:46a; 5:12). Mas semelhantes reuniões de grupos numerosos não rivalizavam com a localização normativa da reunião eclesial regular, que era a casa (Atos 2:46b). Nem também representam um precedente bíblico para que os cristãos *erigissem* seus próprios edifícios. (Os predios do templo e o pórtico de Salomão eram lugares públicos, ao ar livre, que já existiam *antes* que aparecessem os primeiros cristãos).

Esses recintos para grupos grandes simplesmente acomodavam "toda a igreja" quando era necessário congregá-la para um propósito em particular Nos primeiros dias da existência da igreja, os apóstolos os usavam para ter reuniões de ensino especiais para o vasto número de crentes e inconversos em Jerusalém (Atos 3:11-26; 5:20, 21, 25,42). (Aqueles casos onde vemos apóstolos indo até à sinagoga, não devem ser confundidos com reuniões da igreja. Tratava-se de reuniões *evangelísticas* destinadas a pregar o evangelho aos judeus inconversos. Enquanto a

reunião eclesial é principalmente para a edificação dos crentes, a reunião evangelística é principalmente para a salvação dos inconversos.

Talvez o Espírito Santo conduza ou guie de vez em quando alguns para congregar-se num edifício. Mas o Espírito só fará isso se verdadeiramente convir aos propósitos do *Senhor*, se for dirigido mais pelo bem do que pelo zelo, energia e maquinário publicitário humanos, como tão freqüêntemente ocorre. Portanto, devemos guardar-nos contra a tendência carnal de praticar algo simplesmente porque pode representar a última moda do dia. Que o Senhor nos guarde de cair no perigo da antiga Israel quando a esmo "seguiram as práticas das nações"!

Não obstante, não há algo que tenhamos de adotar da prática apostólica de reunir-se em casas? Não deveriam ser as reuniões da igreja *nas casas* mais regra do que exceção, devido aos benefícios vinculados a elas? Ainda que apenas por isto, não deveríamos arrepender-nos de nossa crítica carnal e injustificado temor dessas igrejas que se reúnem exclusivamente em casas, às quais condenamos erradamente a uma posição subnormal? Que Deus nos livre de adotar insensatamente o atual *complexo de edifício* porque é o convencional que se tem de fazer.

Tendo examinado a evidência bíblica, a pergunta que fica na nossa mente com respeito à localização da reunião eclesial, não deve ser: "Por que alguns se reúnem em lares?", mas: "Por que muitos *não* se reúnem em lares?"

CAPÍTULO 4 - A NATUREZA DA IGREJA LOCAL

A Bíblia é inegavelmente clara ao dizer que todos aqueles nos quais mora a vida da Cabeça Ressuscitada, constituem a igreja. O envolvimento natural desta gloriosa verdade é que a igreja é *uma família* cujos membros estão unidos, organicamente relacionados entre si e inseparavelmente chegados pela vida divina. Sendo este o caso, você não pode *unir-se* à igreja. Se você está no Ungido, você já está unido, e por nascimento.

Bem como nossos membros estão unidos a nosso corpo físico pela vida, e não por uma organização, convite, exame ou catecismo, assim também estamos unidos a Jesus Cristo e a seu Corpo simplesmente pela vida . Se você é um crente no Ungido, então você compartilha uma nova vida com todos os demais crentes nascidos do alto. Ao fazer-se cristão, você tornou-se parte de uma nova família, e esta família se chama igreja.

É por esta razão que, com freqüência, os escritores do Novo Testamento se referem à igreja como "a casa" ou "a família" de Deus (Gálatas 6:10; Efésios 2:19; 1 Timoteo 3:15; Hebreus 3:6; 10:21; 1 Pedro 2:5). De fato, enquanto os escritores neotestamentários descrevem a igreja com uma variedade de diferentes imagens —tais como um corpo, uma noiva, uma nação, um sacerdócio e um exército—, sua metáfora favorita é *a família*. Em todos os documentos neotestamentários podemos achar intercalados livremente termos familiares (relacionados com ‘família’) tais como ‘novo nascimento’, ‘filhos de Deus’, ‘irmãos’, ‘irmãs’, ‘pais’, ‘casa’ e outros. Mas, igualmente como ocorre com a maior parte da verdade divina, há uma vasta diferença entre dar um mero consentimento mental à natureza de família da igreja e destacar seus sóbrios envolvimentos. E é neste último que vou fixar-me ao longo deste capítulo.

Normas Familiares

Para compreender que a igreja é a família de Deus, abordemos em primeiro lugar a desafiante questão de como vive uma família. Uma família normal vive sob o mesmo teto, verdadeiro? Os membros de uma família (sã) cuidam-se uns dos outros, passam o tempo uns com os outros, admoestam-se, confortam-se uns aos outros, servem uns aos outros e atendem uns aos outros. Tipicamente, as famílias comem todos juntos e saúdam uns aos outros com afeto. É interessante o fato de que a igreja primitiva encarnava todas estas normas familiares (Atos 2:46; Romanos 12:10, 13, 16; 1 Coríntios 16:20; 2 Coríntios 13:12; Gálatas 5:13; 1 Tessalonicenses 5:26; 1 Pedro 5:14).

Não é este o quadro que está adiante de nós o tempo todo ao longo do livro de Atos? Lucas nos diz que os cristãos primitivos "estavam juntos, e tinham em comum todas as coisas" (2:44). Informa-nos que "perseveravam unânimes a cada dia no templo" (2:46), e que "a multidão dos que creram era de um só coração e alma; e nenhum dizia ser seu próprio nada do que possuía, senão que tinham todas as coisas em comum" (4:32). E por que? Porque a igreja é uma família.

O sentido de família e de comunidade era tão elevado entre os crentes primitivos, que se disse que o sistema cristão de atendimento (beneficência) no primeiro século era a terceira influência mais eficaz no império romano. Se você fosse um cristão no primeiro século, não precisava ter nenhum seguro. A igreja local era seu seguro, porque os irmãos tinham um apelo divino de levar o ônus da comunidade de crentes (Romanos 12:13; Gálatas 6:2, 9, 10; Hebreus 13:16; I João 3:17, 18) e o levava (Atos 6:1-7; 1 Timóteo 5:2-16; Hebreus 6:10). E por que? Porque a igreja é uma família.

Na igreja primitiva se recebia de braços abertos os novos convertidos. Não os ignorava nem os tratava com receio irracional. Na assembléia as crianças eram olhadas como as crianças da igreja, e os interesses de cada crente individual eram considerados como interesses da igreja (Filipenses 2:4). Os cristãos primitivos cuidavam uns dos outros e assumiam responsabilidade uns pelos outros, porque se consideravam como uma comunidade de vida compartilhada —um extenso lar de irmãos e irmãs, de pais e mães (Marcos 10:29, 30). E por que? Porque a igreja é uma família.

A maioria dos estadunidenses modernos não vacilam em ajudar os membros de sua família (física), quando algum desses familiares tem dificuldades econômicas. Mas quantos cristãos modernos reagem da mesma maneira quando seu irmão ou irmã no Senhor têm dificuldades econômicas similares? Experimentamos um sentido de obrigação familiar para ajudá-los, ou nos sentimos separados de sua situação? Semelhante pergunta perturbadora põe à prova penosamente nossa pretensa crença de que a igreja é realmente uma família.

É refrescante notar que os cristãos primitivos não se viam forçados a ir ao governo secular pedir por uma assistência econômica. Em vez disso, a comunidade de crentes assumia a responsabilidade por aqueles que tinham necessidade (2 Coríntios 8:12-15; Romanos 12:13), considerando-os como "dela propria". Segundo as palavras de Paulo, os crentes primitivos se consideravam como "membros uns dos outros" (Efésios 4:25). Sendo isto assim, os cristãos primitivos operavam sobre o princípio do cuidado mútuo: "O que recolheu muito, não teve mais; e o que pouco, não teve menos." E por que? Porque a igreja é uma família.

Na igreja neotestamentária os irmãos se apreciavam uns aos outros e as relações eram eminentes. Pondo isto no contexto dos tempos modernos, se você tinha comunhão com um grupo de crentes numa localidade e mais adiante se mudava para outra comunidade, o primeiro grupo não interrompia sua relação com você. E por que?

Porque a igreja é uma família; mais ainda, a igreja *inteira* é uma família e não uma seção particular dela. Quando nossos parentes consanguíneos se mudam a outra parte, interrompemos nossa relação com eles simplesmente porque estão fora da vista? Quão mais fortes são os laços da vida divina do que o sangue humano?

Comunidade ou Corporação?

Significativamente, os escritores neotestamentarios não usam nunca a aparência de uma corporação comercial para descrever a igreja. Diferentemente da igreja institucional, os cristãos primitivos não conheciam coisas como gastar quantidades colossais em programas e projetos de construção, em vez de assumir os ônus de seus irmãos. Muitas igrejas contemporâneas vieram a ser essencialmente nada mais que empresas muito poderosas, que se parecem mais à General *Motors* do que à comunidade apostólica. Com uma excelente eloquência Hal Miller escreve:

*Desafortunadamente, a metáfora que domina à maior parte da cristiandade estadunidense não nos ajuda muito; comumente visualizamos a igreja como uma corporação. O pastor é o CEO (Oficial Executivo Principal); há comitês e juntas. O evangelismo é o processo industrial mediante o qual fazemos nosso produto, e as vendas podem ser traçadas num diagrama, comparadas e previstas. Assim, este processo industrial tem lugar numa economia de crescimento, de modo que toda igreja/corporação cujas cifras de venda não superaram às do ano passado, está em dificuldades. Os estadunidenses são bastante ingênuos em sua atadura à metáfora de corporação. E a mesma não é nem sequer bíblica ("*Church as Body, Church as Family */A igreja como Corpo, a igreja como família", em Voices* in the Wilderness, *maio/junho 1989).*

Lamentavelmente, muitos cristãos modernos sucumbiram à embriagante sedução de uma sociedade individualista, materialista, de orientação mercantil, conduzida pelo consumidor, interessada e egoísta. Por contraste, a igreja neotestamentária não se encerrou numa mentalidade de 'como sempre', 'quanto maior, melhor'. Não sabia nada sobre um pessoal profissional pago que mantivesse os demais irmãos em uma distância prudente (sendo apenas verdadeiramente informais com outros profissionais da mesma profissão). Também não sabia nada sobre um sistema de castas separado, na qual aqueles que eram elevados a posições de autoridade oficial, olhavam acima do ombro a seus irmãos parceiros através de lentes artificiais de espelhos clericais.

Pelo contrário, os líderes da igreja neotestamentária consideravam a si mesmos como meros irmãos —membros da mesma família— que não tinham nenhuma designação que tendesse para a separação. Cada membro, inclusive cada líder, era facilmente acessível aos demais membros. O espírito de comunidade, de relação pessoal e de união era preeminente entre todos os cristãos primitivos. Tinham intimidade, eram interdependentes, crescendo sempre juntos para chegar à Cabeça. Dessa maneira, os crentes primitivos não só professavam ser uma família, mas *viviam* como uma família.

Em suma, a igreja revelada na Bíblia é uma família amorosa, não um negócio. É um organismo vivo, não uma organização. É a expressão corporativa do Senhor, não uma corporação religiosa. É a comunidade do Rei, não uma máquina hierárquica bem lubricada. Este ensino não se acha apenas nos exemplos mostrados em Atos, mas está salpicado ao longo das epístolas paulinas, atingindo seu ponto mais elevado nas cartas de João. Na linguagem dos apóstolos, a igreja se compõe de infantes, meninos, irmãos, irmãs, jovens, mães e pais —a linguagem e conjunto de imagens de uma família (1 Coríntios 4:15; 7:15; 1 Timóteo 5:1, 2; Tiago 2:15; 1 João 2:13, 14).

A Singeleza do Ungido

Tragicamente, o cristianismo se tornou algo muito apartado do que era no primeiro século. A igreja se tornou demasiado complexa, e de muitas maneiras caiu dessa sua posição espiritual e celestial. Mais especificamente, a igreja voltou a ser algo que se parece mais com um negócio, do que com aquilo que Deus propôs que fosse —uma bem unida comunidade solícita e compassiva ao estilo do Ungido, centrada na Pessoa do próprio Jesus Cristo. A advertência de Paulo soa exatamente tão real hoje como soava no primeiro século:

O zêlo que tenho por vocês é um zêlo que vem de Deus. Eu os prometi a um único marido, Cristo, querendo apresentá-los a Ele como uma virgem pura. O que receio, e quero evitar, é que assim como a serpente enganou Eva com astúcia, a mente de vocês seja corrompida e se desvie da sua SINCERA E PURA DEVOÇÃO A CRISTO /da SIMPLICIDADE QUE ESTÁ EM CRISTO —Versão inglesa King James/*(2 Coríntios 11:2, 3).*

Oh, a *simplicidade* que está no Ungido!

A.W. Tozer assinala muito bem a obsessão da cristiandade moderna com respeito ao poder, e sua tendência para a complexidade, coisas que agridem a visão bíblica da igreja como uma família:

As igrejas correm para a complexidade como os patos correm para a água. Que há por trás disto? Em primeiro lugar, creio que isso surge de um desejo natural mas carnal de parte de uma minoria talentosa, de trazer a uma maioria menos dotada à submeter-se a eles, para levá-la de forma a não impedirem suas crescentes ambições. O seguinte ditado, citado freqüentemente, serve tanto para a religião como para a política: 'O poder corrompe e o poder absoluto corrompe absolutamente.' O desejo de ser uma celebridade é uma doença para a qual não se encontrou nunca nenhuma cura natural... Em nossa vida completamente decaída há uma forte tração gravitacional para a complexidade, que nos afasta das coisas simples e reais. Parece que há uma espécie de triste inevitabilidade por trás de nosso mórbido impulso para o suicídio espiritual. Apenas mediante o discernimento profético, a oração

*vigilante e o árduo trabalho podemos inverter esta tendência e recuperar a glória perdida (*God Tells the Man Who Cares */Deus revela-se ao homem que se interessa/).*

Quanto almeja o Senhor que seu povo retorne à simplicidade e à pureza que caracterizavam à igreja primitiva —a simplicidade e a pureza qsão as características principais de uma vibrante e amante família. Não é este o mesmíssimo anseio que suspira constantemente no recôndito do coração de cada pessoa —o desejo de ser parte ativa de uma acolhedora e solícita família? Não é isto o que nossos jovens estão procurando e a estão substituindo a esmo por ligas, cabarés, seitas, fraternidades revoltosas, desenfreadas irmandades femininas, relações sexuais superficiais e coisas semelhantes?

Dito claramente, uma igreja pode ter a mais alvoroçante música de louvor, os maiores oradores e os melhores programas evangelísticos, mas se não funciona como uma família genuína, bem unida e ministrante, então não pode chamar-se com justiça de igreja bíblica! Recordemos sempre que o amor é o distintivo da *ejkklesiiva* /*ekklesia*/ cristã.

Que o Senhor nos ajude a experimentar a igreja como uma família real, em vez de apenas em mera retórica, e que Ele nos livre dessa mentalidade estadunidense de corporação, que converteu nossas igrejas locais em clubes sociais, máquinas políticas, sacerdócios passivos e famílias 'disfuncionais', que sustentam a noção não bíblica de um sistema de clero/leigo. Retornemos à realidade neotestamentária de que se pertencemos a Jesus Cristo, então pertencemos ums aos outros. E *vivamos* como a família de Deus, de tal modo que se cumpram as palavras de nosso Salvador: "*Nisto sereis conhecidos como meus discípulos, se tiverdes amor uns pelos outros.*"

CAPÍTULO 5 - A LIDERANÇA DA IGREJA LOCAL: QUEM ERAM ELES?

O tema da liderança é um dos assuntos mais importantes (e recorrentes) que se têm de tratar em qualquer análise da prática da igreja. Toda igreja tem liderança. Tendo ou não uma igreja estruturas de liderança explícitas ou implícitas, a liderança sempre está presente. Nas palavras de Hal Miller: "A liderança *existe*. Pode ser boa ou má. Pode ser reconhecida e ter ou não aquiescencia. Mas sempre existe" ("*Nuts and Bolts of Leadership and Authority*" /Os parafusos e as porcas da liderança e da autoridade/, *Voices Newsletter*, Nou 4). Dependendo de quem está na direção, a liderança pode ser o pior pesadelo da igreja ou o seu mais importante elemento para ser bem sucedida.

Devido ao fato de que a liderança tem o potencial de chegar a ser tanto um amo cruel como um servo útil, há uma tremenda necessidade de que os cristãos lancem uma nova olhar sobre este tema. (Note você que ao longo deste livro eu uso a palavra "liderança" numa concepção limitada. Concretamente, uso-a referindo-me principalmente à responsabilidade *supervisional* de uma assembléia local.) Comecemos nossa análise considerando aqueles textos bíblicos que nos proporcionam uma clara imagem de quais pessoas constituíam a liderança da igreja primitiva:

De Mileto, Paulo mandou chamar os ANCIÃOS da igreja de Éfeso. Quando chegaram, ele lhes disse: "Vocês sabem como vivi todo o tempo em que estive com vocês, desde o primeiro dia em que cheguei à província da Ásia. Servi ao Senhor com toda a humildade e com lágrimas, sendo severamente provado pelas conspirações dos judeus... Cuidem de vocês mesmos e de todo o rebanho sobre o qual o Espírito Santo os colocou como BISPOS, para PASTOREAREM A IGREJA DE DEUS, que ele comprou com o Seu próprio sangue. Sei que, depois da minha partida, lobos ferozes penetrarão no meio de vocês e não pouparão o rebanho. (Atos 20:17, 28, 29)

Rogo aos ANCIÃOS que estão entre vocês, eu ancião tanto quanto eles, e testemunha dos padecimentos de Cristo, que sou também participante da glória que será revelada: APASCENTAI O REBANHO DE DEUS que está entre vocês, CUIDANDO dele, não por força, mas voluntariamente; não por ganho desonesto, mas com desejo de servir; não ajam como dominadores DOS QUE LHES FORAM CONFIADOS, mas como exemplo para o rebanho. Quando se manifestar o SUPREMO PASTOR, vocês receberão a imperecível coroa da glória. (1 Pedro 5:1-4)

A razão de tê-lo deixado em Creta foi para que você pusesse em ordem o que ainda faltava e constituisse ANCIÃOS em cada cidade, como eu o instruí. É preciso que o ANCIÃO seja irrepreensível, marido de uma só mulher, e tenha filhos crentes que não sejam acusados de libertinagem ou de insubmissão. Por ser encarregado da obra de Deus, é necessário que o BISPO seja irrepreensível: não orgulhoso, não briguento, não apegado ao vinho, não violento, nem ávido por ganho desonesto. (Tito 1:5-7)

Anciãis, Pastores e Bispos*

Os textos anteriores mostram claramente que a liderança da igreja local era posta nas mãos de um grupo de crentes conhecidos como "anciãos". Os anciãos eram homens da localidade, que estavam mais avançados espiritualmente do que o resto dos crentes na assembléia local. O termo grego traduzido como ‘ancião’ (*presbuvteros* /presbíteros/) simplesmente quer dizer um homem maduro. Portanto não se deve pensar em ancião como um ofício que fica vago até que ser ocupado por alguém. Pelo contrário, os anciãos da igreja primitiva eram simples irmãos, geralmente homens de idade madura. Também eram chamados de "bispos" (supervisores), um termo que descreve sua função em supervisionar dos assuntos da igreja. Além disso, eram chamados de "pastores", porque eles eram responsáveis para corrigir, ensinar, instrir e guardar o rebanho dos predadores espirituais. (Enquanto todos os anciãos eram "aptos para ensinar" e possuíam o dom de pastorear, nem todos os que pastoreavam e ensinavam ao rebanho eram anciãos —Tito 2:3, 4; 2 Timóteo 2:2, 24; Hebreus 5:12.)

Portanto, segundo o Novo Testamento, os anciãos eram bispos (supervisores) e pastores. O termo ‘ancião’ se refere a seu *caráter*, o termo ‘bispo’ se refere a sua *função*, e o termo ‘pastor’ se refere a seu *dom*. Sua responsabilidade principal era supervisionar a comunidade de crentes.

Analisar a função das mulheres na liderança vai além do alcance deste livro, mas parece que o Novo Testamento distingue entre *ministério* e *supervisão*. Portanto, enquanto as mulheres têm liberdade para funcionar em qualquer *dom* outorgado pelo Espírito Santo, não têm para supervisionar os homens. Dito de outro modo, as irmãs podem *ministrar* na igreja mediante a profecia, a instrução, a exortação, o testemunho, o canto, a confortação, etc., mas a disposição divina não lhes permite *supervisionar* os assuntos da assembléia (compare-se Atos 2:16-18; 18:26; 21:8, 9; 1 Coríntios 11:4, 5; Gálatas 3:28; Tito 2:3, 4 com 1 Coríntios 11:1-3; 14:34, 35; 1 Timóteo 2:11-15).

O Princípio da Liderança Compartilhada

O Novo Testamento apresenta uma visão de liderança compartilhada. Ao longo do mesmo descobrimos que os apóstolos sempre estabeleceram uma liderança *plural* dentro das assembléias que tinham fundado. Lucas nos relata que os apóstolos constituíram *anciãos* (plural) em cada igreja (Atos 14:23). Desde Mileto, Paulo os enviou a Éfeso e mandou chamar os anciãos (plural) da igreja (Atos 20:17). Quando Paulo escreve à igreja de Filipos, saúda

os santos e os *bispos* (plural) presentes (Filipenses 1:1). Finalmente, Tiago pede aos enfermos que chamem os anciãos (plural) da igreja (Tiago 5:14).

Além dessas, ofereço a seguinte série de passagens para consideração: Atos 9:30; 11:1, 29, 30; 15:2-6, 22-40; 16:2; 17:10; 18:27; 20:17; 21:17, 18; Efésios 4:11; 1 Tessalonicenses 5:12, 13; 1 Timóteo 4:14; 5:17-19; Tito 1:5; Hebreus 13:7, 17, 24; 1 Pedro 5:1, 2. Nestas passagens você verá que a Bíblia demonstra solidamente que as igrejas primitivas eram supervisionadas por uma pluralidade de líderes (anciãos), o que se opõe a um líder único (pastor, sacerdote ou bispo). Aqueles que enfatizam os líderes únicos do Antigo Testamento para justificar a prática popular do "*pastor único*" cometem dois erros. Primeiro, passam por alto o fato de que todos os líderes 'únicos' do Antigo Testamento —inclusive José, Moisés, Josué, David e Salomão— serviram como tipos do Senhor Jesus Cristo, bem mais do que como oficiais (cargo) humanos da igreja. Segundo, ignoram o modelo de liderança claramente mostrado em todo o Novo Testamento. Watchman Nee observa esse aspecto:

*Geralmente, a primeira pergunta que se faz com respeito a uma igreja é: 'Quem é o ministro?' O conceito que tem na mente o que pergunta é: 'Quem é o homem responsável por ministrar e administrar as coisas espirituais na igreja?' O sistema clerical da administração da igreja é sumamente popular, mas todo este conceito é alheio às Escrituras, onde vemos que a responsabilidade pela igreja é encomendada a anciãos, não a 'ministros', como tais; e os anciãos apenas fazem a supervisão da obra da igreja, não a realizam no interesse dos irmãos. Se, num grupo de crentes, o ministro é ativo e os membros da igreja são todos passivos, então esse grupo é uma missão, não uma igreja. Numa igreja todos os membros são ativos... Deus determinou que todo cristão seja um 'obreiro cristão', e Ele constituiu alguns para que assumam a supervisão da obra, para que a mesma possa ser realizada eficientemente. Não foi nunca o propósito de Deus que a maioria dos crentes se dedicassem exclusivamente a negócios seculares e deixassem os assuntos eclesiais a cargo de um grupo de especialistas espirituais (*The Normal Christian Church Life */A vida eclesial cristã normal/).*

No Novo Testamento todos os anciãos estavam em pé de igualdade. Ainda que alguns, não cabe dúvida, fossem espiritualmente mais maduros do que outros, não tinha nenhuma estrutura hierárquica entre eles. Uma cuidadosa leitura do livro de Atos mostrará que, com freqüência, Deus usava diferentes líderes da igreja como vozes temporárias para ocasiões específicas, nenhum líder ocupava um permanente ofício de supremacia sobre os demais. Dito de outra maneira, a igreja primitiva não escolhia um homem dentre o colégio de anciãos para elevá-lo a uma posição superior de autoridade. Consequentemente, ofícios modernos tais como 'pastor decano', 'ancião principal' e 'pastor principal' sinplesmente não existiam na igreja primitiva.

Neste aspecto, o sistema popular de pastor único de nossos dias era totalmente estranho para a igreja neotestamentária. Em nenhuma parte do Novo Testamento encontramos algum ancião convertido à posição de super apóstolo e investido com uma autoridade governamental e administrativa suprema sobre o rebanho e acima dos outros anciãos. Este grau de autoridade estava reservado apenas para uma pessoa, o próprio Senhor Jesus. Ele, e apenas Ele, era a Cabeça exclusiva da igreja. Apenas o Senhor tinha a posição suprema de Comandante em Chefe em cada assembléia local — não meramente em forma retórica, mas na realidade!

Portanto, a liderança plural na igreja local protegia a exclusiva condição de Cabeça do Ungido. Isso servia como um impedimento contra o despotismo e contra a corrupção dentro da liderança. Ademais, providenciava uma intensa responsabilidade (de prestar contas) entre os líderes —algo que falta desesperadamente na moderna igreja institucional. Como Watchman Nee diz:

*Ter pastores numa igreja é bíblico, mas o sistema pastoral de hoje não é bíblico em absoluto; é uma invenção do homem... Não é vontade de Deus que um crente seja selecionado dentre todos os demais para ocupar um lugar de especial proeminência, enquanto os outros se submetem passivamente à sua vontade... Pôr a responsabilidade nas mãos dos vários irmãos, mais do que nas mãos de um indivíduo, é a maneira de Deus de salvaguardar sua igreja contra os males que resultam do domínio de uma personalidade forte (*The Normal Christian Church Life */A vida eclesial cristã normal/.)*

Liderança de Caráter Funcional Diante da Liderança de Orientação Posicional

A liderança da igreja local era não apenas compartilhada, era *autóctone.* Isto quer dizer que os anciãos eram irmãos locais que tinham sido levantados e desenvolvidos espiritualmente dentro do âmbito da assembléia local. Em conformidade, a prática aceita de importar um líder (tipicamente um pastor) de outra localidade para que governe uma igreja, não tem nenhuma base neotestamentária. Pelo contrário, os anciãos eram homens residentes a quem Deus tinha levantado no *meio da assembléia* existente, para que assumissem a responsabilidade por ela.

Ademais, sua autoridade estava mais limitada à sua função e maturidade espiritual, do que a um ofício sacerdotal que tivesse sido conferido a eles externamente por meio de uma ordenação. Depois que o Espírito Santo *escolhia* aos anciãos internamente, os apóstolos *confirmavam* depois seu apelo externamente; conquanto, a função precedia à forma (Atos 14:23; 20:28; Tito 1:5). Portanto, é um erro trágico igualar a confirmação apostólica com o estabelecimento de um sistema de classes separadas, tal como a profissão clerical de nossos dias. A confirmação apostólica não era mais do que o reconhecimento público daqueles do que já estavam funcionando como anciãos (pastoreando) na assembléia (vide Números 11:16 com respeito a este princípio). Os termos gregos traduzidos como

"constituir" e "estabelecer", em Atos 14:23 e Tito 1:5, simplesmente significam reconhecer a alguém que outros já sancionaram.

Desafortunadamente, a propensão estadunidense de ter ‘ofícios’ e ‘postos’, fez com que muitos crentes transpusessem estas idéias ao texto bíblico e olhassem os anciãos em tais termos. Semelhante maneira de pensar não apenas confunde a liderança da igreja primitiva com convencionalismos sociais modernos, como também despoja de seu significado original a terminologia de liderança achada na Bíblia. No grego, ‘ancião’ quer dizer homem maduro, ‘pastor’ significa aquele que alimenta e protege, e ‘bispo’ (supervisor) é aquele que supervisiona. Dito claramente, a noção neotestamentária de liderança é mais *funcional* do que *oficial*. O Novo Testamento nunca contempla líderes da igreja como ‘oficiais’, nem fala nunca de ‘ofícios’ eclesiais. (Assim, em Atos 1:20; Romanos 11:13; 12:4; e 1 Timóteo 3:1, 10, 13 a palavra "oficio" que aparece em algumas versões,* não tem equivalente no texto grego. Ademais, em 1 Timóteo 3:1 Paulo descreve bispo /supervisor/ como uma função, dizendo: "Se alguém deseja ser bispo, deseja uma nobre *função*".)

A verdadeira autoridade espiritual está baseada mais na função do que na posição *relativa*; está arraigada na vida espiritual, não numa posição titular. Dito de outra maneira, a liderança neotestamentária se pode entender melhor em termos de verbos do que em termos de nomes . Desta maneira, nosso Senhor Jesus recusou a autoridade de procedência hierárquica de seus dias; porque aos olhos dEle, a autoridade espiritual se acha mais numa função do que num cargo externo.

Características Morais dos Anciãos

Os anciãos do Novo Testamento eram homens de um provado caráter moral, não de extraordinários talentos (1 Timóteo 3:1-7; Tito 1:5-9). Eram líderes-servos (ou como a Robert Banks costuma dizer, "servos dirigentes"), não condutores de escravos (Mateus 20: 25, 26). Eram homens de provada espiritualidade e fidelidade, não administradores de muita autoridade nem experientes gerentes. Eram exemplos para o rebanho, não amos do mesmo (1 Pedro 5:3). Funcionavam como escravos, não como césares espirituais (Lucas 22:24-27). Eram facilitadores, não tiranos. Dirigiam como pais humildes, não como déspotas (1 Timóteo 3:4; 5:1). Eram persuadidores da verdade, não autócratas eclesiásticos cujos *egos* medravam no poder (Tito 1:9). Eram nutridores, não intimidadores (1 Tessalonicenses 2:7, 8) —superintendentes espirituais, não pregadores profissionais (Atos 20: 28-35). Eles não trabalhavam no lugar dos outros, mas supervisionavam outros conforme trabalhavam.

Os anciãos neotestamentários eram procuradores do reino, não estabelecedores de impérios. Eram cristãos comuns e constantes, não atores de muitos talentos, ultraversáteis, super humanos, idolatrados, semelhantes a celebridades. Sua idoneidade não provinha de escolas profissionais nem de licenças senão do Espírito do próprio Deus (Atos 20:28). Sua formação não era puramente acadêmica, formal ou teológica, mas prática e funcional, sendo cultivada no contexto da própria vida eclesial e através de relações de assessoramento com outros homens piedosos (Atos 14:21-23; 2 Timóteo 2:2). Não se consideravam idôneos para dirigir por causa de uma combinação de habilidades na contabilidade, no falar em público e na psicologia, mas por um genuíno crescimento na vida do Ungido mediante a obra direta da cruz.

Os anciãos bíblicos não eram considerados especialistas religiosos, mas irmãos fiéis. Não eram clérigos profissionais, mas (normalmente) homens de família que tinham trabalhos seculares (Mateus 10:8; Atos 20:17, 32-35; 2 Coríntios 2:17; 1 Tessalonicenses 2:9; 2 Tessalonicenses 3:7-10; 1 Timóteo 6:5; 1 Pedro 5:2, 3). Devido ao seu labor incansável, alguns dos anciãos recebiam oferendas voluntárias dos irmãos como prenda de bênção (Gálatas 6:6; 1 Timóteo 5:17, 18). No entanto, não se deve confundir as dádivas periódicas que recebiam, com os cargos com salário fixo dos ministros profissionais de nossos dias. Não se deve confundir também com a sustentação biblicamente justificada dos obreiros *apostólicos* itinerantes que viajam de região a região para estabelecer assembléias locais (1 Coríntios 9:1-18).

Devido ao fato de Paulo ser um apóstolo, tinha o legítimo direito de receber um perene sustento econômico de parte do povo de Deus. Mas, intencionadamente, Paulo renunciou a este direito, quanto às assembléias que ministrava localmente (1 Coríntios 9:14-18; 2 Coríntios 11:7-9; 12:13-18; 1 Tessalonicenses 2:6-9; 3:8, 9). Paulo não queria agravar economicamente a nenhuma igreja, enquanto a servia em sua localidade. De maneira que o princípio paulino relativo ao sustento econômico se resume na frase "...quando *estava entre* vocês... a nenhum fui ônus" (2 Coríntios 11:9). Este princípio revela a sóbria realidade de que a igreja neotestamentária não tinha conhecimento algum sobre um clero residente, assalariado. Steve Atkerson destaca destramente este ponto dizendo:

Em Atos 20 Paulo dá instruções específicas aos anciãos da igreja de Éfeso a respeito de seus deveres como anciãos. Quanto às finanças, Paulo assevera que ele não cobiçara prata nem ouro de ninguém, e que ele bancava seus próprios gastos trabalhando duro com "suas mãos" (20:34 , 35; 18:1 e ss.). Seguindo o exemplo de Paulo, os anciãos deviam também ganhar a vida com um trabalho secular para poder ajudar aos necessitados e praticar as palavras do Senhor Jesus, de que "Mais bem-aventurado é dar do que receber". Assim, pois, de Atos 20:32-35 fica claro que os anciãos têm de estar numa situação econômica tal que possam dar à igreja, e não receber dela... Deve a igreja empregar pastores profissionais? Semelhante profissão era não apenas estranha na igreja neotestamentária, era inclusive desaprovada (Atos 20:32-35)... Criar uma classe de ministros assalariados tende a

*elevá-los acima dos crentes médios e fomentar uma distinção artificial leigo/clero. Finalmente, os vendedores tendem a ser excepcionalmente amáveis para com aqueles a quem eles esperam vender algo. Contratar um clérigo profissional coloca-o numa relação seimilar a de vendedor/cliente, e indubitavelmente isso afeta, até certo ponto, seu trato com os contribuintes mais significativos (*Toward a House Church Theology */Por uma teologia de igrejas caseiras/).*

Os líderes da igreja neotestamentária não estavam nem *acima* nem *aparte* do rebanho. Pelo contrário, funcionavam como quem está entre eles (1 Pedro 5:1-3). (Note-se que a palavra grega *proivisitmi /próïstamevnous – proistamenus/* traduzida como "que estão sobre vocês" ["vos presidem", na versão inglesa Rainha-Valera] em 1 Tessalonicenses 5:12, tem mais o conceito de alguém que vai à frente ou está *adiante de outros*do que de alguém que governa *sobre* eles.* Cabe dizer o mesmo a respeito dos textos em Hebreus 13:7, 17 e 24.) George Mallone observa com perspicácia:

*Contrário ao que nos agradaria crer, os anciãos, pastores e diáconos não estão numa cadeia de comando, ou de pirâmide hierárquica, que os coloca sob O Ungido e sobre a igreja. Os líderes de uma igreja bíblica são simplesmente membros do Corpo do Ungido, não uma oligarquia seleta. São membros os quais Deus escolheu para dotá-los de certos carismas (*Furnace of Renewal */Forno da renovação).*

De conformidade com o mandamento de nosso Senhor, os líderes neotestamentários não permitiam serem chamados com títulos honoríficos tais como "Pastor Pérez", "Ancião Tomás", "Bispo Santiago", "Ministro João" ou "Reverendo Samuel" (Mateus 23:7-12). Naturalmente, semelhantes títulos elevam os líderes eclesiásticos a um plano que está em cima dos demais irmãos da assembléia. Portanto, as congregações e o clero são igualmente responsáveis por criar o corrente '*guruísmo* cristão', generalizado hoje no Corpo do Ungido, no qual alguns líderes religiosos são considerados celebridades espirituais e elevados à condição de membros de um clube de fanáticos.

Ao invés disso, os líderes neotestamentários eram considerados como irmãos comuns e naturais. Como tais, eram geralmente tão comunicativos e acessíveis aos santos como qualquer outro crente na igreja. Por esta razão, 1 Tessalonicenses 5:12, 13 exorta os santos a conhecerem intimamente seus líderes (um mandato quase impossível de cumprir na maioria das igrejas contemporâneas, onde o pastor é treinado para manter distância do povo, para que não "dilua sua autoridade"). Neste aspecto, a imagem comum dos líderes eclesiásticos como sagrados "homens do clero" é totalmente estranha ao conceito bíblico.

O Moderno Sistema Clerical

É uma tragédia inconfundível que a percepção dominante da liderança entre os cristãos de hoje em dia, tenha sido solapada por um marco institucional. No que toca à liderança eclesiástica, o critério do crente médio foi plasmado mediante as prevalecentes noções de clericalismo. No entanto, a moderna dicotomia clero/leigo é um conceito pós-bíblico absolutamente desprovido de toda sanção bíblica. Esta dicotomia é não apenas biblicamente inválida, como também funciona como uma terrível ameaça ao chamamento de Deus para que a igreja fosse —um Corpo em funcionamento. Em suma, a noção de um 'clero ordenado' não apenas reflete valores hierárquicos, como também carece absolutamente de todo mérito bíblico. Como Robert C. Girard diz:

*Há um sistema de duas castas, não bíblico, firmemente estabelecido em nossa vida eclesial. Neste sistema de duas castas há uma casta de clérigos que é formada, chamada e paga para que desempenhe o ministério, e se espera que o faça. E há uma casta de leigos que normalmente funciona como um auditório que apreciativamente paga pela atuação do clero —ou critica amargamente as falhas e defeitos que ocorrem nesse desempenho (e sempre há falhas e defeitos). Ninguém espera muito da casta inferior ou leiga (exceto a assistência, os dízimos e os testemunhos). E todos esperam demasiado da casta superior ou clerical (inclusive os próprios clérigos!) O maior problema em todo este assunto, é o fato de que o enfoque bíblico do ministério contradiz totalmente este sistema (*Brethren, Hang Together */Irmãos, permaneçam unidos/).*

Escrevendo no mesmo tom, Howard Snyder observa:

*Portanto, a doutrina neotestamentária do ministério não repousa sobre a distinção clero/leigo, mas sobre os pilares gêmeos e complementares do sacerdócio de todos os crentes e sobre os dons do Espírito. Hoje em dia, quatro séculos depois da Reforma, ainda está por conseguir-se a plena aplicação desta afirmação protestante. A dicotomia clero/leigo é uma herança direta do catolicismo romano da pré-reforma e um retrocesso ao sacerdócio veterotestamentário. É um dos principais obstáculos hoje para que a igreja seja a agente de Deus para o Reino, porque cria um falso conceito de que tão somente 'homens santos', isto é, ministros ordenados, são os realmente idôneos e responsáveis para a liderança e para o ministério significativo. No Novo Testamento há distinções funcionais entre diversas classes de ministérios, mas não existe nenhuma divisão hierárquica entre clero e leigo (*The Community of the King */A comunidade do Rei/, usado com licença do autor).*

Portanto, os anciãos neotestamentários não eram líderes clericais, mas irmãos espiritualmente maduros, dados pelo Espírito Santo principalmente para salvaguardar o desenvolvimento espiritual de toda a congregação. Na realidade, eles capacitavam aos santos para efetuar o labor do ministério (Efésios 4:11-16), e lhes ensinavam como deviam funcionar nas reuniões eclesiais e fora delas. Tinham cuidado com respeito aos lobos espirituais (Atos 20:28-31; Tito 1:7-14; Hebreus 13:17); restringiam os excessivamente ativos; alentavam os passivos; admoestavam os

desordenados reprendiam os rebeldes; e confortavam os débeis (1 Tessalonicenses 5:12, 13). Além disso, capacitavam os santos para que provessem esse mesmo ministério na igreja (1 Tessalonicenses 5:14-15).

Os anciãos não monopolizavam o ministério nas reuniões da igreja nem alentavam a passividade entre os membros dela. Pelo contrário, supervisionavam as reuniões para que os demais irmãos funcionassem livremente (1 Coríntios 14:26). (Note-se que a supervisão é basicamente uma função passiva.) Sua supervisão não sufocava a vida da congregação nem interferia com o ministério dos crentes. Enquanto os anciãos dotados tinham uma ampla parte no ensino, na profecia e na exortação, faziam isso em pé de igualdade com todos os demais membros, deixando ampla oportunidade para que eles também funcionassem de acordo a seus próprios dons. Portanto, os anciãos atuavam como 'treinadores' de jogadores, não como monopolizadores. A liderança da igreja neotestamentária funcionava de todas estas maneiras, sem usurpar os direitos reais do Ungido e sem impor um domínio avassalador sobre o povo do Senhor.

Em contraste com a presente noção de 'pastor', os anciãos neotestamentários não operavam como CEOs (oficiais executivos principais) espirituais, que presidem sobre sua empresa espiritual e levam a cabo programas estratégicos com o fim de estender 'sua' congregação. Em vez disso, os anciãos da igreja neotestamentária estavam plenamente conscientes de que a igreja não lhes pertencia, mas a seu amado Senhor, que era o único que tinha o direito de andar "no meio dos candelabros". Portanto, um ancião neotestamentário indubitavelmente se retrairia se você usasse, com respeito a ele frases como "sua igreja" ou "seu povo".

O dito nas páginas precedentes não tem por objeto empanar todo o clero. Sem dúvida alguma, inumeráveis eclesiásticos se dedicaram a sua profissão com os mais elevados motivos, e muitos deles fogem dos laços carnais vinculados a sua profissão. Portanto , o problema não está no clero como pessoas; o problema está no sistema ao qual eles pertencem. A profissão clerical é uma instituição colossal que se encontra muito afastada do conceito neotestamentário de liderança. E sua presença é suficiente para impedir a formação de igrejas ativas, relacionais e maduras que expressem intensamente a liderança de Jesus Cristo como Cabeça. Como o expressa Jon Zens:

*Embora a distinção "clero/leigo"' esteja arraigada e assentada nos círculos religiosos, ela não pode ser encontrada no Novo Testamento... Devido ao fato de que no Novo Testamento não se sabe nada sobre "clero", o fato de uma separada casta dos 'ordenados' impregnar nosso vocabulário e nossa prática, ilustra bem energicamente que ainda não levamos muito a sério o Novo Testamento. A prática do 'clero' é uma heresia que deve ser repudiada. Ataca profundamente o sacerdócio de todos os crentes que Jesus comprou na cruz. Contradiz a forma que o Reino de Jesus tinha de tomar quando Ele disse: "Vocês são todos irmãos." Por ser uma tradição de homens, invalida a Palavra de Deus... O sistema clerical subsiste como um monumental obstáculo a uma genuína reforma e renovação (*The 'Clergy/Laity' Distinction: A Help or a Hindrance to the Body of Christ? */A distinção clero/leigo: Uma ajuda ou um impedimento para o Corpo de Cristo?/, em Searching* Together*, Vol. 23:4).*

Liderança Eclesial e Liderança do Ungido Como Cabeça

Com base no conteúdo anterior, os líderes da igreja neotestamentária eram simples *irmãos* —homens de famílias locais — servos de Jesus Cristo, maduros e fidedignos — cristãos normais e estáveis, que tinham a responsabilidade de cuidar do rebanho, e de pastoreá-lo através de suas diárias provas e bênçãos.

Tendo isto em mira, minha oração é que o Senhor faça em pedaços a noção não bíblica do sistema clerical profissional, que converteu as preciosas coisas do Senhor em hierarquias castradoras, em sistemas impelidos por programas, em instituições orientadas por si mesmas. Uma vez mais, a Bíblia não conhece nada de uma classe separada entre líderes ordenados (clero), que governa uma classe inferior de crentes (leigos). Neste aspecto, Jon Zens argumenta acertadamente:

*A distinção católico romana 'clero/'leigo' foi repassada ao protestantismo numa forma diferente. Esta distinção não bíblica fez, e está fazendo, um dano incalculável... Se somos sensíveis às Escrituras, devemos abolir para sempre de nosso vocabulário a comum distinção entre 'clero' ('pastor') e 'leigo' (o restante da igreja). Esta distinção perpetua uma terrível falsidade —mas, desafortunadamente, reflete em todos os aspectos nosso conceito e nossa prática (*What is a Minister? —Principles for the Recovery of New Testament Church Ministry */Que é um ministro? —Princípios para o restabelecimento do ministério da igreja neotestamentária/, em Searching Together, Vol. 11:3).*

O moderno sistema de pastor do protestantismo é um artefato religioso que fez com que os membros da igreja virassem um auditório, devido a sua grande dependência de um único líder. Esta estrutura não bíblica, dominada pelo clero, converteu à igreja num lugar onde os cristãos se reúnem para ver atuar os profissionais que realizam seus programas religiosos. A mesma transformou a assembléia num centro de pregação profissional sustentado por 'espectadores leigos'. Em poucas palavras, o conceito clerical de liderança eclesial destrói invariavelmente a vida corporativa. Christian Smith expressa isto belamente:

A profissão clerical é fundamentalmente contraproducente. Seu propósito declarado é promover a maturidade espiritual na igreja —uma valiosa meta. No entanto, na realidade efetua o contrário, promovendo uma permanente dependência do leigo ao clero. O clero vêm a ser para suas congregações como pais cujos filhos nunca crescem, como terapeutas cujos clientes nunca chegam a curar-se, como mestres cujos estudantes nunca se

*graduam. A existência de um ministro profissional, de tempo integral, torna demasiado fácil aos membros da igreja não tomar responsabilidade alguma pela vida progressiva da igreja. E por que deviam fazê-lo? Isso é trabalho do pastor (assim se opina). Mas o resultado é que o leigo permanece num estado de dependência passiva. No entanto, imagine uma igreja cujo pastor renunciou e não pôde achar um substituto. Imaginariamente, com o tempo os membros dessa igreja teriam que sair de seus bancos, reunir-se e resolver quem teria de ensinar e quem teria de aconselhar, quem teria de solucionar as contendas, quem teria de visitar os enfermos, quem teria de dirigir a adoração, etcétera. Com um pouco de discernimento chegariam a compreender aquilo que a Bíblia chama Corpo, e como um todo, passariam a fazer juntos todas estas coisas, movendo cada um a considerar qual dom tem para contribuir, que função poderia desempenhar para edificar o Corpo... quando voltamos à Palavra de Deus e a lemos de novo, vemos que a profissão clerical é o resultado de nossa cultura e história humanas e não da vontade de Deus para a igreja. Simplesmente, é impossível criar uma plausível justificativa bíblica da instituição do clero como a conhecemos ("*Church Without Clergy*" /Igreja sem clero/,* Voices in the Wilderness*, Nov/Dec '88).*

Em suma, o assunto da liderança da igreja local na realidade fica reduzido a uma única questão rudimentar —a liderança do Ungido como Cabeça. Repousa sobre a espinhosa questão de quem tem que ser a Cabeça, o Ungido ou nós? Este transcendental assunto pode ser resumido assim: Teremos de seguir ratificando um sistema (clero/leigo) e um ofício (pastor único) que não existem no Novo Testamento, ou poremos humildemente de lado nossas idéias humanas de liderança em favor do modelo bíblico?

O que se expressou neste capítulo, indubitavelmente fará arquear as sobrancelhas de alguns que lêem sua Bíblia com a lente escura do clericalismo moderno. Confio que falei com caridade, mas a limitação imposta sobre a comunidade crente pelo moderno sistema clerical é um assunto solene e constitui um descrédito não pequeno no reino de Deus. Portanto , não espero uma reação precipitada ao que disse, nem uma aprovação atordoada. Pelo contrário, peço a meus leitores a que passem a considerar detidamente e em espírito de oração este assunto e saquem sua própria conclusão.

Comecemos a recuperar e a guardar o singular posto do Senhor Jesus Cristo como Cabeça soberana de sua igreja, a fim de que Ele desate seu amado sacerdócio (de todos os crentes) das correntes que o tem atado.

CAPÍTULO 6 - A Liderança da Igreja Local: Como Eles Dirigem?

No capítulo anterior descobrimos que a noção moderna de "pastor", que é a forma de liderança aceita na maioria das igrejas protestantes e evangélicas, é totalmente estranha ao Novo Testamento. Segundo os dados bíblicos, os líderes da igreja primitiva eram simplesmente homens locais que cuidavam da congregação. Foi a eles que Deus deu a tarefa de supervisionar o rebanho. Na Bíblia são chamados de anciões, de bispos (supervisores) e de pastores.

Embora seja verdade que o Novo Testamento não promova outra forma de liderança senão a forma compartilhada, a mera presença de uma pluralidade de anciãos não assegura que uma igreja seja saudável. Se os anciãos não dirigem da maneira que o Senhor Jesus prescreveu, seu efeito pode ser ainda mais daninho para a assembléia do que o líder único. Dessa maneira, em vez de ter um único tirano espiritual, a igreja terá *vários*. Esta é a razão pela qual a questão do funcionamento da liderança na igreja é crucial.

Diferentemente do sistema clerical moderno, os anciãos do Novo Testamento nunca foram considerados figuras proeminentes da igreja. De fato, ao longo dos documentos neotestamentários há um profundo desprezo à liderança. Por exemplo, as epístolas que Paulo escreveu às igrejas nunca são dirigidas aos líderes das igrejas mas às próprias igrejas (note-se que em Filipenses 1:1 a liderança é mencionada apenas fugazmente, e só depois de dirigir-se à igreja . Esta omissão é muito significativa, porque desafia vigorosamente a noção evangélica popular da preeminência do pastor, a qual está inegavelmente em contradição com o ensino bíblico.

Ademais, no Novo Testamento todo o tema da liderança tem muito menos destaque do que se costuma dar na maioria dos círculos cristãos modernos. Por exemplo, com exceção das epístolas pastorais (que foram escritas aos colaboradores apostólicos de Paulo), o Apóstolo nunca menciona os anciãos em nenhuma de suas outras epístolas! A principal ênfase de suas epístolas está mais centrada no funcionamento da *igreja inteira* e na responsabilidade que a mesma tem que assumir, do que na operação de sua liderança.

Autoridade Hierárquica, Posicional e Espiritual

Nas Escrituras há muita ênfase no fato de que no reino de Deus a liderança é drasticamente diferente da liderança habitual, tanto no mundo gentílico como no mundo judaico. Diferentemente da noção gentílica sobre autoridade, o enfoque cristão da liderança não vincula autoridade com poder ou estruturas hierárquicas. Os líderes neotestamentários não dominam os santos mediante uma hierarquia estabelecida ou cadeia de comando, como faziam os líderes no mundo gentílico (Mateus 20:25-28). Ademais, diferentemente da noção judaica sobre autoridade, o enfoque cristão da liderança não vincula a autoridade com ordenação, ofício, posição, título, ou protocolos externos. Portanto , na igreja primitiva os líderes não dirigiam com base em uma autoridade investida de posições titulares, como faziam os líderes no mundo judaico (Mateus 23:1-12).

A orientação cristã de liderança vincula a autoridade espiritual com função e maturidade espiritual. É baseada no modelo de liderança do servo, tema comum no ensino de nosso Salvador —um modelo que milita contra a submissão forçada, contra estruturas de autoridade excessivamente pesadas e contra relações hierárquicas (ver Mateus 23:11; Marcos 10:42-45; Lucas 22:26, 27). Neste contexto, o modelo cristão de liderança serviu como salvaguarda à real e vivente liderança do Ungido (como Cabeça) e um freio contra o autoritarismo, o formalismo e o clericalismo. O florescimento da vara de Arão é uma bela ilustração que revela que a base da autoridade espiritual repousa na manifestação da vida na ressurreição, mediante o serviço espiritual, mais do que num cargo assumido (Números 17:1-12).

Portanto, os líderes da igreja primitiva dirigiam com o exemplo, não pela coerção ou manipulação. O respeito que recebiam da congregação era diretamente proporcional ao seu serviço sacrifício (1 Coríntios 16:10, 11, 15-18; Filipenses 2:29, 30; 1 Tessalonicenses 5:12, 13; 1 Timóteo 5:17). Sua autoridade estava arraigada em sua condição espiritual interna e em sua função externa, não numa posição sacerdotal assumida. Nas palavras de Pedro, eles não dirigiam "como dominadores dos que lhes foram confiados, mas como *exemplos* para o rebanho" (1 Pedro 5:3).

Exemplo é uma pauta assinalada para que outros a sigam. Na medida em que os anciãos eram exemplos, isto implica duas coisas: 1- atividade por parte dos anciãos (eles davam o exemplo) e 2- atividade por parte dos demais irmãos (eles seguiam o exemplo dos anciãos) . Portanto, se um ancião esperava que outros ganhassem os perdidos era incumbencia dele mostrar diante da congregação como ganhar almas. Por que? Porque ele dirigia com o exemplo. Como conseqüência, a noção que sustenta que pastores não ganham almas porque "pastores não geram ovelhas, mas que ovelhas geram ovelhas" é um exemplo clássico que despedaça violentamente o ensino das Escrituras. Se empurramos a metáfora pastor-ovelha além de seu significado proposto, pastores não apenas não geram ovelhas, como também roubam sua lã e (às vezes) as comem no almoço! Desafortunadamente, não poucos ‘pastores’ modernos são culpados de alimentar-se *das ovelhas* em vez de alimentá-las (Judas 12; Ezequiel 34:1-10).

Ademais, quando os anciãos estavam à frente da congregação na qualidade de modelos de vida espiritual e de serviço, exortavam aos irmãos a viver e servir da mesma maneira (1 Tessalonicenses 5:12-15). Dessa maneira

alentavam os mestres a ensinar, os pregadores a pregar os profetas a profetizar, os que exortam a exortar, etc., tanto dentro como fora das reuniões eclesiais. Tenha-se em conta que nas reuniões da igreja primitiva se permitia que cada membro funcionasse segundo seu próprio dom, em vez de engendrar passividade e morte espiritual na congregação enquanto um homem pronuncia um sermão de 45 minutos.

Para dizê-lo de forma simples, a liderança no Novo Testamento não era uma obrigação servil nem uma austera necessidade. Era um valioso recurso marcado pela humildade, afinidade, serviço e exemplo piedoso.

O Paradigma da Liderança Imitada

Tragicamente, o modelo que com freqüência se mostra para a liderança eclesial, é tomado do mundo corporativo de negócios. O paradigma que se utiliza é um paradigma gerencial, no qual o motivo impulsor para um líder eclesiástico é formular uma meta definida e traçar graficamente um programa estratégico, mediante o qual se tenta atingir essa meta. Deste modo a igreja ficou amarrada no organizacionalismo aerodinâmico da cultura estadunidense corporativa. Como resultado, os cristãos balizaram métodos de liderança seculares e os imitaram como sendo biblicamente válidos. Para dizê-lo em forma simples, nossa moderna noção da liderança eclesial se encontra culturalmente cativa do espírito desta era!

Vendo que, no que diz respeito à liderança, o grande peso do ensino bíblico se perdeu nas noções prevalecentes de nossa cultura, precisamos reclamar a base bíblica sobre este assunto. Nos faria bem recordar que a metáfora principal traçada na Bíblia sobre a igreja não revela uma *organização*, mas um *organismo*. Assim, a metáfora corporacional é uma metáfora tergiversada. Como dissemos no Capítulo 4, a principal metáfora para a igreja é uma família vivente.

Por esta razão, o modelo bíblico para a liderança cristã é o de uma mãe e de um pai (1 Tessalonicenses 2:6-12). Não obstante, até mesmo a imagem paternal de liderança pode ser deformada e convertida em prosa fria, se não for considerada sob o pano de fundo do sacerdócio geral de todos os crentes e de nossa relação primária de uns para com os outros, como irmãos e irmãs (Mateus 23:8). Dito claramente, os líderes da igreja neotestamentária dirigiam de uma maneira não hierárquica, não aristocrática, não autoritária, não institucional e não clerical. Ademais, a liderança que se visualiza no Novo Testamento é principalmente *funcional*, e *relacional*.

Ter a liderança da igreja local funcionando conforme os mesmos princípios que regem um executivo corporativo num negócio ou um aristocrata num sistema de castas imperial, não foi nunca o conceito do Senhor. É por esta razão que os autores neotestamentários nunca optaram por usar metáforas hierárquicas nem imperiais para descrever a liderança eclesial. Os líderes da igreja neotestamentária são mais descritos como servos e como crianças, do que como senhores e amos (Lucas 22:25, 26). Embora esta maneira de pensar entre em conflito direto com o conceito popular de autoridade de hoje em dia , ela engrena perfeitamente com o ensino bíblico do Reino de Deus , uma esfera em que os débeis são fortes, os pobres são ricos, os humildes são exaltados, e os últimos são primeiros.

Reconsiderando Nossa Noção de Autoridade

A razão principal pela qual nossos conceitos de liderança eclesial se desviaram tanto do ensino bíblico, pode ser rastreada e achada em nossa tendência de projetar nossas noções políticas estadunidenses de autoridade, posição e ofício, nos escritores bíblicos e atribuí-las ao texto neotestamentário ao interpretá-lo. Quando lemos palavras tais como "pastor", "bispo" (supervisor) e "ancião" no Novo Testamento, tendemos a pensar neles em termos de cargos governamentais como ‘Presidente’ e ‘Senador’. Desta maneira, consideramos anciãos, pastores e bispos como profissões (cargos) sociológicos. Como ofícios criados para ocupar vagas que possuem uma realidade independente das pessoas que as preenchem. Em conformidade, atribuímos aos oficiais eclesiais uma autoridade inquestionável sobre todos os demais crentes da congregação, simplesmente porque ‘ocupam o cargo’.

No entanto, a noção neotestamentária da liderança é marcadamente diferente. Não há justificativa bíblica para a idéia de liderança eclesial oficial, nem para a noção de que alguns crentes têm autoridade sobre outros crentes. A única autoridade que existe na igreja é a do próprio Ungido. Os seres humanos não têm autoridade em si mesmos; a autoridade divina está investida apenas na Cabeça. Portanto, no Novo Testamento a autoridade é representativa. Ou seja, os crentes podem *representar* e *expressar* a autoridade divina, mas nunca *assumir* tal autoridade. Na medida em que um membro do Corpo reflete o impulso da Cabeça, ele representa a autoridade divina. Portanto, a boa liderança nunca é autoritária. Só dá mostras de autoridade quando expressa a vontade da Cabeça. (Para um estudo mais completo e mais técnico do conceito neotestamentário de liderança, autoridade e responsabilidade, leia meu livro *Who is Your Covering?* /Quem é sua cobertura?/)

Depois, a tarefa básica da liderança bíblica é facilitação, ensino e direção. O membro é modelado pela vontade de Deus numa destas áreas. Assim, a liderança bíblica é orientada para o serviço. Líderes são aqueles que se sobressaem no serviço e no ministério. Isto os capacita a serem exemplos de como deve funcionar *toda a igreja*. Portanto, não é de estranhar que Paulo nunca optasse por usar nenhuma das mais de quarenta palavras gregas comuns que expressam ‘ofício’, ‘cargo’ e ‘autoridade’ quando trata da liderança cristã. A surpreendente realidade é que a palavra favorita de Paulo para definir a liderança bíblica é o oposto do que a mente natural imaginaria —é *diakonos* /*diákonos*/, que significa ‘servo’ ou servidor.

Em sua preciosa exposição de Marcos 10:42, 43, Ray C. Stedman observa:

Entre os cristãos a autoridade não deriva da mesma fonte que a autoridade mundana, nem é exercida da mesma maneira. A visão mundana de autoridade coloca homens acima dos outros, como numa estrutura de comando militar, numa hierarquia executiva de negócios ou num sistema governamental... O mundo, premido pela concorrência criada pela Queda e sob o prisma da rebeldia e da insensibilidade da natureza humana pecaminosa, não consegue funcionar sem o uso de estruturas de comando e de decisão executiva. Mas como Jesus expressou cuidadosamente: "...não será assim entre vocês..." Os discípulos precisam ter sempre uma relação uns com os outros diferente das relações mundanas. Os cristãos são irmãos e irmãs, filhos de um Pai e membros uns dos outros. Jesus o disse claramente em Mateus 23:8: "...porque um é vosso Mestre, O Ungido, e todos vocês sois irmãos." Ao longo de quase vinte séculos a igreja ignorou na prática estas palavras. No entanto, provavelmente com a melhor das intenções, copiou repetidamente, em tudo, as estruturas de autoridade do mundo; mudou os nomes dos executivos: para reis, generais, capitães, presidentes, governadores, ministros, chefes de departamento, comandantes, papas, patriarcas, bispos, administradores, diáconos, pastores e anciões, e seguiu seu caminho alegremente, dominando os irmãos e destruindo desse modo o modelo de serviço que nosso Senhor tinha em mira... Seguramente, em algum lugar as palavras de Jesus: "...Mas não será assim entre vocês..." deve encontrar algum cumprimento. Contudo, hoje em dia na maior parte das igrejas se deu uma irreflexiva aceitação do conceito de que o pastor é a última palavra em autoridade, doutrina e prática, e que ele é o oficial executivo da igreja no que toca à administração. Mas, certamente, se um papa sobre toda a igreja é ruim, um papa em cada igreja não é melhor! ("A Pastor's Authority" */Autoridade do pastor/, Discovery Paper #3500, Discovery Publishing).*

Não esqueçamos nunca que os anciãos eram servos do Mestre, o Senhor Jesus, o único que possuía direitos sobre a igreja. Portanto, ao longo de todo o Novo Testamento nunca se faz referência a nenhum líder eclesial como "cabeça" de uma igreja. Este título se reserva exclusivamente ao Senhor Jesus. Dado que os anciãos da congregação primitiva não consideravam a igreja como pertencente a eles, não promoviam seus programas por pura força, nem constrangiam outros a uma insensata submissão apelando para 'sua posição'. Os anciãos da igreja primitiva não funcionavam como uma oligarquia (governo absoluto exercido por alguns) nem como uma ditadura (governo monárquico exercido por uma pessoa).

Pelo mesmo motivo, a congregação primitiva não funcionava como nossa democracia contemporânea. No Novo Testamento nunca se visualiza assuntos da igreja sendo resolvidos mediante um governo majoritário. Mesmo achando que nosso sistema democrático estadunidense está fundamentado numa teologia bíblica, não há nem um só exemplo em todo Novo Testamento onde as decisões são tomadas por votação.

A Norma Divina do Consenso

Qual era o modo neotestamentário para a tomada de decisões na igreja primitiva? Era simplesmente por consenso. "Então os apóstolos e os anciãos, *com toda a igreja...*" e "*nos* pareceu bem, tendo chegado a um *acordo...*" é o modelo divino para manejar os assuntos da igreja (Atos 15:22, 25).

O princípio do consenso está profundamente enraizado nas Escrituras. Tendo em vista que que a igreja é um Corpo, todos seus membros devem estar de acordo antes que ela possa avançar em obediência à sua Cabeça (Romanos 12:4, 5; 1 Coríntios 12:12-27; Efésios 4:11-16). A falta de unidade e cooperação entre os membros denota uma falha em aceitar a Cabeça. Desta maneira um governo majoritário e um governo dictatorial violentam a imagem coletiva da igreja e diluem o singelo depoimento de que O Ungido é a Cabeça de um Corpo unificado. Por esta razão, as epístolas de Paulo às igrejas estão saturadas de mandamentos para que sejam um só corpo (Romanos 15:5, 6; 1 Coríntios 1:10; 2 Coríntios 13:11; Efésios 4:3; Filipenses 2:2; 4:2).

O próprio Jesus Cristo ensinou que se seu povo chegasse a um acordo a respeito de uma petição, a mesma levaria sua autoridade e chegaria ao trono do Pai (Mateus 18:19). Significativamente, "acordo" neste texto está traduzido do vocábulo grego *sumfoneo* /*sumfoneo*/, do qual deriva nosso termo 'sinfonia'. Esta palavra grega significa soar juntos e unânimes. Assim, o significado é claro: quando a igreja está em harmonia 'simpatia' (unânime) com a mente divina, Deus atua.

Ademais, o consenso reflete a inseparável união da Deidade eterna, cuja natureza somos (como igreja) chamados a refletir. Inclusive na dispensação veterotestamentária, nas Escrituras consenso é associado com plenitude espiritual (vide 2 Samuel 10:15-18; 1 Crônicas 12:38-40; 13:1-4; 2 Crônicas 30:4, 5), enquanto que separação (divisão) é associada com ruína espiritual (1 Reis 16:21, 22; 19:18). Em suma, ns Escrituras apresentam o consenso como a maneira divina da perfeita tomada de decisões na assembléia.

Embora os anciãos da igreja primitiva assumissem a maior parte da supervisão espiritual e do cuidado pastoral com respeito à congregação (Hebreus 13:7, 17, 24), não dirigiam a igreja vociferando ordens a uma congregação passiva. Pelo contrário, laboravam juntos com a congregação para atingir uma decisão *unânime* e *um mesmo* sentir (Atos 1:23-25; 6:2-6; 15:22, 28). Por esta razão o significado da palavra "obedecer" em Hebreus 13:17 é "deixar-se persuadir". (A palavra grega usada nesta passagem para obedecer, não *é upakouw* /*hupakuo*/, o termo comum usado para significar obediência em outras partes, mas *peiqw* /*peitho*/ [forma médio-passiva], que significa condescender pela persuasão.)

Como aparte, o princípio bíblico sustenta que, uma vez que tenham emergido anciãos locais dentro da assembléia local, os obreiros apostólicos (ou "plantadores de igrejas", na linguagem moderna) não têm nenhuma autoridade direta para tomar decisões na mesma. Enquanto o ministério espiritual do apóstolo deve ser bem-vindo na igreja local, a responsabilidade espiritual no que toca à assembléia, fica posta nas mãos dos crentes locais (Atos 14:23; 20:28-31; 1 Timóteo 5:17; Tito 1:5; Hebreus 13:17). Portanto, no Novo Testamento não existe o conceito de um governo extra local, centralizado. Na igreja primitiva, cada assembléia estava *espiritualmente unificada* pela vida, mas era *autogovernada* e *autônoma* localmente. Dito de outra maneira, as igrejas do Novo Testamento eram independentes em organização e responsabilidade, mas interdependentes em vida e unidade. Este é o maravilhoso desígnio de Deus; porque quando um apóstolo não local toma controle de uma assembléia local, a mesma torna-se nada mais que uma extensão dele mesmo. Como resultado, a igreja vira uma seita (do apóstolo) obcurecendo o pleno depoimento de Jesus que a mesma deveria transmitir.

Dentro do processo de tomada de decisões da igreja, a função principal dos anciãos era trabalhar para que se conseguisse um critério indiviso entre todos os crentes. Portanto, sua liderança dependia mais de sua habilidade de persuadir a congregação a ter um entendimento unânime da mente do Senhor, do que de forçá-la a uma descarnada submissão —um exabrupto: "se vocês não se submetem a nós, simplesmente vão ter que procurar outra igreja a onde ir". Com respeito a isto, os anciãos neotestamentários eram homens que tinham aptidões que alentavam e edificavam a solidariedade familiar (1 Timóteo 3:4, 5; Tito 1:6). Hal Miller define a função dos anciãos no processo consensual de tomada de decisões da seguinte maneira:

Mesmo que os líderes da igreja estivessem submetidos a todo o Corpo, não estavam necessariamente submetidos a nenhuma parte do mesmo. O assunto aqui é salvaguardar o consenso da igreja como a realidade diretiva final, sem obrigar a igreja a ficar atada ao membro menos maduro numa determinada área... Os líderes precisam do consenso, porque este implica em autoridade natural e constitui a única fonte pela qual sua autoridade espiritual pode ter validade. Por outro lado, o consenso precisa de líderes para que não se degenere em fazer aquilo que a pessoa menos sensível ao Espírito na tomada correta de decisão queira fazer ("Leadership in the Church: Tem Propositions*" /Liderança na igreja, dez proposições/, em Searching Together, Vol. 11:3).*

Significado de Consenso

Examinemos por um momento o significado de consenso. Por consenso eu entendo um acordo unânime em que todos os membros da igreja chegaram, apoiando uma decisão em particular. Conceitos de conformidade, consenso e unanimidade são praticamente idênticos. Ao mesmo tempo em que os membros podem estar de acordo com uma decisão podem ter também diferentes graus de entusiasmo (com alguns dando seu consentimento ‘mas com o coração aflito’), todos chegaram unanimemente a um ponto onde deixaram de lado suas objeções e podem respaldar a decisão com boa consciência.

Quando uma igreja funciona por consenso, as decisões diferem até que se consegue um pleno acordo. Tal processo requer que todos os membros da igreja participem, por igual, para atingir a mente do Senhor com relação a um assunto dado, e aceitem a responsabilidade por atingí-la. Portanto, quando se atinge um consenso, esse fato por si só elimina virtualmente toda murmuração e queixa, já que cada membro teve parte e responsabilidade iguais na decisão. Vejamos como expressa isto Christian Smith:

*O consenso é edificado na experiência da comunidade cristã. O mesmo requer relações sólidas, capazes de tolerar a controvérsia mútua através dos temas de discussão. Requer amor e respeito mútuos para escutar o outro quando há desacordo. O consenso requer pois mais um dedicado esforço para conhecer e compreender a outros do que um desejo de convencê-los ou apressá-los na tomada de decisão. O consenso, como meio para tomar decisões na igreja, não é o meio mais fácil, mas é o melhor meio. Parafraseando Winston Churchill, o consenso é a pior forma de tomar decisões numa igreja, com exceção de todas as demais. O consenso não é forte em eficiência, se com ele queremos dizer facilidade e rapidez. Pode tomar muito tempo para resolver assuntos, o que pode ser bastante frustrante... O consenso fortalece a unidade, a comunicação, a disponibilidade à direção do Espírito, e a participação responsável no Corpo. Considerando esses valores, o consenso é eficiente. Portanto, decidir mediante consenso simplesmente requer a confiança de que unidade, amor, comunicação e participação são mais importantes no sistema cristão, do que decisões rápidas e fáceis. O consenso requer a compreensão de que, fundamentalmente, o processo é tão importante quanto o resultado. A forma como tratamos uns aos outros na tomada conjunta de decisões é tão importante quanto aquilo que realmente decidimos (*Going to the Root */Indo à raiz /).*

Enquanto, pelo prisma de nossa mentalidade pragmática estadunidense, a prática do consenso foi considerado idealista e ineficiente, o mesmo é a única salvaguarda segura que garante o alcance efetivo da mente do Ungido. Mesmo que alguns afirmem que tal método nunca funcionaria em nossos dias, o depoimento da igreja desafia tal conceito.

A tomada de decisões mediante o consenso foi praticada pelos hutteritas (anabatistas), pelos quakers, pelos irmãos ‘irmãos livres’ —do ramo de Muller-Lang), bem como por muitas fraternidades modernas que tentam seguir princípios neotestamentários em sua vida coletiva. Sem dúvida alguma, *humanamente* o consenso é impossível. Mas também o é a salvação (Mateus 19:26). No entanto, o Espírito que mora em nós faz com que a tomada de decisões

mediante o consenso seja, tanto uma realidade prática como um testemunho frutífero da vida indivisível do Ungido. Neste aspecto, é muito esclarecedor o depoimento de G.H. Lang:

Como alguém associado a esta igreja (a igreja Bethesda *em Bristol, Inglaterra) durante os últimos sessenta anos, com muito gosto testemunho que creio firmemente que a simples obediência à direção da Palavra de Deus neste assunto, foi uma das causas principais da notavel e ininterrupta paz e harmonia que, pela bondade de Deus, caracterizou esta igreja todos estes anos. A razão não está distante. O hábito de esperar, antes de chegar a tomar uma decisão sobre qualquer passo, até que o Espírito Santo que mora em nós conduza todas as mentes a uma unidade de propósito, concede a nosso Senhor Jesus Cristo seu próprio lugar como o único Senhor e Soberano em sua Casa, mantendo-nos como irmãos em nossa condição de humildade, dependência e submissão (*The Churches of God */As igrejas de Deus /).*

O Abismo

O abismo existente entre a moderna prática eclesial da tomada de decisões e o modelo neotestamentário, é realmente profundo. Isso nos leva a refletir e perguntar por que nos desviamos tanto. Problemas como divisão na igreja, ovelhas desviadas e lutas pelo poder clerical, nãoseriam uma consequencia direta de nossa arrogante conclusão de que achamos uma melhor forma de dirigir a casa de Deus no século XX? Em muitas igrejas institucionais, o pastor (e as vezes 'a junta') toma decisões de forma independente da congregação sem levar em conta os interesses e o sentido espiritual da igreja. Os membros da igreja não têm voz nem voto nos assuntos da congregação e são estimulados a procurar outro lugar se não se 'alinham'.

Mesmo assim, nas igrejas que tomam decisões por voto de maioria, aqueles que 'perdem no voto' acabam objetando o critério da maioria e, às vezes, a ética dos procedimentos. Além disso, matreiramente, passam por cima do fato de que as Escrituras estão cheias de exemplos onde a maioria estava equivocada. Argumentando com base em Mateus 18:18-20, Robert Banks faz a seguinte observação:

*Os membros da igreja recebiam direção do alto em assuntos que afetavam a vida da comunidade, principalmente quando se congregavam para discernir a vontade de Deus para eles. Recebiam essa direção do Espírito Santo mediante o exercício dos dons do conhecimento, da revelação, da sabedoria, etc. Tanto que Paulo nunca se cansa de fazer questão de que cada membro da comunidade assumisse a responsabilidade de dividir os conhecimentos particulares que porventura tivesse. Estimula todos a 'ensinar uns aos outros', a 'profetizar... para que todos aprendam, e para que todos sejam exortados', e 'ensinando-vos e exortando-vos uns aos outros em toda sabedoria', porque 'seguindo na verdade e no amor' cresceremos 'em tudo naquele que é a cabeça, isto é, O Ungido'. Portanto, o ambiente mais característico onde a comunidade recebia direção, era quando os cristãos se congregavam para compartilhar e avaliar os dons que tinham recebido. Ali, numa variedade de formas de dons, a direção era comunicada por meio de cada um para todos, e por meio de todos para cada um (*Paul's Idea of Community */A idéia que Paulo tinha da comunidade /).*

Não cabe dúvida de que o consenso é custoso, porque impõe responsabilidade sobre *todos* os santos a procurar ao Senhor para si mesmos, e demanda que se esforcem e lutem juntos para obter a mente dEle. Com freqüência quer dizer trocar decisões apressadas por ganhar confiança mediante a dilação. Mas, oh, que edificação conjunta depara este processo para a assembléia —que lucro de paciência —que reflexo de amor e respeito mútuos —que exercício de comunidade cristã —que sujeição imposta sobre a carne —que sacrifício de levar a cruz —que morrer para nossos próprios programas! Não valeria a pena pagar este preço para cumprir o propósito do Senhor para seu Corpo e dar-lhe a oportunidade de atuar em nós mais profundamente no aspecto coletivo? Será que é tão difícil alcançar a mente do Senhor em um assunto relacionado com *sua* (não nossa) igreja? Porque tomar decisões apressadas que podem afetar negativamente a vida dos irmãos e deixar de refletir *a* vontade do Senhor? Esquecemos frequentemente que no pensar de Deus, os meios são tão importantes quanto os fins.

Ao enfocar o assunto do consenso, alguns exclamam: "É prático isto? —É possível isto? —É conveniente isto?" No entanto, devemos compreender que no conceito divino estas perguntas são tão improcedentes quanto (com freqüência) irreverentes. A conveniência é um critério extremamente suspeito e perigoso, porque julga atos no âmbito espiritual. A pergunta essencial que devemos fazer não é "É conveniente isto?", mas "É bíblico isto?" Você pode estar seguro de que se o Senhor, por meio de sua Palavra, mandou-nos fazer algo, isso será tão possível quanto prático por sua graça.

Em suma, os líderes da igreja neotestamentária dirigiam estimulando a universalidade de dons e ministérios na congregação, ajudando a formar uma solidariedade caseira entre os crentes, e fomentando um sentido de comunidade, coesão e unidade dentro da igreja. A liderança bíblica não é caracterizada pela habilidade de conquistar poder ou impor a vontade própria sobre outros, mas pela habilidade de unificar a igreja a fim de atingir discernimentos indivisos com respeito a assuntos críticos. Os líderes neotestamentários provêem supervisão, ensino e direção para a congregação, mas fazem isto dentro de um marco de submissão mútua e de responsabilidade fraternal (Efésios 5:21; 1 Timóteo 5:19, 20).

Em geral, o Novo Testamento não sabe nada de um modo autoritário de liderança, nem de um igualitarismo sem líderes. Recusa tanto as estruturas hierárquicas, como o individualismo exacerbado. A liderança bíblica é

simplesmente um dos muitos dons dados pelo Espírito Santo, enumerados no Novo Testamento (1 Coríntios 12:28). Como é o caso com todos os demais dons, a liderança investido pelo Espírito Santo é exercida sempre no contexto de uma submissão mútua, mais do que numa estrutura unilateral de subordinação (Efésios 5:21; 1 Timóteo 5:19, 20).

Que o Senhor nos guarde de sacrificar sua verdade no altar da conveniência e nos ajude a devolver, com fé sincera, nossas igrejas ao controle e governo do próprio Senhor Jesus Cristo.

CAPÍTULO 7 - CONTEÚDO DA IGREJA LOCAL

Em sua primeira epístola à igreja de Corinto, Paulo escreve: "Assim como o corpo é um, e tem muitos membros, todos os membros do corpo, sendo muitos, são um só corpo, assim também Cristo..." "Vocês, pois, sois o corpo de Cristo, e membros cada um em particular" (1 Coríntios 12:12, 27). Neste texto Paulo declara que a igreja é o Corpo de Cristo (O Ungido). Mais especificamente, a igreja local é o Corpo do Ungido num lugar determinado. Dito de outra maneira, a igreja local *contém* a todos os que são membros do Corpo do Ungido num lugar determinado. Portanto , se você é membro do Corpo do Ungido, você é parte da igreja de sua área; se você não é membro do Corpo, não constitui parte da igreja

Vida —a Única Base Para a Unidade

Seguindo esta linha de pensamento, Paulo escreveu à igreja de Roma, dizendo: "Recebei ao débil na fé... porque Deus o recebeu... Portanto, recebei-vos uns aos outros, como também Cristo nos recebeu, para glória de Deus." (Romanos 14:1, 3; 15:7). Segundo Paulo, a igreja está integrada por todos aqueles que Deus recebeu, e quem quer que Deus recebeu, nós não podemos recusá-lo. O fato de recebermos a outros, não os faz membros da igreja; recebemo-los, porque já são membros. Portanto, se Deus o recebeu a você, então você pertence à igreja.

O envolvimento natural desta verdade é que todos os crentes que vivem na tua vizinhança, devem considerá-lo membro da família de Deus e devem aceitar com agrado ter comunhão com você. Por que? Porque você compartilha a mesma vida que todos os demais cristãos nascidos do alto compartilham. Portanto, todos aqueles que compartilham a indivisível vida do Ungido, são parte da mesma igreja, porque o conteúdo da assembléia local é o Corpo do Ungido.

Se a maior parte dos cristãos não têm praticamente nenhum problema com o que expressei até aqui, lamentavelmente muitos se desviaram deste ensino em sua vida prática. Em nossos dias o problema está em que numerosos cristãos não aceitam o Corpo do Ungido como base de sua comunhão. Adicionaram algo a este requisito básico ou subtraíram algo dele. Deste modo, não poucas ‘igrejas’ modernas excederam ou estreitaram o alcance bíblico da unidade cristã, que é o Corpo do Ungido. Permita-me explicar um pouco isto.

Suponhamos que em sua comunidade há um grupo de crentes que se congrega regularmente. Chama-se "Primeira Igreja Presbicarisbatista". Quando você pergunta a respeito de como ser membro, lhe entregam uma ‘declaração de fé‘ que contém uma lista de suas crenças teológicas. Muitas das doutrinas que aparecem nessa lista, vão além dos fundamentos essenciais da fé que marcam os requisitos mínimos e máximos para fazer-se cristão (tais como a Divindade de Jesus Cristo, sua obra salvífica, sua ressurreição corporal, etc.). Ao seguir assistindo a essa "Primeira Igreja Presbicarisbatista", em breve você descobre que para ser plenamente aceito por seus membros, você deve aderir ao modo deles de ver os dons espirituais e a segurança eterna. Se ocorre de você discordar deles sobre um desses pontos doutrinais, logo alguém lhe diz (explícita ou tacitamente) que seria melhor do que freqüentasse qualquer outro lugar.

Vê você o problema que há em torno disto? Embora a "Primeira Igreja Presbicarisbatista" possa chamar a si mesma de igreja local, ela não preenche os requisitos bíblicos de uma igreja. Ao invés disso ela mesma socavou a base bíblica da comunhão, que é o Corpo do Ungido apenas. Aos olhos do Senhor, os membros desse grupo não constituem uma igreja local. São o que a Bíblia chama *uma seita*. Não se engane nesse aspecto —em nenhum lugar a Bíblia nos autoriza a nos separar de outros crentes por causa de uma diferença doutrinal. Muito pelo contrário, Deus proíbe qualquer divisão por motivos doutrinais. (Note você que Romanos 16:17 e Tito 3:9-11 não se referem a erros doutrinais, mas ao uso de doutrinas que polarizam e confundem a igreja. Ali vemos que os cristãos que praticam isto, estão sujeitos a uma disciplina eclesiástica.)

Uma vez mais, se alguém pertence ao Senhor, então faz parte da igreja, e devemos recebê-lo com fraternidade. Se para admití-lo, requeremos dele qualquer coisa além do que tenha recebido do Espírito Santo, não somos uma igreja mas uma seita. *Todo aquele a quem o Senhor recebeu num lugar determinado, compreende (ou faz parte de) a igreja local.*

O Problema do Sectarismo

Consideremos o significado do termo *seita* como aparece na Bíblia. A palavra grega que designa seita é *airesiç* (*hairesis* /pron. *jeresis/*), e é usada nove vezes no Novo Testamento; foi traduzida como ‘seita’, ‘partido’, ‘facção’ e ‘heresia’. Uma seita é uma divisão ou cisma; refere-se a um grupo de pessoas que optaram por separar-se do conjunto maior, a fim de seguir seus próprios princípios. O clássico exemplo do pecado de sectarismo se encontra em 1 Coríntios 1:11-13, onde Paulo diz:

Meus irmãos, fui informado por alguns da casa de Cloé de que há divisões entre vocês. Com isso quero dizer que cada algum de vocês afirma: ‘Eu sou de Paulo‘; ou ‘Eu sou de Apolo‘; ou ‘eu sou de Pedro‘; ou ainda ‘Eu sou de Cristo‘. Acaso Cristo está dividido? Foi Paulo crucificado em favor de vocês? Foram vocês batizados em nome de Paulo?

Note você que no conceito de Deus, a igreja de Corinto abarcava todos os cristãos que viviam na cidade de Corinto (1 Coríntios 1:2). No entanto, alguns deles estavam traçando um círculo ao redor de si mesmos, que era menor do que o Corpo do Ungido em Corinto (lamentavelmente, nossa tendência carnal de traçar linhas onde não devem ser traçadas, ainda prevalece no cristianismo). Em vez de fazer do Corpo o conteúdo da igreja, alguns estavam adotando seu líder espiritual favorito como base de sua comunhão.

Com severidade amorosa, Paulo repreendeu fortemente tais pessoas por seu espírito sectário, condenando aquilo como obra da carne (1 Coríntios 3:3, 4; Gálatas 5:19, 20; ver também Judas 19). Se nesse caso não houvesse a repreensão de Paulo, surgiriam quatro diferentes seitas em Corinto, e e cada uma delas alegaria ser igrejas locais, isto é, 'a igreja de Pedro', 'a igreja de Apolo', 'a igreja de Paulo' e 'a igreja de Cristo (exclusiva)'.

Cada vez que um grupo de crentes mina a base bíblica da comunhão excluindo, seja explícita ou implicitamente, indivíduos recebidos pelo Ungido, eles constituem uma seita. Ainda que haja um letreiro pintado em seu edifício que diga 'igreja' e que estejam incorporados com um documento legal de 'igreja' , o Senhor não os reconhece como igreja. Na linguagem do Apocalipse, não têm lume. Embora isto não signifique que os membros da igreja não pertencem ao Corpo de Cristo, esta instituição que construíram para ser uma igreja local, não preenche os imperativos bíblicos.

Com respeito a isto, os cristãos não devem unir-se às seitas porque as mesmas são inerentemente divisivas e Deus não as reconhece. Para dizê-lo muito claramente, a única igreja que nós como crentes podemos reclamar, é aquela que O Ungido começou, isto é, o Corpo de Cristo na expressão local. Lamentavelmente, muitos cristãos modernos não compreendem que o que eles chamam 'sua igreja', na realidade são seitas aos olhos do Senhor.

Enquanto não poucos cristãos restringem o alcance do Corpo do Ungido em sua congregação, outros se excedem no mesmo. Em seu esforço por ser unipresentes ou 'superinclusivos', estes crentes tentam estabelecer uma unidade com pessoas que desconhecem completamente a Jesus Cristo. Esse tipo de unidade é estranha à Bíblia; pois apenas aqueles aos quais o Ungido recebeu pertencem a seu Corpo, e portanto, são parte de sua igreja. Receber inconversos como membros da família é tornar a igreja em algo terrenal e corromper o verdadeiro povo de Deus (1 Coríntios 5:6; Gálatas 2:4; 2 Timóteo 3:6; 2 Pedro 2:1; Judas 4, 12). Isto não sugere que temos de impedir que os inconversos assistam às reuniões da igreja (ver 1 Coríntios 14:23 , 24). Mas que não temos de recebê-los como nossos *irmãos*. Pois a unidade da igreja se limita ao Corpo do Ungido e não se pode estender além do mesmo.

Unidade Mediante Organização

Diante do problema do sectarismo, alguns propõem como solução a *unidade organizacional*. Neste tipo de unidade visualizam todas as diversas vertentes da cristiandade laborando juntas e relacionadas umas com as outras sob a bandeira de uma associação unificada. Semelhante ecumenismo moderno se expressa tipicamente em "níveis superiores", quando os líderes das diferentes igrejas regidas pela clero se reúnem regularmente e formam uma associação de ministros de várias classes.

Enquanto tal expressão de unidade parece ser válida, a mesma é inadequada aos olhos de Deus. Não passa uma produção humana e não chega a tocar no problema básico do sectarismo. Enquanto os cristãos continuarem separando-se uns dos outros baseados em características teológicas, métodos religiosos, estilos de adoração, práticas espirituais, etc., seguirão reunindo-se sobre bases sectárias. Mesmo que se forme uma federação de 'igrejas' (seitas) ou de ministros. Tal exibição de unidade nada mais é do que dar as mãos por cima da cerca. E Deus não pode estar satisfeito com arranjos semelhantes, enquanto os envolvidos seguirem mantendo e justificando suas cercas feitas por homens.

Embora seja um passo muito nobre aceitar os que fazem parte de diferentes tradições cristãs, solapamos o princípio bíblico se permanecemos em nossas denominações feitas por homens, que fragmentam o Corpo do Ungido. O propósito de Deus é que a igreja 'local' prevaleça, e que seu povo retorne à base bíblica da comunhão cristã, que é tão somente o Corpo do Ungido. Desafortunadamente, em nossos dias um grande número de crentes, e especialmente um crescente número de membros do clero, não estão dispostos a tocar neste ponto sensível. É bem mais fácil para nossa carne permanecer em estreita comunhão com aqueles cristãos cujas crenças concordam com as nossas, do que viver com os que diferem de nós em sua doutrina, personalidade, estilo de adoração, prática espiritual e coisas assim.

Enquanto muitos cristãos estão dispostos até certo ponto a deixar suas zonas de conveniência, a maioria tem uma inclinação natural de presumir que Deus não liga para a contemporização deles, em vista de que mostraram alguma medida de sacrifício. O resultado é que o *bom* se torna em inimigo do *melhor*. Assim, dentro do redil da cristiandade há aqueles que se conformam em expressar uma unidade parcial com outros crentes, ao mesmo tempo em que fecham os ouvidos ao apelo de Deus à completa unidade bíblica. Isso não é diferente de como os reis de Israel limpavam o templo mas deixavam intactos os lugares altos. A verdadeira unidade requer que o poder da cruz atue profundamente na vida daqueles que a tentam. Por esta razão, Paulo exortou a igreja de Éfeso a viver "com toda humildade e mansidão, suportando com paciência uns aos outros em amor, solícitos em guardar a unidade do Espírito no vínculo da paz; um corpo..." (Efésios 4:2-4).

Tal exortação teria pouco sentido se os crentes efésios estivessem divididos em seitas, confraternizando-se apenas quando fosse conveniente e cômodo. Pelo contrário, a igreja local visualizada no Novo Testamento não se

dividia em seitas. Não sabia nada sobre separar crentes com arranjos e divisões denominacionais, adeptos religiosos e unidades espirituais distintas.

Também desconhecia o ato de formar uma associação de seitas ou de clérigos. Todos os membros do Corpo do Ungido, num lugar determinado, pertenciam à mesma igreja —não só em espírito, mas também na expressão prática. Cada crente via a todos os demais crentes como órgãos do mesmo Corpo —tijolos do mesmo edifício —irmãos/irmãs da mesma família —soldados do mesmo exército. Numa palavra, os cristãos primitivos não apenas se davam a mão, declarando ser um; eles"estavam juntos" em comunhão irrestrita, recusando deixar que sua carne erigisse semelhantes cercas. John W. Kennedy expressa bem o ônus do Senhor pela unidade quando diz:

*Com a chegada do movimento ecumênico, a hierarquia de uma ampla seção da cristiandade organizada começou a fazer eco ao clamor por 'unidade'. No entanto, não parece que se tenha reconhecido que união sem comunhão não faz sentido ... Onde não há um coração batendo pelo outro, uma crucifixão do eu, e um entrar na 'consciência do Corpo', produto exclusivo da regeneração e do contínuo fluir da vida e da vitalidade do Espírito, não pode haver comunhão em nenhum sentido espiritual... Um monte desarrumado de tijolos não é uma casa, ainda que aparentemente possam estar unidos; um tijolo parece bem igual a outro. De modo similar, um grupo desarrumado de pessoas regeneradas onde cada uma alega estar unida ao Ungido, não é uma igreja. Devem estar "bem arrumadas e unidas", cada uma contribuindo com seu lugar em particular no edifício espiritual, e consciente do laço de vida e de responsabilidade mútua que mantém todos eles ligados e juntos. O propósito desta unidade é constituir uma "morada de Deus no Espírito" (*Secret of His Purpose */O segredo de seu propósito/).*

Unidade Mediante Doutrina

A *unidade doutrinal* é outra idéia que alguns apresentaram como solução para remediar as divisões que há na igreja. Os cristãos que endossam este tipo de unidade falam muito da necessidade da "pureza doutrinal". A tragédia está em que aqueles que fazem da pureza doutrinal a base da comunhão, geralmente terminam fazendo de algumas doutrinas não essenciais o fundamento da unidade cristã, recusando desse modo a ter comunhão com genuínos crentes.

Aqueles que põem ênfase na unidade doutrinal, tipicamente desprezam seus irmãos de outras tradições. E com freqüência o fazem sob o pretexto de "defender a fé". Enquanto eu, pessoalmente, creio que hoje em dia uma das necessidades mais urgentes que há entre os cristãos é o discernimento espiritual baseado nas Escrituras. É fundamentalmente não bíblico e profundamente não cristão andar por aí escrutinando nossos irmãos com olhos críticos. A Palavra de Deus nos previne contra aqueles que estão dominados por um espírito arrogante, julgador e crítico —porque este é o mesmíssimo espírito que caracteriza ao acusador dos irmãos (Judas 16, Apocalipse 12:10).

Se fazemos do Senhor seja nosso único objetivo, Ele nos mostrará quando estamos na presença de uma falsidade e nos guardará de seu efeito. Mas se estamos sempre tentando farejar o cheiro de algum erro em outros, com toda segurança não perceberemos o Senhor quando Ele falar por meio de um de seus pequenos. Portanto, em vez de tentar ativamente focalizar os conceitos errôneos nos outros, procuremos encontrar um pouco do Ungido quando um irmão ou irmã abre a boca. John W. Kennedy o expressa isso com presteza:

*A paixão do homem por sistematizar a verdade da Bíblia trouxe muita luz e bênção. Ninguém deve desacreditar do devoto labor dos homens de Deus, que, ao longo dos séculos, trouxeram a milhares de pessoas uma apreciação mais profunda de sua herança no Ungido. Todavia, nenhuma sistematização humana da verdade divina substitui a igreja. Aceitar tal sistematização constitui o caminho ao estancamento, e é o prelúdio de uma ulterior divisão entre o povo de Deus. Quando alguma assembléia toma a seu cargo, como igreja, o ensino de um código restrito de doutrinas, a mesma deixa inteiramente o terreno da igreja e entra no domínio do sectarismo (*Secret of His Purpose */O segredo de seu propósito/).*

Unidade Mediante Organismo

Por estranho que pareça, a Bíblia desconhece a unidade organizacional ou doutrinal; só conhece a *unidade orgânica*. A questão decisiva no que toca à comunhão e à unidade, é a *vida interior*. A questão central que deve reger nossa comunhão é simplesmente isto: Se alguém não tem o Espírito de Cristo, não pertence a Cristo. (Romanos 8:9; 2 Coríntios 13:5). A vida do Ungido que mora numa pessoa é o único requisito para a unidade do Espírito.

Certamente, aqueles que nasceram do Espírito, terão de viver de um modo que seja conseqüencia deste fato (1 João 2:29; 3:14). Isso significa que terão de aderir às doutrinas *essenciais* relativas à Pessoa de Jesus Cristo e à sua propiciação (veja-se Efésios 4:3-7 para uma enumeração dos sete fatores principais necessários para a unidade espiritual). Mas também pode ocorrer que não estejam suficientemente esclarecidos quanto a certas coisas espirituais. Sua personalidade pode chocar com a nossa, seu estilo de adoração pode nos parecer desagradável, podem ser imaturos e carentes de luz, e podem ser penosamente excêntricos. No entanto, o fato do Ungido fazer morada neles, obriga-nos a recebê-los como membros da família, não apenas "de palavra ou de língua, mas de fato e em verdade" (1 João 3:18).

Que Ninguém Se Engane

Hoje a unidade da igreja está severamente desfigurada. Enquanto cristãos somos um em espírito, mas a expressão prática de nossa unidade está muito longe do que era no Novo Testamento. Deus não pode senão estar contristado com a situação de hoje em dia, em que seu povo se fragmentou em montões de congregações desarticuladas e desconexas, todas operando independentemente umas das outras.

Por contraposição, durante os dias da igreja primitiva cada assembléia local era completamente unificada. Todos os crentes de um lugar determinado viviam como uma família. Se você era um crente em Jerusalém e eu também era um crente em Jerusalém, ambos pertencíamos à mesma igreja local. Tínhamos os mesmos supervisores e não fazíamos divisões entre nós. E se eu abrigasse pensamentos de adotar um ministro favorito fora a base da unidade e me aventurasse a estabelecer acordo com outros que tivessem semelhante parecer, para formar "a igreja de Paulo", seguramente eu seria severamente repreendido por minha tendência sectária! Declarar que pertenço a um homem, a uma doutrina ou a um método, é tão carnal quanto sectário (1 Coríntios 3:3, 4).

Ironicamente, permitimo-nos fazer semelhantes distinções partidárias sem qualquer estremecimento quando dizemos "Eu sou batista", "Eu sou pentecostal", "Eu sou carismático", "Eu sou calvinista", "Eu sou presbiteriano", etc. (de fato, a palavra ‘denominação’ significa literalmente um nome ou designação de uma classe de coisas). Convenientemente nos esquecemos que Paulo dirigiu uma severa repreensão aos Coríntios quando começaram a denominar-se exatamente da mesma maneira (1 Coríntios 1:11-13). Para dizê-lo em forma inteiramente sincera, o sistema denominacional moderno, que inclui um grande número de igrejas chamadas não denominacionais, pós denominacionais e interdenominacionais, choca-se com o princípio neotestamentário. Uma vez mais John W. Kennedy resume isto muito bem dizendo:

*Conhecendo um pouco da visão do Corpo, o espírito de ‘minha congregação’, ‘nosso grupo’, ou o espírito de fazer diferença entre o povo de Deus, chega a ser algo desprezível. Para aqueles que usufruem da comunhão da igreja, o sectarismo e as constrições do denominacionalismo são intoleráveis. A base da igreja é a consciência (percepção) da vida comum do Espírito, e o Espírito não opera sobre nenhuma outra base (*Secret of His Purpose */O segredo de seu propósito/).*

A artimanha do inimigo

Há poucas coisas que vão mais diretamente ao coração do testemunho de Jesus do que a questão da comunhão entre seu povo. Em conseqüência a principal artimanha de Satanás está dirigida a destruir a comunhão dos irmãos, porque é por meio de tal divisão que ele mantém a igreja em debilidade. Como nosso Senhor disse: "Uma casa dividida contra si mesma não pode permanecer e pé". É por esta razão que as forças das trevas procuram qualquer oportunidade para semear divisões, suspeitas, julgamentos e separaçõe entre os crentes. Por isso os problemas que surgem entre os irmãos são bem mais profundos do que diferenças de natureza, temperamento e pontos de vista.

Há um sinistro ataque total por parte do inimigo, visando destruir o testemunho do Senhor mediante divisões, e com freqüência ele usará nossos futis esforços de relação mútua sobre uma base natural, como alvo para seu ataque. Assim, devemos ser sensíveis ao fato de que o testemunho do Senhor, que Ele tenta restabelecer agora, é inseparável de nossa unidade. E o diabo fará tudo que puder para destruí-lo. A única proteção contra este ataque é colocar firmemente na cruz tudo o que é natural em nós. Se formos fiéis nisto, o Senhor poderá obter o que Ele procura em nós.

Desafortunadamente, Satanás teve um completo sucesso em enganar aos cristãos fazendo que dêem boa acolhida à divisão. Os esforços racionais para justificar a divisão sempre resultam num tema o qual não estamos dispostos a tratar —inclusive quando nossas queixas contra nossos irmãos são legítimas. Cedemos terreno ao inimigo quando nos dividimos. Satanás prontamente oferece razões para que não nos confraternizemos com certos irmãos — como falharam, quão impossível de resolver é a situação, quão diferentes são de nós, quão pouco espirituais podem ser, etc.

Em nossa carne, é bem mais fácil ceder terreno a tais pensamentos do que deixar que Deus use as debilidades de nossos irmãos para tratar conosco nas áreas essenciais da indulgência, da paciência, da longanimidade, da incredulidade, da comiseração, da rebelião, da impulsividade, etc. É em tempos de semelhantes dificuldades que nossa crença na unidade do Corpo fica brutalmente submetida à prova; mas é aqui onde Deus separa aquilo que pra nós é mera teoria, no que diz respeito à unidade da igreja, do que é real. Oxalá sejamos deveras fiéis em manter o testemunho do Senhor recusando separar-nos de nossos irmãos no Ungido, mas tentando serví-los incondicionalmente.

Resumindo tudo

O conteúdo da igreja local é o Corpo do Ungido. A unidade cristã é tão inclusiva como o Corpo, e os cristãos não têm de manter nenhuma unidade que seja menor do que o Corpo. A unidade bíblica não é nem organizacional nem doutrinal, mas orgânica. As confrarias que restringem ou excedem ao alcance do Corpo, não são igrejas bíblicas. Tanto as ‘igrejas’ chamadas denominacionais como as denominacionais, que se reúnem com base

em uma linha de ensino, um método religioso, uma distinção nacional, uma diferença racial, uma prática bíblica, um ministério especial ou um ministro talentoso, são sectárias, porque estreitaram a base bíblica da fraternidade espiritual. De maneira similar, as congregações cristãs que abrem seus braços aos inconversos, recebendo-os como irmãos na família divina, também adotam uma visão extraviada da assembléia local e não podem ser consideradas como igrejas bíblicas.

No conceito de Deus, a igreja é um unificado Corpo do Ungido com expressões locais em todo mundo. Portanto, deixemos de usar a palavra "igreja" num sentido tribal, onde a igualamos às denominações cristãs, às estruturas hierárquicas de autoridade descendente, às instituições impulsionadas por programas, e às empresas guiadas pelo clero. Só o Corpo de Cristo é a base da unidade do povo de Deus, e o Senhor nos chamou para que tenhamos uma despojada comunhão com todos os que lhe pertencem. Portanto o que Deus uniu, que ninguém o separe!

CAPÍTULO 8 - LIMITES DA IGREJA LOCAL

Considerando que o *conteúdo* interno da igreja é o Corpo do Ungido, exploremos agora o tema sobre os limites exteriores da igreja. Ao dizer limites, refiro-me aos limites ou fronteiras exteriores da igreja local. Isto é, onde começa uma igreja local e até onde ela chega em termos geográficos? Hoje em dia temos uma plétora de congregações cristãs que reclamam, todas elas, serem igrejas locais. Esses grupos incluem denominações, igrejas caseiras, grupos de células, assembléias não denominacionais, missões evangélicas, ministérios especiais, igrejas basílicas, etc. No entanto, podem todos esses grupos cristãos justificar sua pretensão de serem expressões locais do Corpo do Ungido?

A enfática pergunta a ser formulada é: O que justifica a existência de uma assembléia local? A resposta a esta questão depende de como nós cristãos expressamos na prática nossa unidade no Ungido. Como veremos mais adiante, *a base bíblica para a existência de uma assembléia local tem a ver com geografia. E a única justificativa bíblica para dividir cristãos em diferentes igrejas, é a distância geográfica.*

Como definir a igreja local

Embora o termo 'igreja local' não apareça no Novo Testamento, o conceito da mesma é abundantemente presente. A Bíblia ensina claramente que o Corpo do Ungido, sendo um, expressa-se em muitos e diferentes lugares. Estas expressões terrenais desse Corpo único são chamadas de 'igrejas' (plural) e aparecem abundantemente ao longo das páginas do texto neotestamentário. Dizemos que estas igrejas são 'locais' porque estão presentes em lugares geográficos definidos especificamente, ou em forma mais sucinta, em 'localidades'.

Ao tentar definir os limites de uma igreja local, vejamos as palavras de nosso Salvador em Mateus 18:15-20:

Se o teu irmão peca contra você, vá e, a sós com ele, mostre-lhe o erro. Se ele o ouvir, você ganhou seu irmão. Mas se ele não o ouvir, leve consigo mais um ou dois outros, de modo que 'qualquer acusação seja confirmada pelo testemunho de duas ou três testemunha. Se ele se recusar a ouví-los, conte à IGREJA; e se ele se recusar a ouvir também a IGREJA, trate-o como pagão ou publicano. Digo-lhes a verdade: Tudo o que vocês ligarem na terra terá sido ligado no céu. Também lhes digo que se dois de vocês concordare na terra em qualquer assunto sobre o qual pedirem, isso lhes será feito por meu Pai que está nos céus. POIS ONDE SE REUNIREM DOIS OU TRÊS EM MEU NOME, ALI EU ESTOU NO MEIO DELES.

Aqui temos a definição essencial da igreja local —uma definição que está pressuposta ao longo do Novo Testamento. (A igreja local está inconfundivelmente visível neste texto, porque a maior parte dos agravos entre os crentes ocorrem na comunidade local; ademais, a igreja universal, celestial, é demasiado grande para ser consultada quando ocorrem tais agravos.) Ao considerar cuidadosamente este texto, descobrimos que a assembléia local tem três facetas:

(1) pluralidade de pessoas (*"duas ou três"*),
(2) submissão à liderança do Ungido como Cabeça (*"em meu nome"*), e
(3) uma reunião corporativa num lugar específico (*"onde se reunirem dois ou três"*).

Se num determinado lugar e momento os crentes se congregam sob a liderança do Ungido como Cabeça, o Senhor está presente no meio deles. Os mesmos representam Jesus Cristo numa expressão local. Esta conclusão engrena perfeitamente com a descrição das igrejas registradas no livro de Atos. Lucas nos diz que os apóstolos viajavam de região em região divulgando a mensagem do evangelho. Quando numa determinada localidade o povo recebia a mensagem, começavam a congregar-se em seguida. Desse momento em adiante eram coletivamente chamados de "a igreja de" tal e qual lugar (Atos 8:1; 11:22; 13:1; etc.).

Significado de localidade

Embora Mateus 18 aborde a definição dos limites da igreja local, não o faz plenamente. Ainda fica a interrogação sobre o que constitui uma localidade. Mas a Bíblia nos dá a resposta. Conspicuamente, onde quer que se use a palavra 'igreja' em todo o Novo Testamento (exceto nas passagens que se referem à igreja universal, celestial, ou à igreja caseira de alguém), ela é identificada pela cidade . Por contraste, onde quer que se use a palavra 'igrejas' no Novo Testamento, refere-se às variadas igrejas que existem numa província *ou região*. Considere-se a lista seguinte:

A igreja (da cidade) **As igrejas (da região)**

A igreja de Antioquia (de Pisídia) – Atos 13:1 As igrejas daÁsia – 1 Coríntios 16:19.
A igreja de Antioquía (de Síria) – 11:26 As igrejas da Cilícia – Atos 15:41.
A igreja de Cesaréa – Atos 18:22 As igrejas dos gentis – Romanos 16:4.
A igreja de Cencréia – Romanos 16:1 As igrejas da Galácia – 1 Coríntios 14:33.
A igreja de Corinto – 1 Coríntios 1:2 As igrejas da Galiléia – Atos 9:31.
A igreja de Éfeso – Apocalipse 2:1 As igrejas da Judéia – Gálatas 1:22.

A igreja de Jerusalém – Atos 8:1 As igrejas da Macedônia – 2 Coríntios 8:1.
A igreja de Laodicea – Apocalipse 3:14 As igrejas de Samaria – Atos 9:31.
A igreja de Pérgamo – Apocalipse 2:12 As igrejas da Síria – Atos 15:41.
A igreja da Filadélfia – Apocalipse 3:7.
A igreja de Esmirna – Apocalipse 2:8.
A igreja de Sardis – Apocalipse 3:1.
A igreja de Tessalônica – 1 Tessalonicenses 1:1.
A igreja de Tiatira – Apocalipse 2:18

Segundo a Bíblia, os limites da igreja local são os da cidade. Esta é a razão pela qual Paulo mandou a Tito para estabelecer anciãos em cada *cidade* (Tito 1:5), enquanto lemos que os apóstolos constituíram anciãos em cada *igreja* (Atos 14:23). Ademais, sabemos do livro do Apocalipse que o Senhor Jesus vê tão somente *uma* igreja em cada cidade (Apocalipse 1:11-13, 20). Depois, na declaração da Bíblia se afirma que durante o tempo neotestamentário tinha uma igreja por cidade.

Expressão prática da unidade do Corpo

Neste ponto, indaguemos por que o Senhor escolheu que a cidade formasse os limites da assembléia local. Foi apenas uma disposição cultural passageira? Foi uma coincidência sem propósito algum, que ao presente carece de significado prático? Nem uma nem outra. Os limites da localidade estão diretamente vinculados com a expressão prática da unidade do Corpo do Ungido.

Em nossos dias muitos crentes se dividiram em 'igrejas' separadas, baseados em diferentes e diversas questões que consideram como bases legítimas para a segregação cristã. Mas quando numa determinada localidade existe um número interminável de 'igrejas' separadas dentro de seus limites, a clara mensagem enviado ao mundo é que Jesus Cristo está dividido (apesar do fato dos que se congregam nessas igrejas *professem* que são um com todos os demais cristãos).

Por contraste, suponhamos que haja um grupo de crentes que recusam dividir-se uns dos outros, exceto pelo fato de que viverem demasiado longe uns dos outros, de forma que lhes seja impossível congregar-se. Esses crentes estão tão dedicados mutuamente em amor, que recusam separar-se por causa de teologia, lideranças espirituais, estilo de adoração, ministério especial, raça, condição socio-econômica, etc. O singelo testemunho enviado ao mundo por meio dessa assembléia, é que o Corpo do Ungido é verdadeiramente um. Tal ilustração demonstra como o modelo bíblico de uma igreja por localidade salvaguarda a unidade do Corpo do Ungido e impede o sectarismo. Quando os crentes se dividem por razões que não sejam a localização, então nós, junto com Paulo, vemo-nos forçados a fazer a inquietante pergunta: "Está Cristo dividido?"

Em sua clássica obra baseada na assembléia local, Watchman Nee faz a observação seguinte:

*Qualquer divisão dos filhos de Deus que não seja geográfica, implica não apenas numa divisão de esfera, mas também numa divisão de natureza. A divisão local é a única divisão que não toca a vida da igreja .. O que nos separa do mundo é nosso estar no Ungido, e é nosso estar numa determinada localidade o que nos separa dos outros crentes. Apenas quando residimos num lugar diferente do deles é que fazemos parte de uma igreja diferente. A única razão pela qual não pertenço à mesma igreja que os outros crentes, é porque não vivo no mesmo lugar que eles vivem (*The Normal Christian Church Life */A vida eclesial cristã normal/).*

O perigo do legalismo

É perigoso tentar promover a revelação bíblica sobre os limites da assembléia local sendo desnecessariamente literais ou legais sobre as exatas especificações de uma localidade. Diante da enorme quantidade e diversidade de cristãos em numerosas cidades estadunidenses modernas, é necessário alguma contextualização. A este respeito, Watchman Nee faz a seguinte observação:

*Naturalmente, terão de surgir perguntas no que diz respeito a megalópolis como Londres. Elas contam como 'localidades-unidades' ou como mais de uma? Evidentemente Londres não é uma 'cidade' no sentido bíblico do termo, ela não pode ser considerada como uma unidade. Inclusive, o povo que vive em Londres menciona 'ir à cidade ou 'ao centro', o que revela que Londres e a cidade não são sinônimos. Funcionários públicos, políticos e correios, bem como as pessoas comuns, consideram Londres como mais de uma unidade. DIVIDEM-NA em vilas ou bairros incorporados e distritos, respectivamente. O que eles consideram como uma unidade administrativa, nós podemos muito bem considerá-lo como uma unidade eclesial. Quanto ao meio rural que tecnicamente não seria qualificado como 'cidade', o mesmo pode ser considerado também como 'localidade-unidade'. Diz-se de nosso Senhor, que quando estava na terra, passava por 'cidades e aldeias' (Lucas 13:22), de onde vemos que a localidade rural, bem como as populações, consideram-se como unidades separadas... Qualquer lugar pode ser qualificado como uma unidade fundacional de uma igreja, desde que seja um lugar onde as pessoas se agrupem para viver, um lugar com um nome independente, e um lugar que é a menor unidade política. Tal lugar é uma 'cidade' bíblica e constitui os limites da igreja local (*The Normal Christian Church Life */A vida eclesial cristã normal/).*

Nee saca uma conclusão válida. Diante do tamanho de muitas modernas cidades estadunidenses, parece que a unidade geográfica chamada 'comunidade' corresponderia melhor à noção bíblica de localidade. Assim, como a igreja de Cencréia (Romanos 16:1), localizada numa comunidade que estava a curta distância da igreja de Corinto, a maior parte das modernas comunidades corresponde melhor com o conceito bíblico de uma localidade do que nossas cidades.

Deixando de lado todo tecnicismo, *o princípio bíblico afirma inegavelmente que a única base para a separação dos crentes é a localização geográfica. Os cristãos que se dividem de outros crentes, fundamentados em qualquer outra base —diferença de raça, estilo de adoração, condição social, interpretação doutrinal, ministério ou lideraná espiritual— são sectários (1 Coríntios 1:11-13; 3:3, 4).* Ainda que isto soe ofensivo para alguns, desafio meus leitores a que encontrem fundamentos bíblicos para separar crentes por qualquer outra razão que não seja a distância geográfica (diga-se de passagem que estou exceptuando o pecador impenitente e a atividade divisiva que requerem disciplina eclesiástica, de conformidade com o traçado em Mateus 18:15-18; Romanos 16:17, 18; 1 Coríntios 5:1 e ss.; 2 Tessalonicenses 3:6-15; e Tito 3:10, 11).

A aparição do sectarismo na igreja

Se o Novo Testamento expõe claramente o exemplo de uma igreja por comunidade, como é que na atualidade existem dúzias de seitas numa mesma comunidade, e todas elas reclamam ser igrejas locais? A resposta se relaciona diretamente com os temas aos quais dedicamos nossa atenção nos dois capítulos precedentes. Na realidade, a razão das intermináveis divisões que há na igreja, é bem mais profundas do que nossas teologias formais revelam.

A presente desordem começou com a evolução da distinção de classes clero/leigo, a qual começou a cristalizar na igreja por volta do final do segundo século. O surgimento deste sistema hierárquico, que interrompeu violentamente o sacerdócio de todos os crentes, convertendo-o em classes clero/leigo, foi a primeira fissura mais importante conhecida no Corpo do Ungido. Este sistema não bíblico deu lugar a uma divisão ainda maior no Corpo do Ungido, quando vários eclesiásticos, representando diferentes congregações que estavam sob sua autoridade, começaram a dividir-se entre si por questões teológicas. Esses acontecimentos produziram um aparelho eclesiástico de autoperpetuação que reproduziu um grande número de seitas em cada geração. O traço notável destas seitas é que as pessoas que estão nelas, amontoam-se ao redor de seu líder favorito (ou sua doutrina favorita), em vez de congregar-se ao redor do Ungido.

Talvez uma analogia ajude a ilustrar esta triste corrente de acontecimentos. Suponhamos que Roberto, um 'leigo' na linguagem institucional, sinta-se chamado para ensinar a Palavra de Deus. Na maior parte das igrejas basílicas modernas, ele teria que "entrar no ministério" e ministrar ele mesmo uma igreja para cumprir seu apelo. Deus nos livre de que o pastor compartilhe seu púlpito com um 'leigo' em forma continuada —mesmo que esse 'leigo' tenha o dom do ensino! Portanto, depois de passar pelos canais institucionais apropriados, Roberto chega a ser pastor e começa uma nova igreja em sua comunidade. Na realidade, a 'igreja' de Roberto nada mais é do que uma extensão de seu próprio ministério e uma desnecessária adição às inumeráveis seitas que já existem em sua comunidade —todas elas competindo com as demais para recrutar membros.

Em virtude do sistema que rege a igreja institucional que Roberto freqüentava, não permitir-lhe o livre exercício de seu dom de ensino, ele não viu outra alternativa a não ser iniciar uma nova congregação. (Assim, muitas igrejas modernas existem apenas para proporcionar ao pastor uma plataforma mediante a qual possa exercer seu dom de ensino). Deste modo, o sistema clero/leigo estimula a formação de novas igrejas, que realmente são seitas, apesar do fato de Deus nunca sancionar isso em sua Palavra.

Em suma, a distinção clero/leigo foi uma sementeira para a produção de inumeráveis facções e cismas no Corpo do Ungido. Quando nas igrejas dirigidas pelo clero os indivíduos são impedidos de exercer seus dons e de cumprir sua função dada por Deus, os mesmos não podem ver nenhuma outra alternativa a não ser começar suas próprias igrejas. Tal situação trágica engendra não apenas inumeráveis seitas, como também força milhares de irmãos que têm dons, a realizar um tipo de obra (pastor único) que o Novo Testamento não visualiza em parte alguma.

Ademais, este ofício não bíblico tem a propensão de causar a retração de não poucos cristãos sinceros que se deixaram ser arrastados. Neste aspecto, o sistema clerical é um depredador sem rosto e sem favoritos. Consome seus jovens bem como a todos os demais que concordam em trabalhar assiduamente em seu terreno. Ao comentar as feridas auto infligidas geradas por este sistema, Jon Zens faz a seguinte candorosa observação:

Agrade-lhe ou não, esta função 'clerical' termina requerendo uma virtual onicompetencia daqueles que estão por trás do púlpito. Os 'membros' lhes pagam para que realizem tudo o que seja necessário para manter a maquinaria religiosa andando, e as expectativas são muito elevadas para aqueles que levam as muitas responsabilidades que esta profissão demanda. O problema mortal deste sistema não bíblico é que consome aqueles que estão em sua esfera. O esgotamento, o deslise moral, os divórcios e os suicídios são muito frequentes no meio 'clerical'. É estranho que, à luz do que se espera de uma só pessoa, tais tragédias ocorram repetidamente? Jesus Cristo nunca teve o propósito de que alguém desempenhasse semelhante função eclesiológica (The 'Clergy/Laity'

Distinction: A Help or a Hindrance to the Body of Christ? */A distinção clero—leigo: Uma ajuda ou um impedimento ao Corpo do Ungido?/, em Searching* Together *, Vol. 23:4).*

Na igreja neotestamentária, não haveria necessidade de Roberto se aventurar por sua própria conta e iniciar uma instituição que Deus nunca sancionou. Na qualidade de membro de uma igreja neotestamentária, Roberto teria plena liberdade de funcionar sem reservas com seu dom de ensino (Ver capítulo 1). Ademais, devido às decisões serem tomadas por consenso, Roberto teria voz e voto na tomada de todas as decisões mais importantes da assembléia (Ver capítulo 6).

Roberto só sairia de uma congregação neotestamentária se ele fosse um irmão incorrigivelmente rebelde, ambicioso por começar seu próprio ministério independente da assembléia local, ou se Deus o tivesse chamado a uma genuína obra apostólica. Não obstante, é bom cosiderar que os apóstolos neotestamentários não eram enviados para erigir suas próprias franquias espirituais. Pelo contráio, eles estabeleciam igrejas neotestamentárias em locais onde não havia nenhuma (para uma exposição mais completa da natureza e do objetivo do ministério apostólico, veja meu livro *Who is Your Covering?* /Quem é sua cobertura?/).

Em suma, o sectarismo moderno tem suas raízes na distinção clero/leigo. Diótrefes, descrito pelo apóstolo João como alguém que gostava muito de ser ‘o mais importante’ entre os santos, está não apenas na história dos homens que almejam ocupar o estrado central na assembléia. Lamentavelmente, Diótrefes ainda impede aos membros do Corpo do Ungido ministrar na casa do Senhor (3 João 9, 10).

O clamor do Espírito pela unidade

A expressão prática da unidade do Corpo do Ungido é um assunto predominante no coração de Deus. A oração final de nosso Senhor centrou-se neste mesmíssimo ponto (João 17:11-26). Como a questão da liderança eclesial, a expressão prática de nossa unidade se encontra inseparavelmente conectada com nossa submissão à liderança do Ungido como Cabeça. Para usar a metáfora do corpo, se tanto minha mão como meu braço estão submetidos à minha cabeça, terão de funcionar de uma maneira unificada. Não haverá cismas entre eles. Do mesmo modo, a divisão e a desunião na igreja revelam o fato de que não estamos concordes com a Cabeça (Colossenses 2:19). Quando Jesus é verdadeiramente a Cabeça no meio de um povo, os que integram esse povo recusam apaixonadamente dividirem-se uns dos outros.

Enquanto *internamente* o conteúdo da igreja local é o Corpo do Ungido, *exteriormente* o limite da igreja local é a comunidade. Portanto, no sentido neotestamentário as denominações (e um amplo número de igrejas chamadas não denominacionais, pós-denominacionais e interdenominacionais) não podem ser consideradas como igrejas locais, porque todas elas ultrapassam os limites bíblicos da assembléia local. Hoje em dia cabe dizer o mesmo de algumas ‘igrejas caseiras’; porque a comunidade, não a casa, forma os limites da assembléia local.

Nos dias neotestamentários, quando Deus levantava uma igreja, essa invariavelmente começava numa casa. Quando a mesma crescia, multiplicava-se estendendo-se a várias casas. Contudo, cada membro se considerava parte da mesma igreja (isto é, a igreja da localidade). Portanto , ainda que a igreja de Jerusalém se congregasse em vários lares, coletivamente ainda era chamada de "igreja de Jerusalém". Sua liderança era compartilhada, e periodicamente se congregava enquanto "toda a igreja" (Atos 15:1 e ss.). As igrejas que começavam pequenas, como a de Corinto (Romanos 16:23), a de Roma (Romanos 16:5), Éfeso (1 Coríntios 16:19), Laodicéia (Colossenses :15, 16), e Colossos (Filemom 1, 2), reuniam-se numa só casa até que seu número crescesse.

Assim, a igreja de Corinto que se congregava na casa de Gayo, não era uma subigreja ou uma igreja filial *separada* dentro da cidade de Corinto. Pelo contrário, a igreja *inteira* de Corinto se congregava na casa de Gayo (Romanos 16:23; 1 Coríntios 14:23). Cabe dizer o mesmo das igrejas que se iniciaram nas casas de Aquila e Priscila, de Ninfas e de Filemom

Mesmo sendo a casa o ambiente bíblico para a reunião eclesial (ver capítulo 3), é importante compreender que o *limite* da igreja local não é a casa mas a comunidade. Neste aspecto, *há* um contínuo repto endêmico no que toca às modernas ‘igrejas caseiras’, o perigo de estabelecer na mesma comunidade várias igrejas caseiras *independentes* e *separadas* . *Portanto, se uma igreja caseira não se congrega conforme a base bíblica de uma igreja por comunidade, de fato a mesma romperá a unidade do Corpo do Ungido (exatamente como fazem as igrejas institucionais).*

Se um grupo de cristãos se congrega sob o princípio fundamental de uma igreja neotestamentária, tentará congregar-se com outros crentes que se reúnem sobre a mesma base. Se não o fazem, então são sectários, não importa quão ruidosamente reclamem ser inclusivos. A existência de múltiplas igrejas caseiras na mesma localidade, as quais não têm comunhão umas com outras, é um desvio do princípio divino. Nunca foi concebido por Deus que as igrejas que existem na mesma vizinhança, lavrem identidades separadas umas das outras.

Devemos ter em conta que a palavra grega *ejkklhsiva* (*ekklesia*), traduzida como "igreja" no Novo Testamento, significa literalmente "uma congregação física". Robert Banks explica isto:

O termo ‘ekklesia’ se refere conseqüentemente a reuniões propriamente ditas de cristãos como tais, ou a cristãos de um área local, conceituados ou definidos como uma comunidade que se congrega regularmente. Isto quer dizer que a ‘igreja’ tem um caráter distintamente dinâmico, muito mais do que estático. É uma ocorrência

regular, mais do que uma realidade contínua. Esta palavra não se aplica a todos os cristãos que vivem numa comunidade em particular e que não se congregam (Paul's Idea of Community */A idéia que Paulo tinha da comunidade/).*

Watchman Nee lhe faz eco ao mesmo pensamento dizendo:

É essencial que tenha uma reunião física de crentes. Não é suficiente que estejam presentes 'em espírito', também devem estar presentes 'na carne'. Assim, uma igreja é integrada por todos os 'chamados, congregados' num lugar para adorar, orar, confraternizar e ministrar. Este congregar-se é absolutamente essencial para a vida de uma igreja. Sem isso poderá haver crentes dispersos por toda a área, mas na realidade não há igreja (The Normal Christian Church Life */A vida eclesial cristã normal/.)*

Se declaramos que fazemos parte da mesma igreja local como os outros cristãos de nossa comunidade, nos incumbe procurar maneiras para congregar-nos com eles de uma maneira regular. Provavelmente, a maior parte daqueles que estão impregnados das bitoladas tradições da cristandade organizada, não terá interesse em congregar-se com aqueles que se mantêm fora do sistema religioso. Mas se não desejamos genuinamente expressar em forma prática, de algum modo visível, nossa unidade com os crentes de nossa localidade, nossa profissão no que diz respeito à unidade está vazia.

Além disso, as igrejas que se congregam nas casas, devem considerar-se a si mesmas como parte do único Corpo do Ungido em suas comunidades, e não como entidades separadas e independentes. E devem tentar ativamente congregarem-se com todos os demais cristãos que desejem reunir-se, baseados no mesmo princípio fundamental do Ungido e de seu Corpo, mais do que render um mero culto de lábios a um tipo místico de unidade, que é tão conveniente como não custoso. Certamente, a unidade invisível da igreja deve ser expressa de um modo visível.

Dito em forma simples, no Novo Testamento conhece apenas uma igreja local —a que está delimitada pela comunidade. *Nunca foi o propósito de Deus que o Corpo do Ungido se convertesse na confusão denominacional que existe hoje. Nem também foi seu propósito que os cristãos se dividissem formando igrejas caseiras independentes na mesma comunidade, que tivessem pouco ou nada a ver umas com as outras* . De fato, não é suficiente que deixemos as seitas; o sectarismo deve deixar-nos também! Além disso, nossa sanção às denominações e aos outros grupos trai nossa pretendida crença de que o Corpo do Ungido é um.

Reação de Deus à divisão na igreja

Diante da evidência bíblica sobre os limites da igreja fazemos bem em inquirir a respeito da solução para as divisões presentes que há em seu Corpo e a crescente multiplicação de seitas em nossas comunidades. O remédio divino para as intermináveis divisões que ocorrem no Corpo, não se acha na formação de uma associação de seitas ou de ministros, que meramente dão-se as mãos por cima da cerca. O ecumenismo institucional não é a resposta de Deus. Também não é a cômoda e incoerente idéia de que um dia Deus terá de destruir toda seita existente. Mais do que isso, a reação do Senhor à desordem presente é levantar um *grupo representativo* de crentes que respondam ao clamor do Espírito Santo por uma genuína unidade. Este apelo corresponde à previsão do Senhor aos vencedores em Apocalipse 2—3. Desta maneira, o Senhor está emitindo uma ordem a todos os que têm ouvidos para ouvir. É uma ordem de deixar as seitas feitas por homens e congregar-se de uma maneira fresca e nova, sobre a base neotestamentária de uma assembléia local.

Atualmente, existem milhares de cristãos que se congregam baseados neste mesmo princípio fundamental. Alguns se reúnem em lares, em comunidades intencionais, em lugares alugados, etc. Não reclamam ser ninguém em especial. Estão simplesmente tentando ser fiéis à visão neotestamentária do Ungido e de sua igreja —uma visão que captou poderosamente seu coração. Por outro lado, eles recebem a todos aqueles a quem Deus recebeu, não importa se congreguem em seitas ou não. Incluem a todos os crentes que vivem em suas comunidades e dão boa acolhida à franca comunhão com todos eles.

Ao mesmo tempo, eles não podem sancionar nem unir-se a um sistema que esbofeteia diretamente o rosto da revelação neotestamentária. Assim, eles não negam o fato de que Deus usou, e ainda usa, o sistema denominacional como melhor pode (porque com freqüência Deus usa aquilo que não aprova). No entanto, não podem aceitar nada menos que o que corresponde ao *pleno* propósito de Deus para o Corpo de seu Filho. Gene Edwards sintetiza o espírito dos crentes que têm tal testemunho:

Durante os últimos 1700 anos a cristiandade fez, em todos os aspectos, parte do sistema mundial e foi estruturada da mesma maneira que todas as instituições seculares da terra. Ainda assim, em todas as épocas sempre houveram cristãos que não se conformaram com esta tradição... Nós tomamos nosso lugar ao lado daqueles que estavam determinados a conhecer nada mais além de Cristo; para marchar com esses pequenos grupos que estavam procurando ter uma plena experiência do corpo do Ungido... a experiência da igreja!... Sem malícia para com ninguém e com caridade para com todos, saímos da igreja organizada tradicional para declarar-nos a favor da expressão orgânica do Corpo de Cristo. (Climb the Highest Mountain */Escalar a montanha mais elevada — Nossa missão/).*

Stephen Kaung compartilha o mesmo ônus dizendo:

Nos congregamos assim, porque acreditamos na unidade do Corpo do Ungido —uma Cabeça, um Corpo. Somos chamados para formar um Corpo. Estamos contristados —choramos— por causa das divisões que há entre o povo de Deus. Queremos retornar ao simples fundamento da unidade do Corpo do Ungido. Pode ser que alguém diga: 'Vocês se separam; vocês causam divisão...'. Mas Deus conhece nosso coração. Saímos das divisões para retornar à unidade. Isto é o que estamos fazendo. Portanto, por um lado nos sintonizamos à Cabeça; por outro lado, abrimos nosso coração e nossos braços a todos nossos irmãos e irmãs de todo mundo. Não importa de que profundidade procedem vocês, que ensino especial têm, ou que experiência têm, irmãos e irmãs, se vocês são do Senhor, vocês pertencem a nós e nós pertencemos a vocês. É por isto que nos congregamos assim. Vocês podem recusar-nos, mas nós não podemos recusá-los a vocês, porque acreditamos na unidade do Corpo do Ungido... Nós saímos das seitas não por sermos sectários, mas para sermos libertos do espírito do sectarismo (Why Do We So Gather? */Por que nos congregamos assim?/)*.

Pacífica e calmamente, sem nenhum orgulho nem alarde, este crescente grupo de crentes tenta manter o firme e singelo testemunho de que O Ungido é a Cabeça e que seu Corpo é uno. Eles são luzeiros que estão diante do Senhor —os pequenos e com freqüência desapercepidos vasos para o restabelecimento de seu testemunho e a realização de seu propósito eterno.

CAPÍTULO 9 - FUNÇÃO DA IGREJA LOCAL

Nos capítulos precedentes analisamos extensamente os diversos princípios que regiam a prática da igreja primitiva e as contrastamos com a prática da maioria das igrejas institucionais de hoje Com isto em mira, gostaria de considerar a omnímoda função da assembléia local. Ao considerar este assunto, deixe-me dizer que desde o princípio, o propósito de Deus para com a igreja tem a ver com algo bem mais elevado do que a mera conformidade com um conjunto de pautas prescritas. Por razões que a seguir vou expor, o Senhor não criou a igreja local para ser um fim em si mesma, mas para ser um meio para o cumprimento de algo bem maior.

O propósito eterno de Deus

Em Efésios 3:11 Paulo escreve uma frase carregada de significado espiritual. É a frase: "o propósito eterno". Ao longo de sua poderosa epístola aos Efésios, Paulo usa uma grande quantidade de tinta para revelar o propósito eterno de Deus aos crentes de Éfeso. De fato, a carta inteira é uma cuidadosa revelação do propósito divino, na qual Paulo põe as mais sublimes verdades celestiais em palavras humanas. O propósito eterno que Deus teve e tem em seu coração desde idades remotísimas, vem ricamente exaltado e brilhantemente exposto na epístola de Paulo aos efésios. E qual é este propósito extraordinariamente elevado e que rege tudo? *E nos revelou o mistério de sua mensagem, de acordo com o seu bom propósito que Ele estabeleceu em Cristo, isto é, de fazer convergir em Cristo todas as coisas, celestiais ou terrenas, na dispensação da plenitude dos tempos* (Efésios 1:9, 10; 4:10; Colossenses 1:15-20). Apropriadamente, Paulo nos diz que Deus, em sua soberana sabedoria, escolheu a igreja para que fosse instrumento para a plena expressão e realização de seu propósito (Efésios 1:22, 23; 2:19-22; 3:8-13; 4:8-16; 5:23-32).

Dito em forma simples, a função da igreja é levar a cabo o propósito eterno de Deus. E expresso apropriadamente, a igreja existe para dar a conhecer ao mundo a plenitude do Ungido. Está na terra para manifestar a vitória final do Ungido sobre Satanás e sobre as potências das regiões celestes em todas as partes. Enquanto seu Corpo, a igreja está aqui para expressar a Jesus Cristo em toda sua glória (qual é o propósito de um corpo, senão expressar a vida que há nele?). Isto quer dizer, entre outras coisas, que a igreja foi chamada para continuar o ministério terrenal de Jesus Cristo na terra. E existe para dar cumprimento ao propósito de Deus, que desde idades remotas procura achar um lugar de repouso para Si —porque a igreja incorpora a presença de Deus. Em suma, a igreja é O Ungido numa expressão coletiva. Sem a igreja, nosso Senhor Jesus Cristo não teria forma para expressar-se na terra. Portanto, a igreja local é o Corpo do Ungido que se expressa e funciona localmente.

Ao vasculhar concenciosamente o texto bíblico, vemos que todo princípio relativo a nossa vida coletiva enunciado no Novo Testamento, fundamenta-se nesta consumidora visão. Cada princípio concernente à prática eclesial que vem declarado nas Escrituras, foi estabelecido por Deus tendo em vista a edificação conjunta de um povo na semelhança de seu Filho. De fato, podemos ver que o Novo Testamento se ocupa totalmente no crescimento do Ungido na comunidade crente. Considerem-se as seguintes passagens:

...dos que foram chamados ... PARA SEREM CONFORMES À IMAGEM DE SE FILHO, a fim de que ele seja o primogênito entre MUITOS IRMÃOS. (Romanos 8:28, 29)

Meus filhos, novamente estou sofrendo dores de parto por sua causa, até que CRISTO SEJA FORMADO EM VOCÊS. (Gálatas 4:19)

no qual TODO O EDIFÍCIO É AJUSTADO E CRESCE PARA TORNAR-SE UM SANTUÁRIO SANTO NO SENHOR. Nele VOCÊS TAMBÉM ESTÃO SENDO EDIFICADOS JUNTOS, PARA SE TORNAREM MORADA DE DEUS POR SEU ESPÍRITO. (Efésios 2:21 , 22)

...com o fim de aperfeiçoar os santos para a obra do ministério, para que O CORPO DE CRISTO SEJA EDIFICADO, até que todos alcancemos a unidade da fé e do conhecimento do Filho de Deus, E CHEGUEMOS À MATURIDADE, ATINGINDO A MEDIDA DA PLENITUDE DE CRISTO. (Efésios 4:12, 13)

...assim como Cristo amou a igreja, e entregou-se por ela, PARA SANTIFICÁ-LA, TENDO-A PURIFICADO pelo lavar da água mediante a palavra, E PARA APRESENTÁ-LA A SI MESMO COMO IGREJA GLORIOSA, SEM MANCHA NEM RUGA OU COISA SEMELHANTE, MAS SANTA E INCULPÁVEL. (Efésios 5:25-27)

AO LEVAR MUITOS FILHOS À GLÓRIA, convinha que Deus, por causa de quem e por meio de quem tudo existe... (Hebreus 2:10)

A casa de Deus

Anote isto. Deus não está procurando absolutamente ter um montão de pedras individuais e isoladas. Pelo contrário, está tentando obter um povo para ser *edificado conjuntamente* com a vida dEle. Por meio da morte de seu Filho Jesus Cristo, todos nós fomos cortados da mesma Rocha para vir a ser "pedras vivas" individuais. Mediante a ressurreição do Senhor, o Espírito Santo de Deus veio para cimentarnos juntos, a fim de edificar *uma* casa espiritual.

Contudo, o mero amontoamento de uma grande quantidade de materiais de construção num lugar não faz um edifício. O edifício que Deus está tentando obter para sua morada, forma-se tão somente quando cada pedra viva fica apropriadamente ajustada e inseparavelmente unida a outras pedras vivas. Esta é a igreja. Portanto, o propósito de Deus é obter grupos locais de crentes que estejam crescendo corporativamente para chegar à Cabeça —crentes que estejam unidos uns aos outros e levando a cruz juntos, tendo em vista chegar a ser como O Ungido. Em suma, a igreja é simplesmente Jesus Cristo reproduzido na vida de homens e mulheres, coletivamente.

Lamentavelmente, a obsessão norte-americana com o individualismo e a independência moldou a mente de muitos cristãos modernos, obcecando-os de tal maneira que não vêem que o propósito eterno de Deus descansa sobre a formação de uma comunidade espiritual. Hal Miller destaca incisivamente que o veneno estadunidense do individualismo se infiltrou na moderna mentalidade evangélica, impedindo-lhe que compreenda o propósito mais elevado de Deus. Sobre isto ele escreve:

Os estadunidenses vêem o indivíduo isolado como fonte de toda virtude moral, e a sociedade como nada mais que uma coleção desses indivíduos. O cristianismo "evangélico" está implicitamente de acordo com isto. Fala eloquentemente a respeito de salvar indivíduos; mas não leva a sério a questão do para que *foram salvos esses indivíduos. Pregaram o evangelho do individualismo bem corretamente; mas como verdadeiros estadunidenses, não viram que Deus poderia ir além e fazer dessas pessoas um povo . O cristianismo evangélico tentou transformar pessoas, e assim transformar o mundo. Mas não viu a estreiteza dessa visão, que sua presunção individualista estadunidense lhes ocultou. A verdadeira visão cristã é transformar pessoas transformando-as num povo, e assim transformar o mundo. Os evangélicos erraram nesse meio-termo. Falharam em ver a igreja como uma antecipação da nova sociedade; ela virou apenas um clube para novos indivíduos. Os evangélicos simplesmente revestiram o individualismo estadunidense com roupa cristã. Dessa maneira acabaram tendo novos indivíduos isolados, mas na velha sociedade (* The Uneasy Conscience of Modern Evangelicalism */A inquieta consciência do moderno cristianismo evangélico/,* Voices in the Wilderness *, Julho 1986).*

O individualismo e a independência são inimigos da vida coletiva. Com isto não queremos dizer que temos de recusar nossa *individualidade* . Devemos acolher com agrado, como membros individuais do Corpo do Ungido, nossos singulares talentos naturais e nosso temperamento. Ao mesmo tempo, temos de recusar a tendência carnal de considerar-nos como entes que existem além e acima da comunidade (individualismo) e denunciar o instinto carnal de viver e atuar desconsiderando nossos irmãos no Senhor (independência). Nas palavras de Paulo: "O olho não pode dizer à mão: 'Não preciso de você', nem a cabeça pode dizer aos pés: 'Não preciso de vocês" (1 Coríntios 12:21).

É instrutivo assinalar que a maior parte das epístolas neotestamentárias foram escritas a comunidades cristãs, e não a indivíduos. Por esta razão, perdemos muito do sentido das mesmas quando lemos nossa Bíblia através dos lentes do moderno individualismo, orientado para si mesmo. Há muitas verdades vitais nas Escrituras, que só podem ser corretamente captadas quando compreendidas dentro do contexto da coletividade comunal —o próprio público para o qual os autores neotestamentários escreveram. Em suma, a Bíblia enfatiza energicamente o fato de que só podemos conseguir viver a vida cristã, quando vivemos numa íntima comunhão interdependente com outros crentes. Portanto, quando entendemos que o texto neotestamentário foi escrito no contexto de uma comunidade, o mesmo nos comunica maravilhosamente todas as instruções apostólicas para nós como crentes.

Um templo construído adequadamente

Enquanto a igreja institucional procura enfaticamente proteger-nos uns dos outros, a igreja neotestamentária é desenhada para livrar-nos do ‘eu’, pondo-nos em íntimo contato com nossos irmãos no Senhor. Em outras palavras, a assembléia neotestamentária é profundamente relacional —dentro dela, os crentes são progressivamente unidos (Efésios 4:16; Colossenses 2:19). É por esta razão que aqueles que se congregam conforme os ensinos neotestamentários com freqüência encontram a cruz uns nos outros, na medida em que tentam conviver como um Corpo (Efésios 4:1-3).

No entanto, conforme cada membro se encontra com a cruz e morre para o ‘eu’, o Espírito de Deus começa esse maravilhoso processo de formar neles coletivamente o Ungido. Recordemos como as tábuas de madeira de acácia que compunham o antigo tabernáculo tiveram que ser cortadas, lavradas e acopladas para edificar a casa de Deus. O mesmo acontece hoje no que toca à igreja. Todos temos que passar pelo corte e pelo desbaste da cruz para sermos "edificados juntamente" para formar a morada de Deus (Efésios 2:22).

Portanto, a igreja não é uma coleção de unidades cristãs isoladas que se reúnem como uma congregação. Não. Nunca! A igreja é um grupo de homens e mulheres no qual mora o Ungido e que é formado conjuntamente pelo poder do Espírito Santo. A igreja não pode ser medida por unidades individuais somente, porque é uma vida *coletiva* —um organismo espiritual *coletivo* . Um tijolo nunca constituiu um templo, nem tampouco um montão de tijolos empilhados uns por cima dos outros. Pelo contrário, a igreja existe para ser a expressão coletiva do Ungido, onde quer que Ele esteja representado, dando a conhecer as riquezas de sua glória em todo lugar onde ela (a igreja) se localiza.

Também podemos dizer que a igreja neotestamentária é a escola do Ungido —o laboratório dos purificados, no qual se aprendem as necessárias lições de interdependência, interrelação, sofrimento, abnegação,

paciência, mansidão, amabilidade e amor. A igreja neotestamentária é o lugar onde a vivência da vida do Ungido é submetida a prova, onde esse viver é praticado e aprendido. Nossa conformação coletiva ao Ungido é o caráter distintivo do propósito de Deus, e a assembléia local é o ambiente divinamente ordenado para que ocorra esta transformação.

Desta maneira, a função da igreja transcende a noção de kindergarten de servir apenas como uma 'instância para a conquista de almas'. Este paradigma popular ensinado correntemente em grande parte do cristianismo evangélico, constitui uma visão errônea da igreja. Segundo o Novo Testamento, as almas se salvam a fim de se juntarem à igreja para um subsequente crescimento do Ungido, e não à revelia da igreja e do Ungido (Atos 2:47; 5:14; 11:24). (Neste aspecto, há muitíssimo mais respaldo neotestamentário para a edificação do Corpo, do que para a evangelização de pecadores). Uma vez mais, quando olhamos a igreja em termos estritamente individualistas, perdemos de vista aquilo que há de mais importante no propósito de Deus.

A Gloriosa Noiva

Do Gênese ao Apocalipse, a Bíblia contém uma linha central que corre ao longo de suas páginas como um fio ininterrupto: O propósito paternal de Deus de encontrar uma Noiva para seu amado Filho. No livro de Gênesis, a Noiva do Ungido é prefigurada por Eva, a primeira mulher, entregue a Adão para que fosse sua auxiliadora idônea (Gênesis 2:18-25). Encontramos esta Noiva novamente no final do Apocalipse, só que desta vez ela aparece como uma gloriosa cidade (Apocalipse 21:2, 9).

Tanto a mulher no Gênesis como a cidade no Apocalipse, assinalam a gloriosa igreja que o Pai tenta obter para seu Filho (Efésios 5:22-32). Como ocorreu com Eva, a igreja é convocada para ser a auxiliadora idônea do Ungido; e assim como a cidade, a igreja é convocada para ser sua gloriosa imagem e para refletir sua luz às nações. Portanto, a função da igreja é "preparar-se" de tal modo que O Ungido, o Esposo, retorne para ela (João 3:29, 30; Apocalipse 19:7). E preparar-se quer dizer chegar a ser como o Ungido é.

O candelabro de ouro

No livro do Apocalipse, a função da igreja é enfocada distintamente de uma outra perspectiva. Ali descobrimos que Deus conceitua cada igreja local na figura de um candelabro de ouro (Apocalipse 1:20). Consideremos brevemente as principais características do candelabro.

Primeiro, o candelabro é uma figura clara, precisa; não é uma massa nebulosa. Tem sete braços; três de cada lado, conectados a um eixo ou braço central. O candelabro representa pluralidade na unidade. Ademais, tem três copas em forma de flor de amendoeira e uma flor em cada um de seus sete braços. As flôres que brotam dos botões da amendoeira, prefiguram a vida que emerge da morte, e o número três simboliza a ressurreição. Desta maneira, o candelabro aponta para o Ungido ressuscitado, a única Pessoa na Deidade que tem uma imagem diferente (2 Coríntios 4:4; Colossenses 1:15; Hebreus 1:3).

Segundo, o candelabro contem azeite e luz. Enquanto o azeite expressa o Espírito Santo [combustível], a luz expressa a verdade resultante. Terceiro, o candelabro de ouro maciço é o símbolo idôneo de Deus Pai —a fonte divina de todas as coisas. O candelabro, portanto, projeta um vívido retrato do Deus uno e trino, cuja plenitude habita no Ungido (Colossenses 2:9). No livro de Apocalipse descobrimos que o propósito do candelabro é refletir sua luz sobre a gloriosa Pessoa de Jesus Cristo, a fim de revelar sua verdadeira natureza (Apocalipse 1:13-16). Nisso repousa a função da igreja local: ela existe para manter o pleno testemunho de Jesus (Apocalipse 1:2, 9; 6:9; 12:11, 17; 19:10).

Para que a igreja mantenha o testemunho de Jesus, ela deve permitir, como o candelabro ao ser formado, ser moldada à imagem do Ungido com o martelo da disciplina de Deus, a fôrma da cruz, e o fogo depurador do sofrimento (note-se que a Bíblia diz que o candelabro do tabernáculo mosaico foi feito de ouro 'maciço'). Esse é o custo de viver na verdadeira vida da igreja, oposta à superficialidade artificial e endêmica da igreja institucional. O aprazível fruto de uma genuína vida coletiva é a plena expressão da glória de Deus em vasos de barro (2 Coríntios 4:4-12).

Pode você ver como isto vai bem além de uma mera caricatura do modelo bíblico? Os princípios espirituais da igreja encontrados nas Escrituras são, portanto, regidos pelo propósito eterno do Senhor. É por esta razão que Paulo nos diz que Deus faz *todas as coisas* segundo o desígnio de sua própria vontade (Efésios 1:11). Portanto, todo princípio espiritual para a vida da igreja depende deste propósito omnímodo e soberano.

O propósito divino para a igreja local é que ela incorpore coletivamente todos os valores do Senhor Jesus Cristo. Quando isto ocorre, as pessoas encontram a Deus quando entram em contato com a igreja (1 Coríntios 14:24, 25). Recorde você que o antigo templo de Jerusalém era o lugar de encontro entre Deus e o homem. De igual modo, quando a igreja se congrega de confomidade com o Ungido, o Senhor está ali —revelado e acessível. Essa é a função da igreja local.

Uma Comunidade do Reino

Outro aspecto da função da igreja está contido na frase de nosso Senhor, que Ele repetia com freqüência: "o reino de Deus". Segundo Jesus Cristo, o reino de Deus é o equivalente do reinado de Deus. Deus reina nos corações de homens e mulheres quando estes entronizam seu Filho, que é *o* Rei (Mateus 25:34; Lucas 1:33; Apocalipse 17:14; 19:16).

Quando Jesus estava na terra, seu ministério se centrava principalmente em estender o reino de Deus. Quando pregava o evangelho, sanava enfermos, expulsava demônios, ressuscitava mortos, dava de comer aos pobres reprendia opressores e ensinava seus discípulos. Por um lado, Jesus destruía as obras de Satanás, e por outro, estendia o reino de seu Pai (Mateus 4:23; 12:28, 29; Atos 10:38; 1 João 3:8).

Enquanto comunidade do Rei, a igreja existe para continuar o ministério terrenal de Jesus (Mateus 18:19, 20; Marcos 16:15-20). Enquanto expressão coletiva do Ungido ressuscitado, a igreja é chamada para avançar o reino de Deus e destruir as obras de Satanás na terra (Mateus 10:7, 8; 16:17-20; 18:18-20; Lucas 10:18-20; João 14:12). Enquanto recipiente do Espírito Santo, a igreja está equipada para cumprir a missão do Ungido, que é "pregar boas novas aos pobres, sanar aos quebrantados de coração, proclamar liberdade aos cativos, recuperar a vista aos cegos, libertar aos oprimidos e proclamar o ano da graça do Senhor" (Lucas 4:18-21). Em suma, o reino de Deus está incorporado na Pessoa de Jesus, e a igreja é o instrumento de sua expressão terrenal.

Sem dúvida alguma, o reino de Deus um dia virá física e visivelmente sobre toda a terra (Daniel 7:13, 14; Isaías 9:6, 7; Apocalipse 11:15; 1 Coríntios 15:24-28; 2 Timóteo 4:1). Mas hoje mesmo o reino está presente espiritualmente e em forma de mistério (Mateus 13:1 e ss.; Marcos 4:11; Lucas 8:10; 17:20, 21). Onde quer que o Ungido exerça sua autoridade e manifeste sua presença, o reino de Deus está presente, embora não em toda sua plenitude (Lucas 16:16; 17:20; Romanos 14:17; 1 Coríntios 4:20). Portanto, o reino de Deus é tanto celestial como terrenal, tanto oculto como em processo de revelação, tanto futuro como presente. Usando uma frase de um erudito neotestamentário, o reino está aqui "agora", mas "ainda não" completamente (Hebreus 6:5).

Então, na qualidade de agente do reino, a igreja atua na terra como uma comunidade contracultural, visível. É uma nova realidade social exercendo a autoridade do Ungido e trazendo sua imagem ao mundo —as duas tarefas que Deus deu ao homem desde o princípio (Gênesis 1:26-28). A meta do reino é concentrar todas as coisas no Ungido e estabelecer o reinado de Deus na terra, os ensinos radicais de nosso Senhor com respeito ao "reino", e a majestosa visão do "propósito eterno" descrita por Paulo, são fundamentalmente a mesma coisa. Como Howard Snyder expressa sabiamente:

A igreja é considerada a comunidade do povo de Deus —um povo chamado a serví-lo e a viver juntos numa verdadeira comunidade cristã, testemunhando o caráter e os valores do reino de Deus. A igreja é o instrumental da missão de Deus sobre a terra. Mas qual é essa missão? É nada menos que colocar todas as coisas e, acima de tudo, todos os povos da terra sob o domínio e a liderança de Jesus Cristo, a Cabeça... Jesus fala do reino de Deus; Paulo fala de Deus que reconcilia todas as coisas por meio de Jesus Cristo (2 Coríntios 5:19; Colossenses 1:20). Estas são duas formas de dizer a mesma coisa, pois Deus reina e reconcilia por meio do Ungido... Jesus fala do 'mistério do reino'; Paulo fala do 'mistério de Cristo'. Porque o Ungido é a chave do reino. Considerando sob a perspectiva do definitivo estabelecimento do domínio de Deus, o reino de Deus é a contínua obra de reconciliação divina no Ungido, até que Jesus Cristo retorne à terra. O Ungido tem de regressar para estabelecer a plenitude de seu reino. Mas por meio de seu Espírito Ele atua agora na terra através de seu Corpo, a igreja... Mas, afinal, que é o reino de Deus? É a pessoa de Jesus Cristo e a união de todas as coisas nEle, mediante a igreja... As Escrituras enfatizam o eterno propósito, plano ou vontade de Deus, ou seja, Sua ação no decorrer da história a fim de concretizar a reconciliação de todas as coisas. Este propósito divino identifica-se com o reino de Deus (The Community of the King */A Comunidade do Rei/, usado com licença do autor).*

Watchman Nee sublinha o mesmo ponto dizendo:

... O reino de Deus está não apenas onde o Senhor Jesus está. O reino de Deus está também onde está a igreja. Não apenas o Senhor Jesus em pessoa representa o reino de Deus, a igreja também representa o reino de Deus. A questão importante aqui não é o futuro galardão ou posição no reino, algo grande, pequeno, alto ou baixo. A incumbencia não trata destas coisas. A questão vital é que Deus quer que a igreja represente o reino de Deus na terra. A função da igreja na terra é estabelecer o reino de Deus. Toda a obra da igreja é regida pelo princípio do reino de Deus (The Glorious Church */A igreja gloriosa).*

A tensão entre o vinho e o odre

Todo mandato bíblico concernente à prática da igreja primitiva foi estabelecido por Deus para que a igreja possa funcionar de acordo com Sua eterna vontade. Portanto, não temos o direito de mudar nenhum deles. Mas é bom sublinhar que o que Deus quer hoje não é o mero emprego de "pautas neotestamentárias", mas o propósito superior que as fundamenta.

Portanto, não ponhamos uma desmedida ênfase no odre (prática da igreja) em detrimento do vinho (O Ungido no Espírito). Ter um apropriado odre vazio, sem o vinho, é errar quanto ao supremo propósito de Deus. Superestimar o odre produz igrejas marcadas por uma ortodoxia morta, por um enfoque escolástico da Bíblia, seco

como o pó, e altamente doutrinário. Nas igrejas deste tipo, a textura da vida eclesial torna-se debulhada, mecânica, ôca e inflexível. Sua obsessão doentia revestida de correção externa, sufoca os necessários traços da ressonância, do gozo, da riqueza e da vida. Fazendo com que o Espírito de Deus seja sufocado por um sistema institucionalizado e tornando o sacerdócio dos crentes espiritualmente lesado.

Nossa tendência carnal nos leva a transformar as coisas preciosas de Deus em preceitos legais e em fórmulas de observação estrita, o modo pelo qual Deus age é sempre pelo Espírito e mediante a vida. Não esqueçamos que a igreja é formada por pedras "vivas" que oferecem sacrifícios "espirituais" como uma casa "espiritual" (1 Pedro 2:5). Oxalá não cometamos o perigoso erro de querer transformar a prática da igreja numa mera questão de observação literal de preceitos, pois agir assim resultará numa inevitável decadência espiritual e na derrocada generalizada. Como John W. Kennedy expressou:

*A igreja de Jesus Cristo é um corpo vivente, não um cadáver. A imposição de um modelo não faz uma igreja; isso não significa que o modelo não tenha importância... mas a igreja é inseparável da vida espiritual; apenas o modelo não basta... Nunca é demais enfatizar que a imposição de um modelo, ou o simples ajuntamento de pessoas, não constitui uma igreja. Não se pode organizar uma igreja, a igreja tem de nascer (*Secret of His Purpose *—O segredo de seu Propósito).*

Também e errôneo enfocar o vinho ao ponto de descuidar do odre que Deus ordenou. Ter vinho sem ter um odre resulta em algo muito trágico, porque invariavelmente implica em abraçar uma teologia abstrata e mística carente de expressão concreta. Semelhante desequilíbrio implica numa proliferação de igrejas carentes da liderança do Ungido como Cabeça e seriamente destituídas da plena expressão de Sua vida. Uma vez mais, John W. Kennedy observa adequadamente:

*É notável que haja tantos cristãos devotos que tendem a menosprezar qualquer menção de modelo ou ordem eclesial. "A vida —dizem—, é o mais importante; o modelo importa pouco." Esta atitude foi a principal causa da desagregação da igreja, e restringiu em grande escala a efetividade do testemunho do Senhor por meio de seu povo. Não temos mais o direito de achar que o modelo da igreja não é importante, de achar que o modelo pelo qual fomos criados não tem importância... Devemos notar que Paulo aborda primeiro o princípio e o modelo depois. Se não tiver uma firme base de vida e entendimento espirituais, o modelo pode ser tão ruim quanto inútil (*Secret of His Purpose *—O segredo de seu Propósito).*

Recapitulação do assunto em pauta

Formulo novamente a questão: Qual é a função da igreja local? A igreja local existe para dar testemunho de Jesus. Está na terra enquanto família de Deus —o campo de treinamento espiritual em que se cumpre o propósito eterno de Deus nas vidas humanas —o edifício divino no qual cada membro é progressivamente transformado, remodelado e adequado coletivamente, para formar o verdadeiro templo do Senhor —o centro onde se expressa a mente do Senhor —a frente visível, exemplar, do reino vindouro — a obra principal de Deus —a "Betânia" espiritual onde Jesus de Nazaré é recebido, obedecido, adorado, no meio de um mundo que o recusa —o vaso que contém o poder da vida ressurreta —o objeto do supremo afeto e manifestação divina —o veículo que manifesta a presença do Ungido —porta-voz da expressão divina —"o novo homem" —a nova humanidade que encarna a realidade social do reino de Deus —o meio ambiente espiritual onde ocorre o encontro íntimo do Noivo com sua Noiva —e o testemunho vivo da plenitude do Ungido.

Em suma, seja lá onde for que a igreja se congrege, seu princípio dirigente, determinante e ativo é simplesmente *ser o Ungido* (1 Coríntios 12:12).

CAPÍTULO 10 - O MODELO DA IGREJA LOCAL

Certa ocasião Thomas F. Torrance disse o seguinte:

Não há dúvida que cada uma das grandes igrejas oriúndas da Reforma ... desenvolveu sua própria tradição dominante, e hoje em dia essa tradição exerce uma sólida influência, não somente sobre seu modo de interpretar as Escrituras e formular sua doutrina, como também sobre toda a forma e direção de sua vida. Aqueles que fecham os olhos a este fato, são precisamente aqueles que estão mais escravizados pelo poder dominante da tradição, pois essa mesma tradição tornou-se o insensível cânon que normatiza seu modo de pensar. Já é hora de perguntar outra vez se a Palavra de Deus circula livre e verdadeiramente entre nós, e de verificar se, depois de tudo, ela não está atada e impedida pelas tradições de homens. Aparentemente, esta tragédia consiste em que as mesmíssimas estruturas de nossas igrejas representam a fossilização de tradições, que foram se desenvolvendo e se estabelecendo pela prática e pelo procedimento, estruturas que se calcificaram de tal forma na autojustificação, que nem mesmo a Palavra de Deus consegue penetrá-las com facilidade (Citado em Verdict /Vê-redicto/, Vol. 3, N° 4, Oct. 1980).

A tradição dos Apóstolos

Praticamente todo segmento da igreja cristã opera sobre a base de alguma tradição histórica, transmitida a eles por seus antepassados espirituais. Para algumas denominações, estas tradições compreendem a própria textura que mantém à igreja unida e define seu propósito mediante o instrumento literário de veneradas confissões, credos e cânones. Em resposta a esta tendência, muitas novas denominações acabaram reputando de anátema tudo o que cheira à palavra 'tradição', distanciando-se de toda prática remotamente rotineira ou obrigatória. (No entanto, é interessante notar que muitas igrejas que proclamam estar livres da influência da tradição, meramente criaram suas próprias tradições.)

A conspícua ironia presente nestas duas tendências é que quanto mais prestam atenção às tradições eclesiásticas dos homens, menos prestam atenção às tradições divinas transmitidas pelos apóstolos do Senhor Jesus. De fato, aquilo que define o *modelo* da igreja neotestamentária só pode ser encontrado na tradição apostólica visualizada no Novo Testamento. (Note você que estou usando a palavra 'modelo' para referir-me a um princípio ou prática constante na igreja primitiva, não a uma intrincada heliografia.) Considere você as passagens seguintes que aludem a esta tradição:

Portanto, rogo-vos que IMITEIS... meu proceder em Cristo, A MANEIRA QUE ENSINO EM TODAS PARTES E EM TODAS AS IGREJAS. (1 Coríntios 4:16, 17)

*Exorto aos irmãos, que em tudo se lembrem de mim, e RETENHAM AS INSTRUÇÕES (tradições) * TAL COMO AS ENTREGUEI A VOCÊS. (1 Coríntios 11:2)*

Assim, se alguém quer ser contencioso saiba que NÓS NÃO TEMOS TAL COSTUME, NEM AS IGREJAS DE DEUS. (1 Coríntios 11:16)

...pois Deus não é Deus de confusão, mas de paz. ASSIM COMO EM TODAS AS IGREJAS DOS SANTOS... (1 Coríntios 14:33)

Irmãos, sede meus imitadores, e olhai aos que assim se conduzem, SEGUNDO O EXEMPLO DEIXADO POR NÓS. (Filipenses 3:17)

O que aprendestes, recebestes, ouvistes E VISTES EM MIM, ISTO FAZEI; e o Deus de paz estará convosco. (Filipenses 4:9)

Assim pois, irmãos, permanecei firmes, GUARDANDO A DOUTRINA (as tradições) APRENDIDA por nossas palavras, ou por nossas cartas. (2 Tessalonicenses 2:15)*

Mas VOS ORDENAMOS, IRMÃOS, no nome de nosso Senhor Jesus Cristo, que vos aparteis de todo irmão que anda desordenadamente, e NÃO SEGUNDO O ENSINO (tradição) QUE RECEBESTES DE NÓS. (2 Tessalonicenses 3:6)*

Porque vocês mesmos sabeis de que maneira DEVEIS IMITAR-NOS... (2 Tessalonicenses 3:7)

...senão por DAR-VOS NÓS MESMOS UM EXEMPLO PARA QUE NOS IMITÁSSEIS. (2 Tessalonicenses 3:9)

Antes de mergulharmos numa longa exposição do que a tradição apostólica envolve, consideremos primeiro o que esta tradição não é.

Aquilo que a tradição apostólica não é

A tradição dos apóstolos não se refere a um conjunto codificado formal de regras prescritas criadas pelos apóstolos. Portanto , não devemos pensar na tradição apostólica enquanto um detalhado manual de prática eclesial. A verdade é que não existe tal manual (lamentavelmente em nossos dias alguns trataram de compor tal manual!).

Na realidade, a Bíblia é bem escassa no que diz respeito a detalhes de reuniões da igreja primitiva. A razão disto é muito simples. Se existisse tal explicação detalhada, não haveria lugar para a direção e liderança do Espírito

Santo. A Lei substituiria o Espírito, o odre eclipsaria o vinho, e a igreja derivaria, e se tornaria numa moderna réplica do antigo judaísmo, esculpida no molde legalista de uma adesão rotineira a formas e letras.

Nunca foi propósito de Deus determinar uma exatidão técnica nem uma conformidade externa a uma forma prescrita de ordem, ritual ou liturgia eclesial. Semelhante formalismo frio apenas produziria morte e asfixia na natureza orgânica do corpo do Ungido. Portanto, é imprescindível conceituar apropriadamente a igreja como um organismo vivo, mediante o qual o Espírito de Deus leva a cabo o propósito eterno de Deus de maneira nova e vivificante. A igreja é simplesmente o Ungido vivente, coletivo. Na realidade, a igreja é aquilo que *sai do* Ungido. Da mesma forma como Eva saiu da costela de Adão, igualmente a igreja tem sua origem no Homem celestial (compare Gênesis 2:21-23 com Efésios 5:23-32). Em outras palavras, as pedras vivas que presentemente estão sendo edificadas conjuntamente pelo Espírito Santo para formar a verdadeira casa do Senhor foram cortadas da Rocha do próprio Ungido (compare Mateus 16:18 com 1 de Pedro 2:5 , 8).

Se compreendemos a igreja como não apenas edificada *pelo* Ungido, mas também extraída *do (de dentro* do) Ungido, estaremos salvaguardados de reduzir a igreja a um método ou técnica. Devido a uma falta de visão referente à natureza cristológica da igreja, não poucos cristãos converteram o Novo Testamento num sistema cristalizado de ordem, forma e método. Quando isso ocorrre, a igreja passa a ser algo em ou de si mesma , e o Senhor Jesus fica totalmente passado para segundo plano ou perdido.

Portanto, é incumbencia nossa ver que tudo aquilo que concerne à prática da igreja, tem que se manter em relação vital com a Cabeça vivente. Se o Corpo se separa da Cabeça, ele morre e deixa de ser igreja. Em outras palavras, a vida do Corpo reside na Cabeça, e um corpo divorciado de sua cabeça é um cadáver. Portanto, a igreja não tem existência separada do Ungido. Também não tem existência alguma separada do propósito de Deus no Ungido Jesus. Desta maneira, a prática da igreja é inseparável de algo bem mais elevado do que uma adesão a uma mera fórmula ou modelo prescrito —mesmo que esse modelo ou fórmula tenha base no Novo Testamento. T. Austin-Sparks observa o seguinte nesse aspecto:

O ministério do Espírito Santo sempre foi revelar Jesus Cristo e ao revelá-lo, conformar todas as coisas a Ele. Nenhum gênio humano pode fazer isso. Não podemos obter nada em nosso Novo Testamento enquanto resultado de estudos, investigações ou raciocínios humanos. Tudo consiste na revelação de Jesus Cristo que o Espírito Santo, e apenas Ele, faz. Cabe a nós tentar continuamente vê-lo ao por meio do Espírito Santo, e descobrirmos que Ele, o Ungido —não um modelo de papel— é o Modelo, a Ordem, a Forma. Tudo consiste numa Pessoa, que é a somatória de todo propósito e forma... Portanto, (na igreja primitiva) tudo consistia na livre e espontânea movimentação do Espírito Santo, e isso ocorria plenamente diante do Modelo —o Filho de Deus (Words of Wisdom and Revelation */Palavras de sabedoria e de revelação* .

O Espírito de Deus nunca nos conduzirá a uma ortodoxia morta, baseada apenas em formas externas divorciadas do Corpo de sua Cabeça vivente, deve-se sublinhar igualmente que o Espírito Santo sempre opera e se move conforme princípios espirituais definidos. E são tais princípios que constituem as indicações da tradição apostólica. Dando testemunho de sua experiência pessoal, T. Austin-Sparks explica:

O método de Deus e a plenitude de sua lei revelam-se na vida orgânica. Na ordem divina, a vida produz seu organismo próprio, seja ele vegetal, animal, humano ou espiritual. Isto quer dizer que tudo provem de dentro para fora. A função, a ordem e o fruto procedem desta lei de vida interior orgânica. Foi somente por este princípio que o que temos no Novo Testamento veio a existir. A cristiandade organizada atropelou inteiramente este ordem... Portanto, após eliminar todo o antigo sistema de cristianismo organizado, dediquemo-nos ao princípio do orgânico. Não se 'estabelece' nenhuma 'ordem', não se nomeia oficiais nem ministros. Deixamos ao Senhor a incumbência de manifestar, mediante 'dons' e unção, quais são Seus escolhidos para a supervisão e para o ministério. Nunca houve o ministério de 'um só homem'. Os 'supervisores' nunca foram eleitos por votação, nem seleção, e certamente não pelo desejo expresso de algum líder. Nunca existiram comitês nem corporações oficiais em parte alguma da obra. As coisas proviram principalmente da oração (Words of Wisdom and Revelation */Palavras de sabedoria e de revelação/).*

Como recuperar o lugar da tradição na assembléia

O termo neotestamentário traduzido como tradição é a palavra grega *paradovsei ç (paradóseis)* , e denota aquilo que é transmitido. Então, a tradição apostólica inclui as histórias de Jesus, bem como os mandamentos e as práticas dos apóstolos, que foram transmitidos às assembléias locais (1 Coríntios 11:23 e ss.; 1 Coríntios 15:1-3; 2 Pedro 3:1 , 2). A tradição apostólica representa crenças e regulamentos práticos da igreja. Quando Paulo fez referência à prática universal de todas as igrejas, refere-se à tradição apostólica (1 Coríntios 4:16, 17; 11:16, 14:33-38). Não eram práticas que Paulo meramente *descreveu* , mas aspectos indispensáveis que *prescreveu* para todas e para cada uma das assembléias. F.F. Bruce, eminente erudito neotestamentário, observa o seguinte:

Quando examinamos as referências que Paulo faz à tradição do Ungido, parece que elas compreendem três elementos principais: a) um resumo da mensagem cristã, expresso enquanto confissão de fé, com ênfase especial na morte e na ressurreição do Ungido; b) diversas obras e palavras de Jesus Cristo; c) regras éticas de procedimento para os cristãos... O que tinha provido do Jesus terrenal e ecoado por meio dos apóstolos, era ao

mesmo tempo validado continuamente pelo Senhor, e exaltado mediante seu Espírito nos apóstolos, de maneira que a revelação e a tradição apostólica não são outra coisa senão os dois lados da mesma moeda... na condição do imortal Ungido de Deus, Ele mantém e autentica a tradição ao longo da era apostólica, até deixar de ser tradição oral e passar a ser Sagrada Escritura. Assim, pois, a tradição é a forma pela qual o Senhor ressuscitado fornece sua revelação mediante o Espírito (Tradition: Old and New */Tradição: Antiga e nova/).*

Em suma, a tradição dos apóstolos está contida nas Escrituras Portanto, como Bruce argumentou, a noção que alguns teólogos católicos e ortodoxos sustentam com respeito a existência de um misterioso corpo de tradições inspiradas, autorizadas e infalíveis fora da Bíblia, não pode ser demonstrada. Além disso, a tradição apostólica é a incorporação daqueles princípios espirituais e práticas orgânicas que os apóstolos modelaram em cada igreja durante o primeiro século. São esses princípios, métodos e linhas de funcionamento que constituem o odre que Deus criou para preservar seu vinho novo.

Portanto, é imprescindível que nossa prática eclesial esteja em harmonia com a tradição apostólica, já que é mediante a prática dos apóstolos que seus mandamentos e ensinos encontram apropriada expressão. O que está escrito no Novo Testamento tocante a como os apóstolos se conduziam, não tem de ser considerado como história incongruente. Ao invés disso, tem que ser considerado com grande cuidado e seriedade.

Alguns podem argumentar que se seguimos corretamente a direção do Espírito Santo, não há necessidade de atender aos modelos neotestamentários. No entanto, os que usam tal argumento ignoram que somos criaturas falíveis que podem confundir direção do Espírito com nossa própria. Portanto, devemos compreender que para descubrirmos a fonte de nossa direção, nossa prática eclesial deve ter uma base bíblica. Ignorar a pauta apostólica é ficar na perigosa posição de trocar, sem saber, a direção do Espírito pelas nossas descaminhadas percepções e infundados conceitos.

Portanto, o Novo Testamento tem de ser nossa norma de fé e prática, tanto para conduta pessoal, como para vida coletiva. A este respeito, Watchman Nee assinala:

Se queremos entender a vontade de Deus no que diz respeito a sua igreja, não devemos tratar de ver como Deus guiou seu povo ano passado, dez ou cem anos atrás, devemos retornar ao começo, ao 'Gênesis' da igreja, para ver o que Ele disse e fez. É ali onde achamos a mais elevada expressão de sua vontade. O livro de Atos é a 'gênese' da história da igreja e a igreja dos tempos de Paulo é a 'gênese' da obra do Espírito. Em nossos dias as condições existentes na igreja são enormemente diferentes das daquela época, mas as condições atuais nunca poderiam ser nosso exemplo nem nosso guia oficial; temos que retornar ao 'começo'. Unicamente o que Deus estabeleceu como nosso exemplo no princípio, é a vontade eterna de Deus. É a norma divina que deve sempre ser nosso modelo... As circunstâncias podem ser diferentes e os casos podem variar, mas a vontade de Deus e seus métodos são, em princípio, exatamente iguais hoje ao que eram no livro de Atos (The Normal Christian Church Life */A vida eclesial cristã normal/.)*

G.H. Lang saca a mesma inevitável conclusão ao dizer:

Não há necessidade, nem pode haver perspectiva alguma de aperfeiçoar as ordens do Senhor. Ele sabia perfeitamente quais os propósitos de sua igreja na terra, e conhecia plenamente as condições nas quais ela funcionaria; Ele instituiu, por meio de seus apóstolos, os melhores arranjos e métodos para realizar a obra proposta em determinadas situações. Supor o contrário é imputar insensatez a Deus. É uma falácia pensar que as condições mudam essencial, ou de fato, absolutamente, com relação à função da igreja de Deus. Deus não muda; nem mudam suas demandas com respeito à humanidade, não variam seus princípios de conduta para ela; a pecaminosidade e a rebelião do homem natural permanecem inalteradas; e, para o propósito em consideração as diferenças raciais e religiosas, ou a aparência local da educação mental ou da civilização, não significam nada... Assim, na medida em que todos os fatores essenciais permanecem como eram nos tempos apostólicos, se vê, e se viu, que o plano apostólico da vida eclesial e do serviço cristão é tão divinamente apropriado para estes tempos como foi no passado neotestamentário; de fato, biblicamente falando, há uma só era (The Churches of God */As igrejas de Deus /).*

Portanto, o Novo Testamento apresenta a igreja em sua forma mais pura, antes de ser contaminada pela mão corruptora do homem. Em conseqüência, o Novo Testamento é o local onde devemos olhar para discernir a direção do Espírito para nós hoje, tanto no plano individual como no plano coletivo. Se ignoramos a Palavra de Deus nestes pontos, cometeremos o perigoso erro de criar uma igreja local segundo nossa própria imagem e semelhança, falhando em edificar a igreja do Senhor conforme Seu propósito. Como Stephen Kaung expressa:

A gente crê que a Palavra de Deus nos mostra como viver individualmente diante de Deus, mas também cremos na palavra de Deus no que toca ao viver coletivo? Será que Deus diz: 'Isso é assunto de vocês; façam como melhor lhes agradar'? Infelizmente, é isso que encontramos hoje na cristandade; não há um princípio régio governando nossa vida coletiva —cada qual faz o que lhe parece correto. Mas queridos irmãos e irmãs, somos salvos individualmente, mas também somos chamados coletivamente... há tanto ensino e exemplos na Palavra de Deus regendo nossa vida coletiva como regendo nossa vida pessoal (Who Are We? */Quem somos nós?/).*

O lugar correto para começar

É necessário sublinhar aqui que antes que possamos entender realmente qualquer coisa significativa a respeito da igreja, primeiro temos que ser cativados pela revelação compreensiva e absorvente da Pessoa pela qual a igreja existe. Portanto, sempre devemos começar primeiro com o Senhor Jesus —em sua plenitude, sua centralidade e sua glória— antes de colocar nossa atenção na verdade da igreja. Dito em forma simples, se começamos pela igreja, em vez de por Aquele para quem ela vive, terminaremos com algo totalmente deformado. Russell Lipton observa isso corretamente:

¡A igreja é tão importante! No entanto, seu significado se desvanece se comparada com a glória de nosso Senhor Jesus Cristo. Enfrentamos perigos muito graves quando nos 'especializamos' em igreja e de modo especial em seu 'estrutura'. Devemos especializar-nos no Senhor e deixar em segundo lugar a igreja... Se O Ungido não for exaltado, edificamos sobre a areia, usamos madeira, feno e detritos como materiais. Tudo será queimado. Onde quer que, ao longo do tempo, os cristãos edificaram sobre um fundamento que não fosse o Ungido, as tempestades vieram e as igrejas viventes caíram em morte espiritual (Does the Church Matter? */A Igreja é Importante?/).*

Como afirmamos em nosso capítulo anterior, a igreja não é um fim em si mesmo. A Palavra de Deus presta um maior destaque à Pessoa e à obra do Senhor Jesus Cristo como o centro e a circunferência do cumprimento do propósito de Deus. Sua principal ênfase é colocada em assuntos de importância para Seu Senhorio, Seu reino, Seu decisivo triunfo, Seu caráter glorioso, Sua vida nos crentes, Sua segunda vinda e Seu governo universal. Tudo gira em torno dEle!

No entanto, embora a Palavra de Deus enfatize o vinho (o Ungido no Espírito), o vinho de Deus precisa de um odre (ordem eclesial) para contê-lo. Se deixamos de prestar atenção ao odre descrino no Novo Testamento, o vinho da vida de Deus se derramará ou se perderá. O odre foi dado para a consumação prática de nossa gloriosa herança que reside no Ungido —sendo seu propósito conter e expressar as riquezas de sua glória. Pelo mesmo motivo, Deus não apenas nos fez compreender as verdades concernentes à nossa vida interior, Ele também nos deu a verdade relativa a nossa expressão exterior. Em outras palavras, o Senhor nos deu a verdade concernente ao *organismo* da igreja, bem como à sua *ordem* . Nesse aspecto, Watchman Nee explica:

Para aqueles que sabem pouco a respeito da vida e da realidade, há o perigo da ênfase na mera perfeição externa: para aqueles que consideram a vida e a realidade como temas de suprema importância, há a tentação de eliminar o modelo divino das coisas, considerando-o legal e técnico... Assim, a mera observância das formas externas de serviço não tem absolutamente nenhum valor espiritual. Todas as verdades espirituais, tanto relacionadas à vida interior como exterior, são susceptíveis de ser interpretadas na letra. Tudo o que é de Deus — seja no âmbito externo ou interno— se estiver no Espírito é vida; se estiver na letra é morte. De maneira que a pergunta não é: É externo ou interno? mas, É no Espírito ou na letra? "A letra mata, mas o espírito vivifica..." Tentamos seguir a direção do Espírito de Deus, mas ao mesmo tempo tentamos prestar atenção aos exemplos mostrados em sua Palavra... Deus revelou sua vontade, não apenas dando mandamentos, mas fazendo certas coisas em sua igreja a fim de que em todas as eras vindouras outros pudessem simplesmente considerar o modelo e conhecer sua Vontade... Os preceitos têm seu lugar, mas os exemplos têm um lugar não menos importante, se a conformidade ao modelo divino em coisas externas for mera formalidade o mesmo ocorrerá na vida interior (The Normal Christian Church Life */A vida eclesial cristã normal/.)*

O lugar do organismo e da ordem na igreja

Ainda que a igreja seja primeira e principalmente um organismo, ela tem sua ordem. Como a liderança, a ordem *existe* . Em outras palavras, onde quer que o povo de Deus se congregue, uma verdadeira forma terá de emergir ali com o tempo. Essa forma pode ser liberadora ou opresiva. Bíblica ou não bíblica, útil ou daninha, sempre haverá uma forma. Nas palavras de Howard Snyder: "Toda vida deve ter forma. A vida sem forma adoece e morre; perece porque não pode sustentar-se a si mesma. Assim ocorre com tudo aquilo que vive, seja no âmbito humano, espiritual ou botânico, pois Deus é conseqüente em sua criação." (*The Community of the King* /A comunidade do Rei/). Portanto, o ordem eclesial é inevitável; mas nem toda ordem é biblicamente válida ou espiritualmente conducente. O ordem pode ser um amo repressivo ou um servo útil. Assim como a Palavra de Deus revela a igreja como um organismo, ela também revela uma apropriada ordem eclesial.

Encontramos um pertinente exemplo desta verdade na severísima repreensão de nosso Senhor, dirigida aos escribas e fariseus. Em Mateus 23 vemos como Ele repudiou sua tradição rabínica e denunciou sua injustificada obsessão pela exatidão exterior e pelo legalismo formal externo. Mais adiante nesse mesmo texto, Jesus os condena por tergiversar as prioridades divinas: "...limpais o lado de fora do copo e do prato, mas por dentro estais cheios de roubo e de injustiça... porque dizimais a menta e o cominho, e deixais o mais importante da lei: a justiça, a misericórdia e a fé."

Significativamente, apesar do Senhor atacar os escribas e fariseus por enfatizarem a exatidão exterior, descuidando da pureza interior, Ele não lhe retirou a importância dos assuntos exteriores. Jesus seguiu dizendo: "Isto era necessário fazer, *sem deixar de fazer as coisas mais importantes* " (Mateus 23:23). De maneira que, embora Deus

atribua muito mais importância à realidade espiritual interior (organismo), Ele não ignora sua expressão exterior (ordem).

O fato é que há tanto ordem como vida —forma e função— na igreja de Jesus Cristo. Com perspicácia, A.W. Tozer compensa o delicado equilíbrio que entre os dois, dizendo:

Alguns não terão absolutamente nenhuma organização, e o resultado será confusão e desordem, eles nunca poderão ajudar a humanidade nem trazer glória ao Senhor. Outros substituem a vida pela organização, e embora digam que vivem, estão mortos. Outros se apaixonam a tal ponto por regras e regulamentos, que os multiplicam além de toda a razão, em pouco tempo se apaga a espontaneidade dentro da igreja e a vida desaparece dela (God Tells the Man Who Cares */Deus se revela àquele que o busca/).*

Onde fracassou o cristianismo evangélico moderno

Com respeito à prática dos apóstolos, alguns empregam um modelo ambíguo. Muitos evangélicos modernos abraçam a idéia de que apenas aquelas coisas que são "ordenadas explicitamente" nas Escrituras, são obrigatórias, e que tudo o mais pode ser ignorado sem qualquer parcimônia. No entanto, ironicamente, a maior parte dos evangélicos nega este conceito em sua prática. Isto é, defendem rigorosamente a importância da celebração da Ceia do Senhor regularmente, da necessidade de uma liderança eclesial, do requerimento de batizar novos conversos, e da importância de congregar-se semanalmente. É assombroso, no entanto, que nenhuma destas práticas esteja explicitamente ordenada nas Escrituras.

É igualmente problemática a noção de que apenas os "princípios" da igreja primitiva devem ser observados, ao mesmo tempo em que suas "práticas" são consideradas insignificantes e antiquadas. Este conceito enganou a muitos cristãos, levando-os a adotar um grande número de práticas de invenção humana que violam os princípios espirituais, como por exemplo, o clero assalariado, os pastores únicos, os serviços religiosos de estilo púlpito-banco em espaços semelhantes a basílicas, as denominações, etc., todas diametralmente opostas ao ensino neotestamentário.

A verdade é que não somente as *ordens* apostólicas regulamentais são obrigatórios para a igreja moderna, mas também as *práticas* apostólicas regulamentais. Ao dizer regulamentais, entendo todas aquelas práticas que assumem as características seguintes: foram estabelecidas pelos apóstolos em todas as igrejas primitivas, são de orientação doutrinal mais do que de orientação cultural, e contêm um subtexto ou significado subjacente espiritual/teológico. Tais práticas não são puramente narrativas; implicam em força prescritiva.

O livro de Atos e as epístolas paulinas estão repletos de referências à tradição apostólica. Estes escritos inspirados pelo Espírito Santo apresentam tanto princípios espirituais básicos, como aplicações locais. Em Atos, Lucas usa um estilo narrativo para ensinar verdades teológicas, e vemos que em seus escritos se combinam princípios e práticas. O mesmo se encontra igualmente permeado em todas as epístolas de Paulo. Em 1 Coríntios 4:17 Paulo declara como ele *ensinou* seu *proceder* "em todas as partes" e "em todas as igrejas". No conceito do apóstolo Paulo, doutrina e dever —crença e conduta— são inseparáveis.

O que está incluído na tradição apostólica é regulamento prático para todas as igrejas locais de ontem e de hoje. Portanto, a exortação de Paulo de reter "as instruções (tradições) tal como vo-las entreguei , e de praticar essas coisas que "aprendestes, recebestes, ouvistes e vistes em mim", são considerações que nos devem guiar em nosso empenho por retornar ao propósito original de Deus para a igreja.

Interseção entre tradição e doutrina

Aderir à tradição apostólica não significa reproduzir os acontecimentos da igreja do primeiro século. Se fosse assim os cristãos modernos teriam que celebrar suas reuniões num aposento alto onde tivesse muitos lustres (Atos 20:8), sortear seus líderes (Atos 1:26), subir em terraços na hora de orar (Atos 10:9), sem mencionar ter que falar e vestir como faziam todos os crentes do primeiro século. Pelo contrário, observar as tradições apostólicas quer dizer, seguir aquilo que era *teológica* e *espiritualmente* significativo na experiência da igreja neotestamentária. Portanto, a tradição apostólica sintetiza o equilíbrio entre *reproduzir* ações específicas da igreja do primeiro século e *ignorá-las* .

A verdade é que há numerosas práticas da igreja primitiva que são normativas para nós hoje. Apesar de tais práticas não estarem condicionadas culturalmente, estão vinculadas à nossa fé e obediência. Estão profundamente arraigadas na teologia bíblica, e dão expressão prática às realidades espirituais que estão no Ungido. São, digamos, os *meios* divinos para expressar o *propósito* divino. Russell Lipton expressa isso da seguinte forma:

A doutrina informa o coração e muda o homem interior. A prática nos capacita para dar forma à doutrina e convertê-la em testemunho Embora na igreja primitiva as práticas evoluíssem e mudassem até certo ponto ao longo das décadas, não temos justificativa nas Escrituras para minimizar ou fugir das práticas neotestamentárias e introduzir nossas próprias práticas. No máximo, podemos experimentar formas frescas que estejam clara, inconfundível e justificavelmente vinculadas com aquelas primeiras práticas. Mas se somos sensatos, viveremos expressando as práticas dos apóstolos e sua doutrina ("Devotion to Practices" */Da devoção à prática/, artigo não publicado).*

A tradição apostólica encarna o ensino apostólico —dá forma à doutrina bíblica. Por exemplo, a reunião eclesial participativa livre é solidamente baseada na bem estabelecida doutrina do sacerdócio de todos os crentes, e nos princípios, funcionamento e crescimento orgânicos da vida corporativa (vide Capítulo 1). A observância da Ceia do Senhor como objeto distintivo da reunião eclesial, é baseada na centralidade do Ungido e na relação pactual da comunidade dos crentes (vide Capítulo 2). As reuniões eclesiais caseiras se baseiam diretamente na doutrina de que a igreja é uma comunidade relacional —uma família extensa muito unida, que se ocupa do compartilhamento, do serviço e da edificação mútua (vide Capítulo 3).

A liderança plural e a tomada de decisões por consenso, estão firmemente fundadas na operação prática da liderança funcional, como Cabeça, do Ungido, que é o propósito central de Deus ao longo de toda a Bíblia (vide Capítulos 5 e 6). A base bíblica de uma igreja por comunidade está estabelecida na doutrina da unidade do Corpo do Ungido (vide Capítulos 7 e 8). Finalmente, a função da assembléia local, ordenada por Deus, baseia-se solidamente no propósito eterno de Deus revelado nos escritos paulinos, de modo particular em Romanos, Colossenses e Efésios (vide Capítulo 9).

Há outras práticas apostólicas além das já mencionadas, como projeção evangelística; discipulado; função dos homens e das mulheres na igreja; instrução de novos convertidos; obras de misericórdia para com os pobres; obras de justiça social; a esfera e a sustentação dos obreiros apostólicos; os diferentes ministérios da igreja; os dons do Espírito Santo; e outros. No entanto, apesar destes elementos receberem muita atenção hoje em dia, os mesmos estão além do alcance deste livro.

Em suma, todo princípio que faz parte da tradição apostólica, está vitalmente relacionado com uma importante doutrina bíblica. A prática apostólica representa o meio ordenado por Deus para expressar a realidade espiritual em todo o Novo Testamento. Portanto, a função e a forma da igreja são noções complementares nas Escrituras. Se a forma da igreja deve seguir a função da igreja, não se deve ignorar a forma da congregação. Dito de outro modo, a forma correta não assegura nem garante a vida. Não obstante, se uma igreja tem vida, a mesma deve adotar aquelas formas que facilitem a edificação do Corpo e o crescimento do Ungido. Como um autor observa:

Toda estrutura eclesiástica (inclusive a estrutura da autoridade deve vir espontaneamente da 'vida'. O rio (a 'vida') forma seu próprio leito (estrutura). Nós não podemos fazer o leito (estrutura) e depois convidar o rio (a 'vida') para que passe por nossa construção. Ou seja, o rio corre e ao fazê-lo, forma seu próprio leito para fluir por ele. Da mesma maneira, a vida do Espírito na congregação terá de formar sua própria estrutura. Portanto, toda estrutura neotestamentária é flexível (move-se com a vida) e não rígida (Mateus 9:14-17). No entanto, as Escrituras determinam a estrutura básica da igreja e deve ser estudada continuamente, a fim de verificar a estrutura que se está formando. O Espírito não produz estruturas que estejam em oposição à Palavra (Rudy Ray: " Authority in the Local Church *" /Autoridade na igreja local/, Searching Together, Vol. 13:1).*

Assim, quando o Espírito Santo usa seu método soberano restaurando e vivificando um povo, é inevitável que os crentes comecem a congregar-se espontaneamente de uma maneira bíblica. Não farão caso omisso da tradição apostólica. Segundo a opinião de Paulo, os que são espirituais, terão de reconhecer e obedecer os mandamentos apostólicos relativos à ordem eclesial (1 Coríntios 14:37). No entanto, aos olhos de muitos cristãos modernos, lamentavelmente, a tradição apostólica foi em grande escala ignorada e considerada inaplicável. Desta maneira, a tradição *apostólica* ficou sepultada sob uma montanha de tradições *humanas* Em nossos dias, multidões de líderes eclesiásticos optaram por considerar suas próprias idéias de 'fazer igreja', como mais atinadas, mais convenientes e mais produtivas que as encontradas no Novo Testamento. A tragédia que esta errônea conclusão produz é múltipla. Em poucas palavras, quando se substituem os modelos apostólicos com programas e projetos feitos por homens, o propósito de Deus ordenado para a *ekklesia* acaba, pelo menos, lesado, ou no pior caso, esmagado.

Importância do modelo neotestamentário

Quando Paulo foi confrontado com os que tentavam apartar-se do modelo que ele tinha dado às igrejas, respondeu com inusitada severidade, dizendo:

Talvez saiu de vocês a palavra de Deus, ou apenas a vocês chegou? Se alguém crê ser profeta, ou espiritual, deve reconheçer que aquilo que vos escrevo são mandamentos do Senhor. Mas se alguém discordar, deixemos ele em sua ignorância. (1 Coríntios 14:36-38)

Nos faria bem recordar que a verdade divina se entende tanto pelo preceito como pelo exemplo. A verdade espiritual se ensina por meio de proposições éticas, bem como mediante palpáveis demonstrações de sua execução. Este é o caso em toda a Bíblia, desde as histórias do Antigo Testamento, passando pelos relatos evangélicos até as idas e vindas dos apóstolos no Novo Testamento. Portanto, desestimar os *princípios* e *exemplos* orgânicos da Bíblia é trair as *doutrinas* da Bíblia, e conseqüentemente, perder a realidade espiritual que é inseparável das mesmas

Surpreendentemente, mesmo que uma igreja troque o modelo neotestamentário por sua própria forma construída por ela mesma, até certo ponto, a bênção de Deus ainda pode permanecer sobre ela. Isto fez com que não poucos cristãos chegassem à conclusão de que os modelos apostólicos não são importantes. Mas não devemos nos enganar crendo que a *bênção* de Deus está desvinculada de sua *aprovação* . Por exemplo, a história de Israel contém a sóbria lição de como Deus ainda pode abençoar a um povo que substituiu o propósito divino pelos seus próprios.

Ao longo das jornadas de Israel no deserto, Deus supriu todas suas necessidades em forma sobrenatural, apesar do fato de que Ele estava continuamente enojado com eles, por causa de suas constantes murmurações. O mesmo ocorreu quando os filhos de Israel clamaram por um rei em sua rebelião contra a vontade divina, o Senhor condescendeu a seu desejo carnal (1 Samuel 8:1 e ss.). Apesar disso, Ele seguiu abençoando-os. Não obstante, trágicas conseqüências seguiram a sua limitada obediência (1 Samuel 8:11-18). Israel perdeu sua liberdade sob muitos monarcas maus, e a nação inteira sofreu uma série de juízos divinos devido à apostasía nos montes. Há um triste paralelo entre a condição de Israel e a de grande parte do povo de Deus hoje, que optou por um sistema religioso atado à terra e manejado por homens.

O repto da obediência sincera

Para dizê-lo direta e claramente, cada vez que o povo de Deus escolhe seus próprios caminhos em vez dos caminhos de Deus, estes limitam severamente a mão de Deus e contristam seu coração. Embora seja verdade que Deus em sua misericórdia tente abençoar a qualquer grupo de pessoas, quando encontra alguma base para fazê-lo, o Senhor é muito zeloso em sua igreja e não terá piedade daqueles que voluntariamente ignoram seus mandamentos. Na linguagem do Apocalipse, Ele pode "tirar o candelabro" de uma congregação local. Os penetrantes juízos de nosso Senhor sobre as igrejas em Apocalipse 2 e 3 são uma prova clara disto.

Oh, quão rapidamente nos esquecemos de que a igreja pertence a Deus e não a nós! É parte de nossa natureza decaída seguir nossas próprias idéias no que toca à prática eclesial, venerar nossas próprias tradições, canonizar nossas próprias preferências pessoais e institucionalizar o que acomoda a nossa própria noção de bom sucesso, em vez de seguir aquilo que os apóstolos nos transmitiram.

De maneira que pergunto —de onde obtemos o direito de mudar o modelo neotestamentário? Que base temos para ignorar a tradição dos apóstolos preferindo nossas próprias tradições? Que autoridade temos para substituir a liderança plural por formas hierárquicas de governo e sistemas de pastor único? Que base exegética temos para substituir as reuniões participativas livres, com serviços baseados em programas e manejados por homens que fomentam a passividade e limitam o ministério do Corpo? Que razão temos para separar-nos de outros cristãos tomando como fundamento um movimento, um líder, um ministério ou uma ênfase doutrinal divergente?

Em suma, que prerrogativa temos para alterarmos o que o Senhor prescreveu para sua própria igreja mediante claros exemplos expostos em sua Palavra? Aqui vêm à mente as palavras do honorável teólogo John Stott: "O distintivo de um autêntico cristianismo evangélico não é a repetição insensata de velhas tradições, mas a disposição de submeter toda tradição, por antiga que seja, a um escrutínio bíblico vívido e, se necessário, a uma reforma" (" *Basic Stott* ", *Christianity Today* , Janeiro 8, 1996). Refaço a pergunta em forma direta: Se nossas práticas eclesiais entram em conflito direto com a revelação neotestamentária, estamos dispostos a ajustá-las?

Que Deus edifique sua casa

Um inconfundível tema da Bíblia é que nas coisas divinas Deus não deixa nada para a decisão do homem; é a Casa do Ungido que Ele está edificando a sua maneira. Ele é tanto o Deus do *fim* como o Deus dos meios . Tudo deve ser dEle, por e para Ele, se há algum valor duradouro. Não é o tamanho do edifício que marca o principal interesse de Deus, mas de que está composto (1 Coríntios 3:9-15). Aos olhos do Senhor, *como* edificamos e com o*que* edificamos é mais importante do que o tamanho e a aparência exterior do edifício. Além do mais, "Se Jeová não edificar a casa", declara o salmista, "em vão trabalham os que a edificam" (Salmo 127:1). Apenas Deus é o mestre "arquiteto e construtor" (Hebreus 11:10) —especialmente quando se trata de sua própria morada. Portanto, na obra de Deus o princípio que rege é sempre: "Jeová, tu... fizeste em nós todas nossas obras" (Isaías 26:12).

A trágica história do ato do Rei David de pôr o arca do Senhor sobre uma carroça de madeira, é um testemunho do que ocorre quando a obra de Deus é feita à moda humana (2 Samuel 6:1-7). Pois, sem dúvida alguma, o plano humanamente criado de pôr a arca santa sobre uma carroça, à semelhança das modernas prática pragmáticas, foi copiado dos filisteos pagãos violando a clara instrução de Jeová (Exodo 25:12-16; Números 4:5-15). Da mesma maneira, convidamos a morte espiritual para nosso meio e incorremos no desagrado do Senhor, quando nos apartamos de seu propósito ordenado e tentamos fazer as coisas a nosso modo. Russell Lipton expressa isso belamente:

É um arraigado princípio do homem natural (do século XX) imitar as práticas de outras religiões idólatras. A razão é simples. O cristianismo é a única forma de vida que o homem natural pode viver com bom sucesso. É inteiramente espiritual. O mesmo depende, por completo, quase literalmente, da obra do Espírito Santo no renovado espírito, mente e vontade dos crentes... Por esta razão, a prática eclesial não pode ser motivo de indiferença, de 'menos importância', ou pior, uma desculpa para seguir o sistema do mundo ('adotamos métodos mundanos de fundar organizações produtivas e depois pedimos a Deus que abençoe o que já determinamos fazer'). Num sentido muito real, a igreja não está na terra, nem pertence a qualquer nação. Isto não quer dizer que a prática bíblica é impraticável. As práticas bíblicas são a forma mais prática (a única forma prática) para Deus cumprir sua vontade na terra (" Detestáveis Práticas *" /Práticas detestáveis/, artigo não publicado).*

Não esqueçamos nunca a advertência de Paulo, relativa à sutil influência de ecos filosoficos que desvirtuam a Pessoa do Ungido (Colossenses 2:8). O pragmatismo moderno é uma dessas filosofias. Não obstante, devido a ter sido batizado no nome de Cristo , estar vestido com um traje cristão e falar uma linguagem bíblica, muitos crentes modernos assumem o pragmatismo como algo adequado ao cristão. Em suma, o pragmatismo afirma osadamente que se algo tem bons resultados de acordo com as dimensões humanas, tem que ser verdadeiro. Semelhante conceito é espiritualmente perigoso e biblicamente inválido, porque Noé, Jeremías, Isaías, Esdras, Neemias, João Batista, Jesus e os doze apóstolos seriam todos fracassados aos olhos do pragmatismo moderno! Em seu penetrante ensaio chamado *Pragmatism Goes to Church* (O pragmatismo vai à igreja), A.W. Tozer vai fundo nesse assunto:

Que temos de fazer para quebrar opoder (do pragmatismo) sobre nós? A resposta é bem simples. Reconhecer o direito de Jesus Cristo de controlar as atividades de sua igreja. O Novo Testamento contém instruções detalhadas, não somente a respeito do que temos de crer, mas também do que temos de fazer e como. Qualquer desvio dessas instruções é uma negação do Senhorio de Jesus Cristo. Eu digo que a resposta é simples, mas não é fácil, porque a mesma requer que obedeçamos antes a Deus do que ao homem, e isso faz acender a ira da maioria religiosa. Não é questão de saber o que fazer; podemos aprender isso facilmente das Escrituras. A questão é se temos ou não coragem de fazê-lo (God Tells the Man Who Cares */Deus se revela ao homem que se interessa).*

De quem é a casa que estamos edificando?

Enfim, talvez uma simples ilustração ajude a sublinhar a importância do exposto neste capítulo. Suponha você que contratou um carpinteiro para construir um quarto de estudo extra em sua casa. Você desenhou um esquema para especificar como queria que o quarto fosse construído, e explicou tudo cuidadosamente ao carpinteiro. Uma semana depois, ao regressar de suas férias, você se horroriza ao ver que seu novo quarto de estudo não se parece em nada com o modelo que você rascunhou para o carpinteiro. Ao perguntar-lhe por que não se ateve ao plano de você lhe deu ele responde dizendo: "Pensei que minhas idéias fossem melhores que as suas."

Não façamos o mesmo com a casa *do Senhor* ?

Lamentavelmente, muitíssimos cristãos não tiveram escrúpulos e mudaram o arranjo dos móveis espirituais da casa de Deus, a despeito da vontade do Proprietário. Desta maneira, David prossegue pondo o arca santa numa carroça filistéia, enquanto a mão humana de Uzias prossegue tratando de sujeitá-la. Oxalá não sejamos tão imprudentes.

Que o Senhor nos ajude a observar a "devida ordem" (1 Crônicas 15:13).

CAPÍTULO 11 - QUE FAREMOS?

É um perigo bem comum no andar cristão o hábito de equiparar um entendimento mental da verdade com sua realização prática na vida diária. Se você serviu ao Senhor durante algum tempo, sem dúvida alguma conhece o sutil perigo de deixar que uma verdade permaneça estéril em seu intelecto, entendida mentalmente mas não aplicada espiritualmente. Nosso problema é que somos bem rápidos em perceber coisas em nossa mente, enquanto nossa experiência fica defasada muito atrás. A este respeito, Russell Lipton escreve o seguinte:

Devemos nos guardar quanto a isso (que é válido mesmo entre os leitores que concordam com isso). Não basta dar um mero consentimento mental no que toca à igreja, considerando isso apenas como uma 'questão'. Vivemos numa época de questões. Paulo se referiu aos seguidores de questões como aqueles que têm comichão de ouvir. E não os tratou com suavidade. Esta igreja, esta Noiva pela qual o Ungido —enquanto noivo celestial— levou a cruz, não é uma mera 'questão'. Ao redor de sua consumação giram assuntos de vida, de morte, de galardão, de vergonha, de céu, de inferno (Does the Church Matter? *— Importa a igreja?).*

Certamente, ter uma correta percepção das coisas divinas não garante que as tenhamos nas mãos. Tendo em perspectiva este pensamento, mudemos nosso enfoque à desafiante areia da aplicação e implementação práticas das mesmas. Depois dessa avaliação sobre o entendimento bíblico da igreja, não seria menos trágico impedir resplandecer a nova luz que descobrimos. Portanto, vou formular uma concisa questão: Que faremos?

Nas páginas anteriores analisamos extensamente a necessidade de uma renovação radical na igreja. Mas a questão que temos diante de nós agora tem que ver com os *meios* bíblicos de renovação. Ao enfocar este problema, alguns advogam a idéia de renovar a igreja institucional de dentro para fora. Mas aqueles que tentam reorganizar de forma completa a igreja estabelecida, encontram séria resistência, frustração e até mesmo perseguição.

Para ser inteiramente sincero, a não ser que se desmantele o sistema clerical e sectário extrabíblico numa igreja em particular, todos os esforços que se façam para atingir o supremo desejo de Deus serão energicamente desafiados. Quem tentar efetuar uma renovação bíblica numa típica igreja institucional, comumente encontrará os seguintes resultados desalentadores: o pastor se sente ameaçado; os congregantes resistem a interrupção do *statu quo* ; a junta diretiva é tomada pelo pânico temendo uma divisão; e o povo interpreta erroneamente o que ocorre. Antes de analisar a resposta do Senhor ao problema da igreja contemporânea, olhemos rapidamente alguns movimentos modernos que tentaram renová-la.

As compras num 'supermercado'

A tendência de fundar 'megaigrejas' do tipo supermercado é apenas um exemplo da frustrada tentativa de renovar plenamente a igreja. Hoje, estas igrejas de tipo 'supermercado', impelidas pelos acontecimentos, criaram 'boutiques' especializadas para cada vertente sociológica estadunidense, —desde mães solteiras, 'aplicadores dos doze passos', reuniões de casais, casais premaritais, progenitores de adolescentes, representantes da Geração X, até mães trabalhadoras, homens de negócios, artistas e bailarinas. Anunciando a si mesmas como dotadas de talentos extraordinários e impelidas por uma formidável mentalidade de 'crescimento industrial', as megaigrejas a cada domingo atraem milhares de pessoas em seus enormes anfiteatros.

Usando as últimas estratégias de crescimento eclesial, métodos organizacionais e técnicas de mercado, as igrejas desta espécie são consideravelmente exitosas no engrossamento e suas fileiras. Proporcionam programas de espetacular adoração nos meios de comunicação, serviços religiosos ao estilo de reuniões espirituosas, efeitos visuais de alta tecnologia, discursos evangélicos ajustadamente sinóticos entremeados com fortes doses de satisfação jocosa, apresentações dramáticas com coreografia teatral, frequentes visitas de anunciadas celebridades cujo roupagem sempre é ajustada por cores coordenadas, e inumeráveis grupos de interesse diversos, destinados a satisfazer todas as necessidades do consumidor. E para arrematar, as megaigrejas oferecem ao público recursos religiosos de mercado de massa, com a exigência de um compromisso mínimo, baixa visibilidade e pouco custo. Dito de forma simples, o movimento das modernas megaigrejas é edificado sobre o paradigma comercial corporativo, que usa o enfoque mercantil para edificar o reino de Deus.

Desafortunadamente, aqueles crentes que são atraídos a estes 'Wal-Marts' do mundo religioso mundial, organizados, vastos e atraentes, dificilmente encontrarão um lugar em seu coração para uma simples e não extravagante reunião, centrada ao redor da pessoa do Ungido apenas. Para eles, escolher entre uma pródiga igreja supermercado e uma 'igreja caseira' , é como escolher entre o flamejante supermercado e a barraquinha de víveres da esquina.

A debilidade endêmica das igrejas de tipo supermercado é que põem tanta ênfase na dimensão de 'igreja espalhada' do Corpo do Ungido, que consequentemente a dimensão de 'igreja congregada' sofre uma grande perda. Ao enfocar toda ênfase em ser 'sensíveis' às zonas de confortaçao de inconversos 'procuradores', muitas megaigrejas deixaram de discipular adequadamente seus novos conversos, para levá-los a uma radical entrega a Jesus Cristo e promover relações comunais bem estreitas com outros discípulos. Além disso, a maquinaria comercial

que impele estas gigantescas instituições, obscurece a natureza espiritualmente autêntica e orgânica da assembléia local.

Enquanto as igrejas de tipo supermercado funcionam sob a bandeira da ‘pertinência cultural’, implicam uma semelhança demasiado conspícua com as estruturas comerciais superficiais desta era, para ter algum impacto profundo ou duradouro na cultura. Dito claramente, as técnicas modernas utilizadas para comunicar o evangelho, com freqüência são exatamente tão carnais quanto o sistema do qual supostamente pretendem libertar as pessoas. Desta maneira, o evangelho torna-se trivial, comercializado e frica esvaziado de seu poder, considerado tão apenas como mais um ‘produto’ em nossa cultura obsedada e consumista.

Em suma, as igrejas de tipo supermercado da moderna cultura cristã popular, implicam pouca similitude com as simples igrejas do primeiro século, dependentes do Espírito Santo, cristocêntricas, espiritualmente dinâmicas e de ministério mútuo, que reviraram o mundo naquele tempo (Atos 17:6).

Atraídos pela onda

Além das igrejas de tipo ‘supermercado’, o recente "movimento da terceira onda" e seu primo, o "movimento da restauração", foram duas personagens altamente influentes no jogo da renovação. Estes movimentos corolários, povoados em sua maior parte por carismáticos e pentecostais, enfatizam a restauração do poder apostólico, dos milagres apostólicos e do ministério apostólico. Para maior brevidade, chamarei *terceira-onda-de-restauração* a estes movimentos relacionados.

Não pretendo aqui desestimar a premente e atual necessidade do genuíno mover do Espírito Santo na igreja. Mas a verdade é que a maior parte das igrejas da terceira-onda-de-restauração puseram a carroça diante do cavalo. Isto é, elas tentam possuir o poder do Espírito Santo *antes* de passar sob a faca da cruz que separa a carne do espírito.

Biblicamente falando, a cruz é o exclusivo fundamento do poder do Espírito Santo. Assim como o Calvário precedeu a Pentecostes, o batismo de nosso Senhor no Jordão precedeu a descida da pomba celestial, o altar do sacrifício precedeu o fogo celestial e a rocha golpeada precedeu o fluir das águas em Horeb, da mesma maneira o poder do Espírito Santo acha seu lugar de repouso sobre o altar de uma vida crucificada. Recordemos o mandamento do Senhor a Israel de não derramar o azeite sagrado sobre nenhuma carne (Exodo 30:32). Este mandamento é uma figura idônea que ilustra como a cruz deve suprimir a velha criação, a fim de que o Espírito vingue e opere. Ou seja, o Espírito Santo não pode tomar por conduto a carne não crucificada.

São numerosos os perigos de começar com o Espírito Santo em vez de começar com a cruz. Entre outras coisas, isso pode facilmente levar uma pessoa a uma danosa busca de poder sem caráter, a uma mística experiência sem santidade, a uma desenfreada excitação psico-sensorial sem um são discernimento, e a falsificações demoníacas sem nenhuma realidade espiritual. A este respeito, não poucos cristãos que hoje em dia procuram desesperadamente uma renovação individual, fazem rotineiramente suas malas e afluem às mais variadas ‘Mecas Cristãs’ de avivamentos, promovidos por igrejas da terceira-onda-de-restauração

Devido a seu desesperado desejo de serem tocados por Deus, muitos deles acabam sendo levados por cada novo vento de doutrina ou experiência que sopra através das portas da igreja, sem levar em conta se o mesmo tem ou não algum mérito bíblico (Efésios 4:14). Com respeito a isto, muitos na terceira onda desenvolveram uma doentia dependência de experiências fenomenológicas —uma dependência que, como a de um viciado, leva-os a viajar por todas partes para obter sua próxima dose espiritual. Semelhante dependência não apenas obscurece a função das Escrituras como também a fonte principal do sustento espiritual individual, do discernimento espiritual e da comunhão pessoal com o Ungido vivente, mas que ao mesmo tempo fomenta uma danosa (e as vezes patológica) instabilidade espiritual.

Não pretendo aqui sugerir que o movimento da terceira-onda-de-restauração seja sem valor para o Corpo do Ungido. Pelo contrário , este movimento fez várias e marcantes contribuições bíblicas úteis. As de maior significado são aquelas que fomentaram uma genuína fome pela presença de Deus, uma receptividade ao mesmo, uma sã combinação de teologia evangélica e carismática, e uma vasta coleção de música de adoração e de louvor maravilhosamente ungido. No entanto, seu defeito básico está em super-enfatizar a experiência mística, sua tendência em colocar no trono os *dons* de poder bem mais do que a Jesus Cristo *o Doador* , e seu zeloso respaldo ao moderno sistema clerical.

Com toda franqueza, o pastor é *rei* na igreja típica do movimento da terceira-onda-de-restauração. Conseqüentemente, os congregantes que foram verdadeiramente renovados com o vinho novo do Espírito, encontram muito pouca liberdade para funcionar plenamente em seus dons durante um típico serviço eclesial. Ainda que as igrejas de terceira-onda-de-restauração possam jactar-se de possuir o ‘vinho novo’, têm-no confinado a um odre velho contaminado —um odre velho que inibe o ministério mútuo, a relação mútua, a liberdade e a vitalidade. O odre velho usado, meramente reforça a mentalidade do ‘sente-se e empanturre-se’ que hoje em dia constitui uma chaga no Corpo do Ungido.

O ‘guruismo cristão’ é também epidêmico nas igrejas de terceira-onda-de-restauração. Neste movimento abundam mestres, profetas e apóstolos ‘muito poderosos’ e altamente dotados, que são reverenciados como ícones

espirituais, que se jactam em sua posição conspícua no meio de seus seguidores no clube de fanáticos. Uma típica cruzada de renovação não é diferente de um concerto de 'rock', onde a bem anunciada celebridade efetua uma atuação espetacular e recebe os aplausos frente ao público cristão. Por exemplo é bastante comum que os membros da igreja cheguem várias horas antes da função, a fim de garantir seus assentos na primeira fila para escutar o mestre itinerante em voga e que acaba de chegar à cidade.

Na realidade, o movimento da terceira-onda-de-restauração enfatiza tanto o quíntuplo ministério, que chega a rivalizar e obscurecer o sacerdócio de todos os crentes. Superestima o ministério *extralocal* às expensas da igreja *local* . Quando foi a esta última que Deus estabeleceu para que fosse o ambiente normal para a nutrição e preparação espiritual individual. Não é de estranhar que aqueles que desejam receber a plenitude de Deus, mas que não conhecem a vida eclesial neotestamentária, vêem-se compelidos a provar qualquer coisa que lhes promete uma maior onda de suco de renovação.

Lamentavelmente, muitos do movimento de restauração- terceira-onda se lançaram precipitadamente para a ambigüidade teológica e a inconsequencia bíblica. Isto é, abraçaram de todo coração um fenômeno peculiar que tem pouca ou nenhuma garantia bíblica, enquanto desprezam o modelo de vida eclesial que tem abundante mérito bíblico. Ironicamente, a experiência que multidões neste movimento estão tentando atingir, só pode ser encontrada na igreja neotestamentária. Quando alguém experimenta a 'vida coletiva' tal qual Deus a ordenou, fica curado do irrefreável impulso de viajar de um lado a outro para encontrar o último 'lugar quente' de avivamento. Pelo contrário, descobrirá um verdadeiro e duradouro refrigério e estabilidade no meio da igreja de sua localidade.

Para estender a metáfora, muitos do movimento da terceira-onda-de-restauração ao tentar montar a última onda espiritual, ficam aprisionados na ressaca de uma estrutura eclesiástica dominada pelo clero. Além disso, alguns que foram mordidos pelos tubarões da falsa experiência espiritual , agora estão afogando-se nas sombrias águas do misticismo cristão e do clericalismo carismático. Lamentavelmente, não se pode ministrar com sucesso a RCP (ressuscitação cardio-pulmonar) dentro da matriz institucional do movimento de terceira-onda-de-restauração. A única esperança de recuperação está em sacar a tampa institucional para dissipar a crescente água.

Aprisionados numa célula

Outra tentativa de renovação em anos recentes, mais promissora do que nos dois anteriores, foi a aparição do modelo da 'igreja em células'. As igrejas em células estão baseadas num enfoque de duas formas de fazer igreja. Provê-se uma reunião semanal do 'grupo de célula' (efetuada num lar) e uma reunião de 'celebração' dominical (efetuada num edifício). As pequenas reuniões de células se destinam à confraternização, ministério, oração e evangelismo, enquanto que as grandes reuniões do grupo se destinam à pregação e adoração. Enquanto há muito de louvável no movimento da igreja de células —especialmente sua ênfase na relação estreita, na reciprocidade e no ministério coletivo— sua maior debilidade está em seu modelo de liderança.

Embora a igreja em células tentasse renovar a igreja institucional provendo um contexto para a relação coletiva e para o funcionamento mútuo, deixou intacto o sistema clerical não bíblico! Nas igrejas em células é endêmica uma estrutura de liderança hierárquica que tem demasiado pessoal dirigente, e que trabalha contra a comunidade. Assim, "o cabresto mais longo" é uma metáfora adequada para descrever o modelo da igreja em células. Isto é, a congregação proporciona uma medida de vida eclesial quando se reúne semanalmente no lar de alguém. No entanto, mediante uma altamente organizada hierarquia, o pastor controla as reuniões e as conduz de acordo a seus próprios desejos. (Por exemplo, não é raro que o "tempo de ministério" numa reunião de célula seja restrito à análise do último sermão do pastor!)

Por outro lado, na típica igreja em células, o culto dominical de basílica é considerado como a reunião proeminente, enquanto que as pequenas reuniões celulares são consideradas como meras instâncias secundárias. Apesar do fato de que na literatura das igrejas em células a célula seja chamada de "unidade básica" da igreja, não é bem assim que ela é modelada. Pelo contrário, as células servem principalmente como pontos de captação para fazer crescer em número a igreja basílica maior, à qual pertencem as células. Ademais, tipicamente cada 'grupo celular' demonstra pouco interesse em confraternizar com outros cristãos que assistem a uma igreja diferente no domingo pela manhã, mesmo que esses crentes desejem fazer parte ativa das reuniões celulares no meio da semana.

É inegável que o modelo da igreja em células revele-se impressionante no papel (os manuais das igrejas em células estão repletos de elaborados organogramas e atrativos gráficas organizacionais). Contudo, carece de uma verdadeira experiência de vida. Merece nosso aplauso, porque denuncia as igrejas 'baseadas em programas', que se encontram presas em estruturas burocráticas. Mas justifica nossa desaprovação por sua praserosa adesão a uma estrutura de liderança hierárquica rígida e de muitos disfarces. Essa estrutura não apenas mina o princípio bíblico, como também faz de cada célula uma extensão da visão e do dosígnio do *pastor* , sepultando assim o sacerdocio dos crentes sob a crosta de uma hierarquia humana.

Portanto, o modelo de igreja em células viola o próprio princípio que alega sustentar, isto é, de que a igreja é um organismo integrado por "células espirituais" individuais. Em rígido contraste, cada "grupo celular" é nada mais que um facsímile de uma mesma parte do Corpo (o pastor único), longe da verdadeira unidade diversificada que caracteriza o Corpo do Ungido. Dito de forma simples, a mera adição de reuniões nos lares (células) à estrutura

eclesiástica dominada pelo clero, de nada serve para prover uma expressão concreta do pleno ministério de todos os crentes e da liderança (como Cabeça) do Ungido.

Como adotar a atitude correta

O que disse até aqui, não tem por objetivo julgar a ninguém no amado povo de Deus. Pelo contrário, pretende marcar um contraste entre as estruturas que Deus sancionou em sua Palavra e as que não sancionou. É um fato que Deus usou e está usando a igreja institucional. Devido a sua misericórdia, o Senhor fará sua obra por meio de qualquer estrutura, enquanto puder achar corações que lhe sejam verdadeiramente receptivos. Portanto, não cabe dúvida de que Deus está usando as igrejas em células, as megaigrejas e as da terceira-onda-de-restauração por igual —ainda mais do que algumas das chamadas 'igrejas caseiras' que se isolaram e se tornaram exclusivas.

Mas este não é o tema que temos em mão. O Senhor nos cobra responsabilidade por seguir sua Palavra até onde a ouvimos. Comparar-nos com outros é um fundamento pantanoso para tentar sua aprovação (2 Coríntios 10:12). Por isso, tudo o que seja menos do que aquilo que Deus revelou na Bíblia no que diz respeito à prática eclesial, não atingirá seu pleno propósito para seu povo. Não digo isto com ânimo de criticar, mas judiciosamente. As palavras de T. Austin-Sparks captam o tom de meu espírito:

*Enquanto seitas e denominações, missões e instituições constituirem um desvio no modo de fazer e propósito originais do Espírito Santo, indubitavelmente Deus abençoará e usará as mesmas de uma forma muito real e realizará soberanamente uma grande obra por meio de homens e mulheres fiéis. Damos graças a Deus por agir assim, e pedimos que todos os meios possíveis de serem usados possam ter sobre si a Sua bênção. Não digo isso imbuído de algum espírito de condescendência ou de superioridade. Deus me livre! Toda reserva se deve tão somente ao fato de que cremos que houve muita dilação, limitação e debilidade, devido ao desvio da primeira e plena posição dos primeiros anos da vida da igreja, e a um ônus espiritual a ser pago para seu retorno. Não podemos aceitar a presente 'desordem' como tudo aquilo queo Senhor teria ou poderia ter (Explicação da natureza e história de '*This Ministry*' [Este ministério], feita por T. Austin-Sparks.)*

O sintoma mascarado como causa

Para que ocorra uma genuína renovação da igreja, devemos distinguir entre o *sintoma* e a *raiz* do problema. Neste sentido Elton Trueblood disse corretamente que "o problema básico (da igreja institucional) é que a cura proposta tem uma similitude muito conspícua com a doença" (*The Company of the Committed* (A companhia dos comprometidos). As conferências para um clero 'queimado' pelo esgotamento, as reuniões de unidade interdenominacional, os grupos de apoio para pastores que sofrem 'mordidas de ovelhas', e os ateliês que apresentam as últimas estratégias de crescimento eclesial, são exemplos vívidos da penetrante observação de Trueblood.

Todas estas supostas 'curas' apenas consentem o sistema, que é o responsável pelos males da igreja. As mesmas simplesmente tratam os sintomas, enquanto ignoram o verdadeiro culpado, e portanto, o mesmo drama prossegue sendo representado em diferentes palcos. É o sistema clerical/sectário que inibe o redescobrimento da comunidade que vive em contato direto uns com outros, que suplanta a liderança funcional (como Cabeça) do Ungido e sufoca o pleno ministério de todos os crentes. Deste modo, todas as tentativas de renovação serão míopes, até que a estrutura clerical e o sistema denominacional sejam desmantelados pela assembléia local. Na melhor das hipóteses, tais tentativas trarão apenas mudanças limitadas. E no pior caso, as mesmas atrairão uma franca hostilidade.

Para dizê-lo lisa e claramente, tentar conseguir um verdadeiro restabelecimento do testemunho pleno de Jesus a partir do interior de uma igreja institucional é normalmente uma tarefa inútil. Uma tentativa tal pode ser assemelhada a desmantelar uma torre desde o solo. Se os que estão desmontando a torre começam a expor a estrutura, a torre virá abaixo sobre eles. A única maneira de desmantelar uma torre é proceder de cima para baixo. E isto requer que o processo de desmantelamento comece desde o topo. Do mesmo modo , as assembléias locais nunca atingirão o propósito de Deus se não abandonarem a estrutura clerical/denominacional. Os movimentos de renovação que meramente transplantam princípios bíblicos em terra institucional, nunca chegarão a ser bem sucedidos em realizar o pleno propósito de Deus. Vejamos como Arthur Wallis expressa isto:

Uma igreja não estará plenamente renovada se deixar intactas suas estruturas. Ter dentro de uma igreja tradicional um grupo avivado, composto por crentes que receberam o Espírito Santo e estão começando a mover-se nos dons espirituais; introduzir um espírito mais livre e vivo na adoração, com cânticos de renovação; permitir bater palmas, levantar as mãos e até dançar; dividir a reunião no meio da semana em grupos nos lares com o propósito de discipular; substituir o 'liderança de um homem' com uma equipe de anciões —todas estas medidas, por melhores que sejam, apenas provarão que na realidade não passam de uma operação de remendo. Indubitavelmente, haverá indivíduos abençoados. Haverá um avivamiento inicial da igreja. Mas se tudo termina ali, os resultados a longo prazo serão prejudicados. Haverá uma surda luta permanente entre as novas medidas e as velhas estruturas, e você pode estar seguro de que ao longo prazo as velhas estruturas vencerão... o novo remendo nunca chegará a combinar com o velho vestido. Sempre luzirá incongruente (The Radical Christian *[O cristão radical]).*

Em suma, a igreja não será renovada nunca até que reconheça que a estrutura dentro da qual opera é inadequada e contraproducente. Apesar da boa intenção das pessoas que a integram, o próprio desenho interior da igreja institucional determina nossa derrota. Portanto, uma verdadeira renovação deve ser radical (isto é, deve ir até a raiz). Restabelecer o testemunho do Senhor requer que eliminemos todos nossos remendos e 'curas' eclesiásticas.

Apelo para abandonar o cristianismo dominado pelo clero

Nesse aspecto, damos graças a Deus pelos milhares de cristãos que deixaram sua profissão clerical, largaram sua posição hierárquica de muita autoridade e abandonaram sua seita para vir a ser simples irmãos na casa do Senhor. É entre os tais que o Senhor achou uma base livre, sem estorvos, para seu próprio edifício.

Como era de se esperar, os que deixaram seu posto clerical assalariado, pagaram um tremendo preço. Tal consideração toca uma sensível corda no coração do típico profissional religioso pago. Por esta razão, muitos deles terão de resistir semelhante noção e reagir de uma maneira semelhante à dos escultores de Éfeso, que resistiram a mensagem de Paulo porque "punha em perigo seu negócio" (Atos 19:24-27). Portanto, a menos que os crentes que tenham posições clericais estejam dispostos a examinar sinceramente e obedecer o ensino neotestamentária concernente a este tema, qualquer análise do assunto continuará sendo para eles um tema que pode facilmente evaporar-se.

É muito importante sublinhar aqui que os líderes eclesiásticos não precisam necessariamente ser déspotas para por obstáculos no ministério mútuo dos crentes. Sem dúvida alguma, aqueles que constituem o clero são tipicamente cristãos bem intencionados e talentosos, que crêem sinceramente que Deus os tem "chamado" à sua profissão. Alguns são ditadores benévolos altamente estilizados e muito regulamentados. Outros são tiranos espirituais que andam procurando em forma maquiavélica de atingir poder, que aprisionam e congelam a vida de suas assembléias.

A questão é que na realidade o clero não precisa usar formas malignas de pedagogia nem de autoridade para prejudicar a vida corporativa. A mera presença do modelo hierárquico de liderança de 'um acima e outro abaixo' por si só suprime o ministério mútuo, não importa quão pouco autoritário seja o temperamento do clérigo. A mera presença do clero tem o efeito amortecedor de condicionar a congregação a ser um conjunto de membros passivos e perpetuamente dependentes de sua liderança. Christian Smith expressa isto com uma interessante lucidez:

O problema é que, independente do que nossas teologias dizem a respeito do propósito do clero, o efeito real que exerce a profissão clerical é baldar o Corpo do Ungido. Isto ocorre não porque o clero tenha a intenção de fazê-lo (normalmente eles objetivam o contrário), mas porque a natureza objetiva desta profissão inevitavelmente converte o leigo em recipiente passivo. A função do clero é essencialmente a centralização e profissionalização dos dons de todo o Corpo numa pessoa. Desta maneira o clero representa a capitulação do cristianismo a tendência da sociedade moderna para a especialização; os clérigos são especialistas espirituais, especialistas eclesiais. Todos os demais na igreja são meramente crentes 'comuns e correntes' que têm trabalhos 'seculares' em que se especializam em atividades 'não espirituais', como indústria, ensino ou comércio. De maneira que, na realidade, aquilo que deveria ser efetuado por todos os membros da igreja juntos e de uma maneira comum, descentralizada, não profissional, realiza-o um profissional único, de tempo integral —o Pastor. Sendo assim, o pastor é pago para ser o especialista da administração e operações eclesiais, diante disso é totalmente lógico e natural que o leigo comece a assumir (isto é, assuma) um papel passivo na igreja. Em vez de contribuir com sua parte para edificar a igreja, vão à igreja como recipientes passivos para ser edificados. Em vez de empregar ativamente o tempo e suas energias exercendo seus dons para bem do Corpo, sentam-se e deixam que o pastor dirija a função ("Church Without Clergy" *[Igreja sem clero]* , Voices in the Wilderness, *Nov/Dic '88).*

Muito provavelmente o crente típico não percebe que esta noção de liderança foi plasmada por séculos de história eclesiástica e burocrática (equivalente a cerca de 1700 anos!). O conceito de clero se acha tão introduzido no pensamento da maior parte dos cristãos modernos, que qualquer tentativa de desviar-se do mesmo encontrará uma feroz oposição. Por esta razão, a maioria dos crentes modernos resiste à idéia de desmantelar o clero, justamente tanto como os membros do próprio clero. As palavras de Jeremias têm aqui uma aplicação pertinente: "...os profetas profetizaram mentiras, e os sacerdotes dirigiam pelas suas próprias mãos; e *meu povo assim quis* " (Jeremias 5:31). Por conseguinte, tanto o 'clero' como o 'leigo' são igualmente responsáveis pelas doenças da igreja de nossos dias.

Não menosprezar as coisas pequenas

Recorde-se que na história da escravidão de Israel, Deus chama seu povo para sair da Babilonia e retornar a Jerusalém para reedificar a casa do Senho sobre seus alicerces originais. Note-se que apesar de Israel ainda estar cativo em terra estranha, o povo se congregava para adorar a Deus nas variadas sinagogas espalhadas pelo império. No entanto, o supremo apelo de Deus a Israel foi que deixasse os cômodos lares que tinha edificado na Babilonia e regressasse a Jerusalém para reedificar o verdadeiro templo do Senhor. Desafortunadamente, apenas uns poucos israelitas se dispuseram a pagar o preço de deixar os convenientes estilos de adoração aos quais se tinham acostumado. Em conseqüência, apenas um pequeno remanescente voltou à terra de Israel (Esdras 9:7, 8; Ageu 1:14).

Não é difícil ver que o apelo de Deus a Israel para que voltasse à terra e reedificasse Sua casa, prefigura o presente clamor do Espírito Santo a sua igreja no dia de hoje. Portanto, o ônus do profeta Ageu tem um tremendo significado para nós neste momento. Leiamos suas palavras:

Acham que devem habitar vossas casas decoradas enquanto esta casa está deserta? Pois assim disse Jeová dos exércitos: Meditai bem sobre vossos caminhos. Semeais muito, e recolheis pouco; comeis, e não vos saciais; bebeis, e não ficais satisfeitos; vestis-vos, e não vos aqueceis; e o que trabalha por salário, recebe seu salário em saco rompido. Assim disse Jeová dos exércitos: Meditai sobre vossos caminhos. Subi ao monte, trazei madeira, reedificai a casa; e porei nela minha vontade, e serei glorificado, disse Jeová. (Ageu 1:4-8)

Diante do fato de que apenas um pequeno e aparentemente insignificante remanescente voltou a Jerusalém para consertar os muros da cidade e para reedificar a casa de Deus, o profeta Zacarias pronunciou esta desafiante frase: *"...os que menosprezaram o dia da pequenez...* " E por que ? Porque apesar da aparente pequenez do esforço, Deus estava nele! Apesar do fato de que a maior parte de Israel considerar 'como nada' o templo reconstruído, em comparação com o destacado esplendor do templo anterior (Egeu 2:3), Deus estava nele! Apesar do fato de que os anciãos de Israel choraram de desespero quando viram o pequeno remanescente lançar alicerces nada impressionantes, Deus estava nele (Esdras 3:12)!

Desde o exército dos 300 de Gideão até os 7.000 de Elias em Israel, "cujas joelhos não se dobraram ante Baal" —desde os sacerdotes levíticos, que entraram primeiramente na terra prometida, até os recônditos Simeões e Anas dos dias de nosso Senhor, que "esperavam a consolação de Israel", a mais preciosa obra de Deus foi realizada atraves dos pequenos, dos débeis e dos desapercebidos (1 Coríntios 1:26-29; 1 Reis 19:11-13).

Aos olhos do mundo o grau de sucesso sempre está vinculado a pontos de vista naturais, tais como números, extensão, tamanho, peso e coisas semelhantes. E as maiores obras de Deus são tidas como pequenas aos olhos do homem. Nesse aspecto George Moreshead pergunta com perspicácia:

Há nestes dias uma corrente que flui profunda e reconditamente entre os membros do Corpo, um povo espalhado, que está sendo introduzido nas profundidades da revelação e da experiência do Ungido, nas mais extremas disposições dos tratos do Espírito Santo, que está sendo esvaziado, crucificado... um grupo pioneiro que o Senhor precisará para abrir caminho para que o remanescente do Corpo prossiga em frente —seriam estes alguns dos 'obreiros da décima primeira hora' os que agora estão em Seu processo de produção? (Trecho de uma carta pessoal ao autor).

Neste mesmo sentido T. Austin-Sparks escreve:

O que hoje se chama 'Cristianismo' —e o que veio a chamar-se 'igreja'— é um amontoado de tradições, é uma instituição e um sistema absolutamente assentado, arraigado e estabelecido como o judaísmo sempre foi, e será bem difícil mudá-lo fundamentalmente, como foi e é o caso do judaísmo. Podem-se fazer ajustes superficiais —e tais ajustes estão sendo feitos— mas a mudança necessária para resolver é realmente o grande problema, implica num considerável preço. Pode muito bem ser, como foi nos dias do Senhor, que não se dê a luz essencial a muitos, porque Deus sabe que eles não pagariam nunca o preço. Pode ser tão somente um 'remanescente' —como na antigüidade— aqueles que responderão ao chamado de Deus, porque eles terão de satisfazer as demandas de todos os custos. (Citado de um manuscrito inédito escrito por George Moreshead).

Então, que fique bem claro que o apelo de Deus para restabelecer a essência da vida eclesial neotestamentária é um apelo que poderá ser atendido apenas por aqueles que iniciaram um fundamento inteiramente novo, aparte dos sistemas e dos costumes religiosos que os homens decaídos construíram. E esse fundamento é o Ungido.

Mas isto não responde nossa questão inicial de que *faremos* . Apenas remove o cipoal para que possamos ver mais claramente a perspectiva do propósito de Deus. Enquanto as Escrituras não nos oferece nenhum passo, já preparado, para a edificação da igreja neotestamentária, eu creio que há vários princípios gerais essenciais para qualquer obra espiritual que procurre restabelecer o mais pleno propósito de Deus para seu Corpo. Estes são:

(1) Uma revelação nova

Provérbios 29:18 diz: "Sem profecia (revelação) o povo se desenfreia." Antes de poder tentar sequer congregar-nos conforme ao propósito de Deus, é imprescindível que primeiro recebamos uma nova visão da igreja tal como Deus a vê. Essa visão deve provir de uma nova forma de ver a Pessoa de Jesus Cristo, porque a igreja não é outra coisa senão o Ungido numa expressão coletiva. É indispensável que tenhamos uma 'visão celestial' semelhante, como Paulo a chamou (Atos 26:19), para edificar a casa do Senhor. O Novo Testamento ensina claramente que a igreja é edificada sobre a revelação do próprio Jesus (Mateus 16:15-18).

A revelação de Jesus Cristo é o eixo ou centro de tudo no andar espiritual, e todo o Novo Testamento está edificado sobre esta revelação. É por meio da revelação do Senhor Jesus que nascemos do alto (Mateus 16:17), que somos transformados em sua imagem (2 Coríntios 3:18), habilitados para fazer a obra cristã (Gálatas 1:16) e gloriosamente transformados em nosso corpo (Filipenses 3:20, 21; 1 João 3:2). Nossa vida cristã inteira —desde seu começo até sua consumação— descansa sobre a contínua e plena visão do Ungido ressuscitado, comunicada a nosso coração (espírito) pelo Espírito Santo.

Em conseqüência, apenas quando nosso coração é cativado por uma revelação de Jesus em seu esplendor, e centrado nela, é que podemos receber uma visão da obra que Ele nos chamou a fazer. Como foi o caso de Moisés, pode-se construir o tabernáculo apenas depois de ver o modelo vindo de cima —e esse modelo é o Ungido. Em suma, precisamos ter uma visão *do* Senhor antes de receber uma visão *para* o Senhor. Russell Lipton faz a seguinte observação nesse aspecto:

*O apóstolo Paulo orou para que os crentes de Éfeso recebessem uma revelação no conhecimento de Jesus Cristo e abrissem os olhos de seu entendimento. Esta é a nossa grande necessidade... Por que a igreja que o Ungido almeja foi tão mal compreendida, tão pervertida, tão combatida? Isso se deve inteiramente a nossa cegueira, a cegueira de seu povo. Sem revelação como podemos atuar? Com revelação, saberemos que fazer. (*Does the Church Matter? *—Importa a igreja?)*

Oh, quão desesperadamente precisamos uma nova, duradoura, incomparável revelação do Ungido e de sua igreja, inspirada pelo Espírito Santo! Uma visão semelhante, outorgada desde o trono celestial, é o próprio trampolim necessário para que Deus levante um testemunho que reflita seu pleno propósito para seu povo amado. Esta é a necessária precondição para que haja uma verdadeira renovação no Corpo de Cristo.

(2) Uma mudança de paradigma

Usando a linguagem do filósofo e cientista Thomas Kuhn, precisamos primeiro de uma "mudança de paradigma" no que toca à igreja, para que possamos edificá-la apropriadamente. Isto é, precisamos de uma nova cosmovisão com respeito ao significado do Ungido e de seu Corpo —um novo modelo para entender a *ekklesia* — uma nova estrutura mental a respeito da igreja. Ou seja, o 'novo paradigma' a que me refiro, não é novo em absoluto. É o paradigma que o Novo Testamento nos proporciona.

Nesse aspecto, nossos dias não são muito diferentes dos de Neemias . Em seus dias, Israel tinha 'redescoberto' a lei de Deus depois de estar sem ela por muitos anos. Isso requereu que fosse 'reexplicada' e 'reinterpretada' para eles. Neemias 8:8 diz: "E liam o livro da lei de Deus claramente, e *punham o sentido* , de maneira que *entendessem a leitura* ." Da mesma forma, os cristãos do século vinte devem reler a linguagem das Escrituras com respeito à igreja. Perdeu-se grandemente o significado original de incontáveis termos como 'igreja', 'ministro', 'pastor', 'casa de Deus', 'ministério' e 'comunhão', corroendo assim o panorama da assembléia neotestamentária.

Além disso, investiram estas palavras de atribuições institucionais —atribuições que eram estranhas aos que originalmente as escreveram na Bíblia. Portanto, em nossos dias é uma premente necessidade na igreja redescobrir a linguagem bíblica. Joseph Higginbotham e Paul Patton expressam isto ardentemente:

*Encaremos isto: nossa linguagem reflete nossa prática. É difícil fazer as pessoas ocuparem a posição de sacerdócio universal, quando reservamos a palavra 'ministro' para pessoas que têm títulos de seminário e certificados de ordenação em papel pergaminho... A ginástica lingüística trocou o Cristo que é Cabeça de um Corpo inteiro e unificado, por um deus tribal de uma denominação ou de uma igreja local. Isto tem a ver com o sentido que damos à palavra 'igreja'. Raramente a usamos no sentido que o Ungido a usava. Falamos em 'construir uma igreja', quando deveríamos dizer que estamos erigindo um novo edifício para que o povo do Ungido possa reunir-se. Falamos de 'começar uma igreja', quando deveríamos dizer que, numa localidade dada, o Ungido edificará uma igreja (*The Battle for the Body *[A batalha pelo Corpo], em Searching* Together, *Vol. 13:2).*

Devido a que a maior parte dos cristãos de Norteamérica aprendeu a ler seu Novo Testamento através do moderno lente do institucionalismo do século vinte, há uma urgente necessidade de que reconsideremos todo nosso conceito da igreja e aprendamos a vê-la de novo através do lente dos escritores neotestamentários. Devido à influência de suposições profundamente encobertas, que poucas vezes foram escavadas e raramente examinadas à luz das Escrituras, o cristianismo moderno nos ensinou eficazmente que a palavra 'igreja' significa um edifício, uma denominação ou uma estrutura organizacional, e que um 'ministro' é uma classe especial de cristão.

Nossa contemporânea noção de eclesiologia está profundamente atrincherada no conceito humano, requer um esforço consciente de nossa parte ver à igreja como a viam todos os cristãos do primeiro século. Isto demanda uma rigorosa ruptura do espesso e enredado cipoal da tradição humana, até descobrirmos o solo virgem da realidade espiritual. Portanto, apenas o necessário esforço de reconsiderar a igreja em seu contexto espiritual nos capacitará distinguir entre a noção bíblica da igreja e as instituições de hoje que pretendem ser igrejas. Com respeito a isto assinalemos algumas das diferenças entre os paradigmas institucional e bíblico:

O paradigma institucional

a) é sustentado por um sistema clerical
b) e procura perpetuar o sistema do laicado
c) faz a maioria de seus congregantes meros espectadores passivos em seus bancos
d) associa a igreja com um edifício ou com uma denominação a que alguém adere
e) está fundamentada em unificar aqueles que compartilham um conjunto especial de costumes ou doutrinas

f) força aos cristãos ‘comuns e correntes’ fa ficarem do lado de fora do "lugar santísimo" juntando-os em bancos da igreja
g) põe sua prioridade em programas religiosos, e mantem seus congregantes a uma devida distância, isolando-os uns dos outros
h) gasta a maior parte de seus recursos em despesas de construção de edifícios e salários de pastor/junta

O paradigma bíblico

a) não reconhece nenhum sistema clerical
b) não reconhece uma classe separada chamando leigos
c) torna todos os membros sacerdotes funcionais
d) afirma que as pessoas não *vão* à igreja nem se *unem* à igreja, mas que eles *são* a igreja
e) está fundamentada numa irrestrita comunhão com *todos* os cristãos, que está baseada no Ungido
f) liberta todos os crentes para servir como ministros no contexto de uma forma de política eclesial descentralizada não clerical
g) põe sua prioridade nas relações pessoais de vida compartilhada, na responsabilidade mútua, sinceridade, liberdade, serviço mútuo e realidade espiritual –os próprios elementos que foram integrados na textura da assembléia neotestamentária
h) gasta a maior parte de seus recursos com "os pobres entre vocês" e com obreiros e missões apostólicas
i) opera sobre a base do pastor (pastor/sacerdote) enquanto cabeça funcional e do Ungido enquanto cabeça nominal
j) fomenta e protege programas que servem como impulsor da igreja organizada
k) prepara *programas* para incentivar a igreja
l) estimula aos crentes a participar institucionalmente
m) separa à igreja (eclesiologia) da salvação pessoal (soteriología), considerando o primeiro como uma mera dependência do último
n) opera sobre a base de que o Ungido é a Cabeça funcional, por conduto da direção invisível do Espírito Santo através da comunidade de crentes
o) demonstra repulsão pelo sistema clerical, porque o mesmo apaga o soberano exercício do Espírito Santo (mas abraça amorosamente todos os cristãos que estão nesse sistema)
p) unifica o *povo* para proporcionar o impulso da assembléia
q) convida aos crentes a participar relacionalmente
r) não forja nenhum vínculo entre a salvação pessoal e a igreja; considera as duas como inextricavelmente entrelaçadas (por isso as Escrituras dizem que quando a gente recebe a salvação, simultaneamente passa a formar parte da igreja e imediatamente se une a ela)

Para aclarar ainda mais este conceito, alguém em alguma parte disse que o paradigma bíblico representa "a recuperação para Deus das costumes correntes e a *‘dessacralização’* das coisas feitas sagradas (por mãos humanas)". Mas, devido ao paradigma tradicional estar entrincheirado na mente de tantos cristãos, a mera noção de "sair fora das linhas" deste modelo e construir uma nova matriz por meio da qual repensar a igreja, pode ser muito aterrorizador. O desafortunado resultado disto é que aqueles que não tiverem uma mudança de paradigma no que toca à igreja, ignorarão ou impugnarão as igrejas que deixem de encaixar-se no paradigma tradicional, ainda que o mesmo esteja em desacordo com o Novo Testamento.

Aos olhos daqueles que vêem o mundo através de lentes institucionais, a não ser que uma igreja se reúna no lugar ‘correto’ (um edifício), tenha a liderança ‘apropriada’ (um pastor ou sacerdote ordenados) e leve o nome ‘correto’ (um nome que indique uma ‘cobertura’), não se a reconhece como uma igreja autêntica. Pelo contrário, é taxada com termos como "para-igreja", os quais sugerem sutilmente que a mesma é algo inferior a uma autêntica igreja. De maneira que, na mente daqueles que ainda não se enfastiaram de correr no tráfego do "igrejismo" institucional, dirigido por programas, aquilo que é anormal, considera-se normal, enquanto o que é normal, considera-se como anormal. Este é o infeliz resultado de não fundamentar nossa fé e nossa prática na Palavra de Deus. Ao expressar este mesmo conceito, Jon Zens mostra uma riqueza de discernimento ao dizer:

Parece que normatizamos aquilo que não tem sanção Escritural (ênfase no ministério de um só homem), e omitimos aquilo que é amplamente apoiado pela Bíblia (ênfase no mútuo ministério)... exaltamos aquilo para o qual não há evidência, e descuidamos daquilo para o qual há abundante evidência (Building Up the Body: One Man or One Another? *[Edificando o Corpo: Ministério de um homem ou ministério mútuo?],* Searching Together *, Vol. 10:2).*

Do mesmo modo, Alexander Are lamenta o dilema da igreja contemporânea dizendo:

Tertuliano achou necessário dizer: ‘Costume sem verdade é erro envelhecido.’ Há pouco em nosso ordem e prática eclesial que tenha sanção bíblica. No entanto, devido ao fato desses costumes serem antigos, são aceitos

sem objeção como parte essencial da ordem divina (New Testament Order for Church and Missionary *[Ordem neotestamentária para a igreja e os missionários]).*

Devido ao fato de muitos cristãos modernos professarem uma impensada adesão a tradições humanamente inventadas e a paradigmas estritamente guardados, relativos à estrutura eclesial, com freqüência toda nova ou arejante maneira de 'fazer' igreja é vista com suspeita irrazoável, ainda que a mesma tenha bem mais apoio bíblico do que o malfadado modelo tradicional.

Em suma, nada que não seja uma mudança de paradigma no que toca à igreja, junto com a claridade da luz reconfortante procedente do Espírito Santo, poderá engendrar uma verdadeira renovação no corpo do Ungido. Os ajustes feitos ao velho odre, não importa quão revolucionários ou radicais sejam, irão apenas até aí: serão apenas ajustes. A única forma de renovar a igreja institucional é desmantelá-la por completo e edificar algo muito diferente e muito melhor. Dito de outra maneira, o que a igreja precisa não é tanto deuma *renovação,* mas de uma *substituição* . O desgastado e envelhecido odre da prática eclesial e a andrajosa vestimenta das formas eclesiais precisam ser mudados, não só modificados, por um odre novo e um vestido novo (Lucas 5:36-38). Portanto, precisamos de uma mudança de paradigma (no plano natural), bem como de uma nova revelação do Ungido e de seu Corpo (no plano espiritual).

Que o Senhor nos livre de querer impor descuidadamente *nosso* próprio modelo de organização eclesiástica no lugar do modelo dos autores neotestamentários, e que possamos ter a coragem de descartar toda nossa bagagem institucional (ou ao menos, de abrir nossas bolsas e vistoriar nossas malas), para que possamos aprender a ler a Palavra com olhos renovados e bem abertos.

(3) Abraçar a centralidade e a supremacia do Senhor Jesus

O nascimento de uma igreja neotestamentária emerge das dores de parto de um grupo de pessoas que abraça a centralidade e a supremacia do Ungido com máxima seriedade. Para que Deus cumpra seu propósito eterno, precisa de um povo sedento pela liderança (como Cabeça) de seu Filho. O próprio Ungido deve ser o fundamento e a superestrutura de nossa vida corporativa, de nossa comunhão e de nosso ministério (1 Coríntios 2:2; 3:11; Efésios 2:20). Jesus Cristo deve ser o centro da igreja, e o Corpo local deve estar vitalmente vinculado a Ele, se é que pretende viver diante de Deus.

O aspecto da supremacia do Ungido é a própria essência de do motivo pelo qual hoje em dia a igreja é um tema tão provocante e com freqüência desorientador. Devido ao fato da igreja estar inextricavelmente entrelaçada com a soberana liderança do Ungido (como Cabeça), as forças das trevas têm se empenhado em sustentar um implacável ataque espiritual contra os filhos de Deus —um conflito que está centrado em manter os olhos deles cegos ao verdadeiro significado da *ekklesia* . Por conseguinte, quando alguns crentes começam a ver o Senhor em seu trono, começam a ver a igreja neotestamentária —porque os dois estão inseparavelmente entrelaçados. Numa palavra, não podemos edificar o *Corpo* se nos desligarmos da Cabeça .

Pela mesma razão, se um grupo de crentes descobre princípios neotestamentários concernentes à vida eclesial, sem levar em sério as demandas da liderança (como Cabeça) do Ungido, os mesmos sofrerão uma grande perda. Em vez de reunir-se fundamentados no Ungido, se reunirão baseados numa reação negativa —uma reação que pode ser comparada com a de um grupo de descontentes religiosos empenhados numa cruzada 'santa' contra o cristianismo institucional. Esse grupo sucumbirá à falsa mentalidade de que eles são os únicos que estão funcionando corretamente como igreja, e assim, com o tempo, o veneno do orgulho os escravizará. As confraternidades que se reúnem sobre esta base não duram muito. Terminam convertendo-se em comunidades voltadas para dentro — 'elitistas', enclaustradas e anti-naturais. Suas reuniões são caracterizadas pelo mesmo tom de crítica contra "o sistema religioso", e com o tempo morrem por falta de visão positiva.

(4) Considerar o custo

Ao expressar sua disposição esforço em negar-se a si mesmo para que Deus obtivesse uma morada, o Rei David disse:

Não entrarei pela porta de minha casa, nem subirei sobre o leito de minha cama; não darei sonho a meus olhos, nem a minhas pálpebras adormecerão, até encontrar lugar para Jeová, e morada para o Forte de Jacó . (Salmo 132:3-5)

O Senhor não criará nunca uma nova expressão de seu Corpo no meio de nós, se não estivermos dispostos a pagar o preço que isso implica. Entre outras coisas, isto quer dizer que devemos recusar comparar-nos com outros cristãos e medir nosso sucesso mediante as normas deles. O perigo da antiga Israel estava em sua propensão a seguir as multidões que a rodeavam. Por contraste, temos que aprender a relacionar nossa obediência com o que Deus revelou a nosso próprio coração por meio das Escrituras, não com o que o resto de seu povo está fazendo. Em Exodo 23:2, Jeová preveniu Israel a respeito do perigo de seguir multidões Esta advertência ainda é aplicável a nós hoje.

O fato de Deus nos mostrar a igreja, torna-nos responsáveis por obedecer àquilo que vimos. E nada que não seja uma implícita e irrestrita obediência à visão celestial, terá de proporcionar o apropriado contexto para que o Espírito Santo levante uma expressão local do Corpo. Desafortunadamente, não poucos cristãos familiarizados com o

ensino neotestamentária sobre a igreja, evadiram sua responsabilidade de obedecer as Escrituras. A pobre desculpa: "Algum dia Deus resolverá o problema da igreja; vou seguir sustentando às igrejas institucionais até que ocorra algo grande" resume o conceito comum com respeito a este tema.

Esta mentalidade fatalista é o hábil artifício do inimigo para encobrir nossa rebelião. Assim mesmo é um profundo fracasso intelectual, porque é bem mais fácil refugiar-se na verdadeira mas inaplicável convicção de que a longo prazo Deus resolverá tudo, do que realizar a árdua obra de descobrir e obedecer a vontade do Senhor. É como dizer: "Não vou obedecer até ver os outros obedecem." Certamente, ter uma atitude semelhante é incitar o desagrado do Senhor.

Àqueles que estão dispostos a obedecer a Palavra de Deus custe o que custar, pode-lhes servir de alento o fato de que milhares de crentes se separaram das estruturas religiosas de nossos tempos, feitas pelo homem, e retornaram ao fundamento do Ungido, no que toca a sua vida coletiva. Mas ainda que houvesse apenas um punhado daqueles que decidiram reunir-se conforme às normas neotestamentárias, deveria isso dissuadir-nos daquilo que o Espírito Santo revelou a nosso coração?

Não nos enganemos a respeito disto: há um preço a pagar ao obedecer a norma do Senhor prescrita para a igreja. Teremos que contar com ser mal entendidos por aqueles que abraçaram de todo coração o cristianismo institucional, espectador. Teremos de levar as marcas da cruz e de morrer mil mortes no processo de ser edificados junto com outros crentes, numa relação muito unida, interpessoal. Teremos que nos acostumar ao desalinho que é parte integrante do cristianismo relacional e abandonar o esmero artificial que proporciona a igreja organizada.

Já não participaremos da comodidade de ser espectador passivo, mas teremos de aprender as lições do ‘auto esvaziamento’, para chegar a ser membros responsáveis, servidores de um Corpo funcional. Teremos que ir na contramão da maré que um escritor chamou de "as últimas cinco palavras da igreja" (*nunca fizemos dessa maneira antes*), e incorrer na desaprovação da maioria religiosa, por recusar ser controlados pela tirania do *statu quo* . Por último, incitaremos os mais severos ataques do adversário, em sua tentativa de extinguir aquilo que representa o testemunho vivente de Jesus num grupo de pessoas. Mas a despeito do sofrimento que acompanha àqueles que tomam o caminho estreito e se congregam na simplicidade primitiva em torno do Senhor Jesus apenas, os gloriosos benefícios de viver na vida coletiva excedem em muito o preço exigido.

Em suma, a não ser que sejamos um povo crucificado, não haverá uma verdadeira expressão da igreja. É um princípio espiritual estabelecido que a igreja prove da cruz. Assim como o altar precede a casa na ordem veterotestamentária, da mesma maneira a cruz sempre precede a igreja. É por esta razão que as não poucas igrejas que começaram a emular princípios neotestamentários, tiveram uma curta existência. Portanto, sempre que um grupo de crentes começa a fazer da "ordem eclesial neotestamentária" seu objetivo de congregação, em vez do Ungido, e deixa de passar coletivamente sob a cruz, de imediato perde a liderança do Ungido (como Cabeça) e dá decara com as angústias mortais da desintegração

Os elementos essenciais que capacitam uma igreja a permanecer em pé no meio das provas mais severas, são subordinar-se, de forma real, à liderança de Jesus Cristo (como Cabeça), e submeter-se a um perpétuo ‘auto esvaziamento’ por amor dos irmãos. Portanto, sem a operação prática da cruz na vida dos crentes, a vida eclesial neotestamentária será nada mais que um ideal a ser alcançado. De fato, o Senhor edifica sobre vidas quebrantadas, e sua casa é constituída de no meio dos conflitos (1 Crônicas 26:27). "Saiamos, pois, a Ele, fora do acampamento, levando Seu vitupério", porque é somente ali que encontraremos ao Salvador (Hebreus 13:13).

(5) Oração com dores de parto

Enfim, e de modo sumamente importante, precisamos aprender a tocar no trono de Deus orando com dores de parto. A primeira igreja nasceu através de um grupo de 120 discípulos que se tinha dedicado à oração (Atos 1:13-15). As expressões neotestamentárias do Corpo do Ungido se formam da mesma maneira, isto é, entrando nas agonias do Senhor. Normalmente, o Senhor responde a semelhante oração provendo um obreiro apostólico ou "plantador de igrejas", que ajude o nascimento de uma nova igreja ou unindo a vários crentes de visão e perspectivas análogas, que assistam a sua concepção.

Não devemos esquecer nunca que a igreja é orgânica; por isso, não pode ser edificada com os precipitados impulsos do homem natural. O nascimento de uma igreja requer o tipo de oração com dores de parto que caracterizaram a vida de Neemias e de Daniel. Foi apenas quando estes homens começaram a sofrer dores de parto orando com respeito à presente desordem em que viviam, que Deus mostrou sua fidelidade trazendo outros para que estivessem com eles para cumprir a visão que tinha depositado no coração deles (Neemias 1—2; Daniel 9—10).

Além disso, a oração é um marco decisivo para receber o poder do Espírito Santo —um poder que é necessário para trazer à existência e alimentar uma expressão local do Corpo do Ungido. A igreja não se faz com as argilosas mãos humanas, mas com o alento do Espírito eterno. Recordemos como edificaram o antigo templo sem o ruído de maquinaria terrenal (1 Reis 6:7). Aquele incidente estabelece um princípio crucial. Concretamente, a igreja de Jesus Cristo não pode ser formada nunca com a obra laboriosa e o suor do homem natural; deve vir à luz desde o céu. Leiamos as palavras de Russell Lipton a este respeito:

Apenas por meio do Espírito Santo a igreja é edificada, não pela habilidade de nossos projetos, planos, comitês, e campanhas. Com freqüência nos consideramos demasiado inteligentes, e achamos que precisamos mais de nossa própria força do que do Espírito Santo... (Does the Church Matter? *[Importa a igreja?]).*

Portanto, se estamos dispostos a nos envolver profundamente na batalha local, por esses elementos que refletem o objetivo do Senhor e o propósito de Deus para a igreja, Ele será fiel em responder. A receita de Paulo para edificar a igreja resume isto muito bem: "Filhos meus, por quem volto *a sofrer dores de parto* , até que Cristo seja formado em vocês" (Gálatas 4:19). Desde este ponto de vista, John W. Kennedy faz a seguinte observação:

A medida em que Deus pode usar-nos para o estabelecimento da igreja, é a medida de nosso submetimento, de nosso desatar dos nós da tradição e de outros envolvimentos humanos que obstacularizam a obra de Deus. Então não será necessário trazer a igreja à existência mediante persuasão. O próprio Espírito Santo fará surgir o impulso que faz nascer uma assembléia... o fato de erigir um edifício, estabelecer a observância da Ceia do Senhor ou de uma verdadeira forma de congregar-se, jamais constituirá uma igreja. Sem uma ardente visão do propósito do Senhor e sem a urgência do Espírito Santo para obedecer, qualquer modelo permanecerá apenas como uma ficção vazia (Secret of His Purpose *[O segredo de seu propósito).*

Um chamado final

Vivemos num momento em que o Espírito de Deus está chamando por senhas a seu povo, para que veja e cumpra seu propósito eterno relativo à igreja de Jesus Cristo. Este propósito repousa na formação de um povo que esteja cheio do vinho novo do Espírito Santo, com o único propósito de transformá-lo numa Noiva idônea para a complacência do bendito Filho de Deus. Mas, dentro deste contexto, Deus está conduzindo seu povo para que reexamine o velho odre da prática da igreja. Portanto, a necessidade desta hora é que o Senhor levante multidões de crentes que tenham o espírito dos filhos de Isacar, que eram "entendidos nos tempos, e que sabiam o que Israel (o povo de Deus) devia fazer" (1 Crônicas 12:32). Neste sentido George Moreshead explica:

Nestes tempos, o 'fazer' —mesmo o fazer 'para Deus' e 'para sua glória'— eclipsou amplamente a ênfase bíblica da prioridade de ser e de chegar a ser. Parece igualmente necessário e importante o surgimento de crentes com entendimento e discernimento espirituais, que saibam tanto o que deve como o que não deve fazer a 'Israel' neotestamentária! Então como pode haver algo que rivalize, enquanto principal necessidade do tempo presente, com o levantamento daqueles que vêem desde o céu —crentes de uma excepcional estatura espiritual e de um entendimento destes tempos ensinada pelo Espírito, para a edificação do Corpo do Ungido na medida da plenitude do Ungido? De que outro modo podem os 'anciãos' da nova 'Israel' unir-se a seus irmãos mais jovens no cântico de vitória e no grito de triunfo sobre a compleição da casa de Deus? ("Understanding the Times" *[Entendendo os tempos], artigo inédito —ligeiramente parafraseado).*

Em conclusão, acredito que aquilo que tentei expor neste livro instará os leitores a não mais diluir o vinho da vida espiritual nem confiná-lo em odres velhos. Que o Senhor transforme radicalmente nosso coração mediante uma nova revelação do Espírito Santo mostrando-nos Jesus Cristo em toda sua plenitude, capacitando-nos a captar a visão ardente da igreja neotestamentária. E que permitamos que o doce vinho do Espírito se derrame através de nós tão poderosamente, que os odres de nossa textura —que obscureceram a liderança de Jesus (como Cabeça) e desarma o sacerdócio dos crentes— se arrebentem irremediavelmente. Minha oração final é para que Deus levante inumeráveis expressões locais de vida espiritual dinâmica em todo mundo —expressões que vivam simplesmente e sirvam sacrificialmente pela realização de seu propósito eterno.

Que o Senhor nos ajude a reconsiderar o odre.

BIBLIOGRAFIA

A seguinte bibliografia inclui as principais publicações citadas neste livro, bem como numerosos outros títulos relacionados que merecem menção.

Prática da igreja neotestamentária

Akeroyd, Richard H. *The Word, the Churches, and the Work* (A Palavra, as igrejas e a obra), Portal Press. Uma boa exposição a respeito do conceito divino da assembléia neotestamentária.

Allen, Roland. *Missionary Methods: St. Paul's or Ours?* (Métodos missionários: Os de São Paulo ou os nossos?), Eerdmans. Uma clássica exposição do método bíblico de fundar igrejas.

. *The Spontaneous Expansion of the Church and the Causes Which Hinder It* (A espontânea expansão da igreja e as causas que a impede), Eerdmans. Uma obra elementar a respeito do crescimento horizontal da igreja.

Anderson, David, edit. *2 or 3 Gathered* (2 ou 3 congregados), Home Church Net-work (Rede de igrejas caseiras). Boletim informativo que destaca uma variedade de artigos sobre a reunião e a liderança neotestamentárias. Disponibilizada pelo editor: P.Ou. Box 4242, Bristol, TN 37625

. Anderson, Philip e Phoebe. *The House Church* (A igreja caseira), Abing-dom. Uma prática análise do modelo da igreja caseira

Atkerson, Steve, edit. *Toward a House Church Theology* (Para uma teologia de igreja caseira), New Testament Restoration Foundation (Fundação de Restauração Neotestamentária). Uma bem redigida compilação de sérios ensaios sobre a prática da igreja neotestamentária. Disponível em NTRN, 2752 Evans Dá-lhe Circle, Atlanta, GA 30340

. Austin-Sparks, T. *Bethanies: The Lorde's Thought as to His Assemblies* (O conceito do Senhor quanto a suas assembléias), Testimony Book Ministry. Uma perspectiva singular das características principais de uma igreja neotestamentária, vista através dos Evangelhos.

. *God's Spiritual House* (A casa espiritual de Deus , Testimony Book Ministry. Uma esclarecedora exposição dos principais traços espirituais da igreja. Disponiblilizado por Emmanuel Church, 12,000 East 14 th St., Tulsa. OK 74128

. Banks, Robert. *Going to Church in the First Century* (Ir à igreja no primeiro século), The SeedSowers. Uma nova e perspicaz representação de uma reunião eclesial ao estilo do primeiro século, procedente de uma magnífica erudição.

. *Paul's Idea of Community* (O conceito de Paulo sobre comunidade), Hendrickson. Uma erudita mas compreensível exposição das igrejas caseiras primitivas mencionadas no Novo Testamento. Abarca, de uma maneira nova e definitiva, os temas de reuniões, labor apostólico, autoridade espiritual, dons e ministério, liderança e reconhecimento, etc., da igreja neotestamentária.

Banks, Robert e Julia. *The Church Comes Home* (A igreja volta ao lar), Hendrickson. Uma excelente exposição da realização prática do modelo da igreja caseira.

Barrett, Lois. *Building the House Church* (Como edificar a igreja caseira), Herald Press. Uma exposição prática a respeito de como levantar e manter uma igreja caseira.

Bausch, William. *Traditions, Tensions, Transitions in Ministry* (Tradições, tensões, transições no ministério), Twenty-Third Publications. Um sólido tratado sobre a função da tradição na forma de governo da igreja.

Baxter, G.A . *Parity: The Scriptural Order of the Christian Ministry* (Paridade: A ordem bíblica do ministério cristão), Fletcher & Toler. Uma boa mensagem que defende a presença de uma pluralidade de anciãos funcionando em condição de igualdade.

Beaty, Dão. *The Church Triumphant in Christ* (A igreja triunfante no Ungido), Living Truth Publications. Um alentador exame da vontade de Deus para a igreja. Adquirível do editor: 901 S. Roys Ave., Columbus, OH 43204

. Birkey, Do. *The House Church: A Model for Renewing the Church* (A igreja caseira: Um modelo para a renovação da igreja), Herald Press. Um bom exame do modelo da igreja caseira, desde uma perspectiva tanto bíblica como histórica.

Bonhoeffer, Dietrich. *Life Together* (A vida juntos), Harper & Row. Uma significativa análise dos conceitos espirituais da comunidade cristã.

Carty, Douglas F. *How to Build in the Pattern of the New Testament Church* (Como edificar conforme o padrão da igreja neotestamentária). Analisam-se alguns dos principais traços de uma igreja neotestamentária. Adquirível diretamente do autor: 101 Avondale St., High Point, NC 27160

. Congdon, Dana. *Recovery and Restoration: Two views of God's End-Time Work* (Restabelecimento e restauração: Dois aspectos da obra de Deus dos últimos tempos), Christian Tampe Ministry. Uma excelente comparação dos movimentos de restauração e restabelecimento contemporâneos da renovação da igreja. Adquirível do editor: 4424 , Huguenot Road, Richmond, VAI 23235

. Cutting, George. *Are You A Member? And of What?* (É você membro? E de que?), Kingston Bible Trust. Uma penetrante olhada no erro do denominacionalismo.

Dagg, J.L . *Manual of Church Order* (Manual de ordem eclesial), Ganho Books. Aborda a existência de um conseqüente padrão de prática eclesial no Novo Testamento.

Darby, J.N. *Churches and the Church* (As Igrejas e a Igreja), Bible Truth Publishers. Uma concisa mas penetrante análise da relação que existe entre a igreja universal, celestial, e a igreja local, terrenal.

Doohan, Helen. *Paul's Vision of Church* (A visão que Paulo tinha da igreja), Michael Glazier. Um tratado do conceito paulino da igreja livro por livro.

Dyer, David. *A Grain of Wheat Newsletter* (Boletim informativo grão de trigo). Um jornal de qualidade que trata a respeito dos aspectos da igreja neotestamentária. Adquirível do editor: P.Ou. Box 644 , Leominister, MA 01453

. . *The Church* (A igreja), A Grain of Wheat /Boletim informativo Grão de trigo/. Uma dissertação formal a respeito do conceito que Deus tem da igreja. Adquirível em www homechurch.com/davidw dyer/dyerchurch.html

Edwards, Gene. *Beyond Radical* (Além do radical), The Seedsowers. O autor explora as origens não bíblicas de muitas de nossas modernas tradições eclesiais. Desafortunadamente, este livro não está documentado nem tem notas ao pé da página.

. *Climb the Highest Mountain.* (Escalemos a montanha mais elevada), The Seedsowers. Uma tremenda exposição a respeito de como lidar com divisões, contendas e crises na igreja.

. *How to Meet Under the Headship of Christ* (Como reunir-se sob a liderança /equanto Cabeça/ do Ungido), Message Ministry. Uma objetiva análise dos diversos tipos de serviços eclesiais modelados ao longo da história comparados com as reuniões eclesiais primitivas do primeiro século.

. *Revolução: História da igreja primitiva* , Editorial Uni-lit. Excelente descrição da igreja primitiva, escrita num estilo novelesco.

. *When the Church Was Lead Only By Laymen* (Quando a igreja era dirigida somente por leigos), The Seedsowers. Uma instrutiva exposição a respeito da liderança na igreja primitiva.

Eller, Vernard. *Could the Church Have it All Wrong?* (A igreja estaria totalmente equivocada?), House Church Central. Edição revisada de In *Place of Sacraments*(Em vez de sacramentos) de Eller. O autor lança uma nova olhada na Ceia do Senhor e no batismo. Adquirível em http://www.hc-central.com/eller1/index.html *The Outward Bound* (O limite exterior), Eerdmans. Uma comparação entre a igreja neotestamentária e a igreja contemporânea, que faz ponderar.

Ellison, H.L . *The Household Church* (A igreja caseira , Paternoster Press. Um estudo geral da igreja neotestamentária e de sua forma de reunir-se.

Entrekin, Rusty. *Bringing First Century Church Life into the Twentieth Century* (Como trazer a vida eclesial do primeiro século ao século vinte). New Life Publishing. Uma concreta exposição do modelo neotestamentário de 'fazer igreja'.

Erkel, Darrile. *Passive in the Pews* (Passivos nos bancos . Uma abordagem de como 'fazer igreja' à luz das Escrituras. Adquirível do autor em 10653 Moorpark Street, Apt. 2, Studio City, CA 91602

. Fellowship Bible Church. *10 Questions Every church Must Answer* (10 questões que toda igreja contesta). Um útil manual de análise desenhado para avaliar uma igreja segundo os princípios neotestamentários. Adquirível de FBC, 3806 E. Portland, Tacoma, WA 98404

. Finger, Repta H. *Paul and the Roman House Churches* (Paulo e as igrejas caseiras romanas), Herald Press. Uma inovadora simulação do livro de Romanos, sob o pano de fundo cultural e histórico das primitivas igrejas caseiras dessa cidade.

Finley, Tom. *The Governing Principles for Building Up the Body of Christ* (Os princípios que regem a edificação do Corpo do Ungido). Uma sólida análise da unidade do Corpo e da liderança (enquanto Cabeça) do Ungido na assembléia local. Adquirível do autor em P.Ou. Box 32, Oakboro, NC 28129

. Foster, Arthur, edit. *The House Church Evolving* (A evolução da igreja caseira), Exploration. Uma compilação algo antiquada de dissertações apresentadas em conferências, tratam da experiência da igreja caseira. Algumas das contribuições são excelentes, enquanto outras são pobres e enganosas.

Foster, Harry. *The Church as God Wants it Today* (A igreja como Deus a quer hoje), Testimony Book Ministry. Uma olhada desafiante e revigorante no conceito de Deus sobre sua igreja.

Getz, Gene. *Building Up One Another* (Como edificar uns aos outros), Victor. Uma útil análise do conceito bíblico da edificação coletiva.

. *Sharpening the Focus of the Church* (Afinando o enfoque da igreja), Moody Press. Exploram-se alguns dos princípios bíblicos relativos à função e ao ministério da assembléia local.

Giles, Kevin. *Patterns of Ministry Among the first Christians* (Modelos de ministério estabelecidos entre os primeiros cristãos), Harper & Row. Uma valiosa análise do conceito neotestamentário do ministério na igreja.

. *What on Earth is the Church? An Exploration in New Testament Theology* (Mas que é a igreja? Uma exploração na teologia neotestamentária), InterVarsity Press. Uma penetrante olhada na dinâmica corporativa e comunal da igreja primitiva.

Girard, Robert C. *Brethren, Hang Loose* (Irmãos, sejam livres), Zondervan. Uma relevante relação que detalha os dinâmicos desdobramentos da vida coletiva neotestamentária.

. *Brethren, Hang Together* (Irmãos, permaneçam unidos), Zondervan. Uma maravilhosa exposição a respeito de como reestruturar a igreja para uma comunhão relacional sob a Liderança (como Cabeça) de Jesus

Gish, Arthur. *Living in Christian Community* (Como viver na comunidade cristã), Herald Press. Uma obra elementar sobre as dimensões práticas da igreja como uma comunidade.

Goslin, Thomas S . *The Church Without Walls* (A igreja sem paredes), Hope Publishing House. Uma perspectiva prática do lar como localização social da igreja.

Green, Michael. *Evangelism in the Early Church* (O evangelismo na igreja primitiva), Eerdmans. Um precioso e cuidadoso estudo de como a igreja primitiva levava a cabo sua projeção.

Griffiths, Michael. *God's Forgetful Pilgrims: Recalling the Church to its Reason for Being.* (Os esquecidos peregrinos de Deus: Recordando à igreja sobre sua razão de ser), Eerdmans. Um erudito exame da dimensão coletiva da vida e da missão da igreja.

Hanley, P.J . *The Headship of Christ in His Church* (A liderança do Ungido [como Cabeça] em sua igreja), Fountain of Life. Uma boa exposição a respeito do legítimo lugar de Jesus Cristo na igreja. Adquirível do editor em 71 Old Kings Highway, Lake Katrine, NY 12449

. Harrington, Arthur. *What the Bible Says About Leadership* (O que diz a Bíblia a respeito da liderança), College Press Publishers. Um penetrante tratado da liderança eclesial bíblica.

Há, Alexander R. *New Testament Order for Church and Missionary* (Ordem neotestamentária para a igreja e missionários), New Testament Missionary Union. Uma obra clássica sobre o modelo neotestamentário da ordem eclesial.

Jacobsen, Wayne. *Body Life* (Vida coletiva), Lifestream Ministries. Um pequeno e alentador jornal que analisa assuntos vitais relativos à comunidade neotestamentária e à igreja caseira. Adquirível do editor em 5820-T W. Caldwell, Visalia, CA 93277

. Kaung, Stephen. *Recovery* (Restabelecimento), Christian Tampe Ministry. Examina a obra de Deus nesta hora com respeito à igreja. Adquirível do editor em 4424 Huguenot Road, Richmond, VAI 23235

. . *Who Are We?* (Quem somos nós?), Christian Tampe Ministry. Uma instrutiva exposição que apresenta a verdadeira identidade de uma assembléia local neotestamentária.

. *Why Do We So Gather?* (Por que nos congregamos assim?), Christian Tampe Ministry. Uma penetrante abordagem das razões bíblicas para congregar-se.

Ketcherside, W. Carl. *The Twisted Scriptures* (As Escrituras distorcidas), Diversity Press. Uma exposição bem escrita a respeito do perigo da divisão no Corpo do Ungido.

Kokichi, Kurosaki. *Let's Return to Christian Unity* (Retornemos à unidade cristã), The SeedSowers. Uma excelente exposição do verdadeiro significado da unidade cristã.

Kraus, Norman C. *The Community of the Spirit: How the Church is in the World* (A comunidade do Espírito: Como a igreja está no mundo), Herald Press. Uma eficaz exposição a respeito de como a igreja é uma comunidade do Novo Pacto, que vive uma vida diferente da do mundo pela presença do Espírito Santo.

Krupp, Nate. *God's Simples Plano for His Church* (O singelo plano de Deus para sua igreja), Solid Rock Books. Um conciso exame dos princípios neotestamentários para a vida eclesial.

Landis, George M. *My Reasons* (Minhas razões), Jewel Books. Uma longa carta de renúncia escrita por um pastor que descobriu o propósito de Deus para a igreja. Adquirível do editor em P.Ou. Box 4333 , Greenville, SC 29608

. Lane, Eric. *Members One of Another* (Membros uns dos outros), English Evangelical Press. Uma boa análise do ministério mútuo da igreja.

Lang, G.H. *The Churches of God* (As igrejas de Deus), Schoettle Publishing. Uma consciente exposição a respeito dos princípios mais importantes que governam à expressão local do Corpo do Ungido. Adquirível de Lewis Schoettle Publishing, P.Ou. Box 1246, Hayesville, NC 28904

. Lipton, Russell C. *Does the Church Matter?* (Importa a igreja?) Uma fresca e desafiante exposição a respeito do motivo pelo qual nossa prática eclesial é importante para o Senhor. Adquirível do autor em 218 Elk Creek Rd., Delhi NY 13753

. Lohfink, Gerhard. *Jesus and Community* (Jesus e a comunidade), Fortress Press. Uma erudita análise do conceito e da prática comunitária dos cristãos primitivos e suas raízes no ministério de Jesus

Loosely, Ernest. *When the Church Was Young* (Quando a igreja era jovem), The SeedSowers. Uma enérgica comparação da igreja primitiva com a igreja tradicional moderna.

Mallone, George. *Furnace of Renewal: A Vision for the Church* (Forno de renovação: Uma visão para a igreja), InterVarsity Press. Uma boa exposição sobre os componentes essenciais de uma renovação eclesial bíblica.

Mayhew, Dão, edit. *The Gathering* (A congregação), The Summit Fellowships. Uma publicação quadrimestral em que se fomenta a verdadeira vida relacional da igreja. Adquirível do editor em 4125 NE 78 th Ave., Portland, OR 97218

. Miller, Hal. *Christian Community: Biblical or Optional?* (A comunidade cristã: bíblica ou opcional?), Servant Books. Uma relevante exposição sobre a vida da igreja neste mundo

Milner, Thomas. *The Messiah's Service* (O serviço do Messias), editor desconhecido. Uma erudita e elementar análise da liderança eclesial, mas muito difícil de encontrar.

Minear, Paul. *Images of the Church in the New Testament* (Figuras da igreja no Novo Testamento), The Westminster Press. Uma cuidadosa análise das principais metáforas traçadas na Bíblia para a igreja.

Moore, John e Neff, Ken. *A New Testament Blueprint for the Church* (Uma heliografía neotestamentária para a igreja), Moody Press. Analisa alguns dos princípios neotestamentários da autêntica vida da igreja

Nee, Watchman. *The Normal Christian Church Life* (A vida eclesial cristã normal), Living Stream Ministry. Uma verdadeira obra prima sobre a igreja local como consta no Novo Testamento.

. *The Body of Christ: A reality* (O Corpo do Ungido: uma realidade), Christian Fellowship Publishers. Uma excelente obra que analisa os princípios espirituais que governam um apropriado funcionamento do Corpo do Ungido.

Neely, Thomas L . *The Formation of a New Testament Church* (Formação de uma igreja neotestamentária), Jewel Books. Analisa vários aspectos de uma igreja neotestamentária. Adquirível do editor em P.Ou. Box 4333, Greenville, SC 29608

. Norrington, David C. *To Preach or Not to Preach? The Church's Urgent Question* (Pregar ou não pregar? A urgente pergunta da igreja , Paternoster Press. Uma análise tremendamente minuciosa e convincente, que desafia as amplamente sustentadas e apreciadas tradições da pregação e do sermão pronunciados desde o púlpito na igreja.

Paul, Robert. *The Church in Search of its Self,* (A igreja na procura de seu próprio eu), Eerdmans. Uma escrupulosa abordagem crítica à moderna igreja protestante, e uma súplica a fim de retornar às normas neotestamentárias.

Petersen, Jim. *The Church Without Walls, Moving Beyond Traditional Boundaries* (A igreja sem paredes, avançando além dos limites tradicionais), NavPress. Uma interessante análise histórica e filosófica em que se define o apelo da igreja enquanto comunidade evangelística.

Pethybridge, W.J . *The Lost Secret of the Early Church* (O segredo perdido da igreja primitiva), Bethany Fellowship. Uma concisa mas poderosa exortação para o retorno à simplicidade das reuniões eclesiais ao estilo do primeiro século.

Prior, David. *Creating Community: An Every-Member Approach to Ministry in the Local Church* (Comunidade criativa: Um enfoque de 'todos os membros' /coletivo/ ao ministério na igreja local), NavPress. Uma boa exposição relativa ao enfoque de 'todos os membros' do ministério na igreja local.

Reid, Clyde H. *The Empty Pulpit* (O púlpito vazio), Harper & Row. Uma crítica prática da moderna pregação pronunciada desde o púlpito na igreja.

Richards, Lawrence. *A New Face for the Church* (Um novo rosto para a igreja), Zondervan. Uma penetrante e equilibrada exposição do tema da renovação da igreja.

Richards, Lawrence e Hoeldtke, Clyde. *A Theology of Church Leadership* (Uma teologia da liderança eclesial), Zondervan. Uma análise compreensiva das funções da liderança bíblica.

Richards, Lawrence e Martin, Gib. *A Theology of Pessoal Ministry: Spiritual Giftedness in the Local Church* (Uma teologia do ministério pessoal: 'Talento' espiritual na igreja local), Zondervan. Um compreensivo tratado das funções ministeriais bíblicas.

Richardson, Alan. *Who Builds the Church?* (Quem edifica a igreja?) Church Without Walls. Análise sobre como Deus tenta edificar sua igreja. Adquirível do editor em P.Ou. Box 13314, St. Louis, MO 63157

. Ridout, Samuel. *The Church and its Order According to Scripture* (A igreja e sua ordem conforme à Bíblia), Loizeaux Brothers. Uma clara exposição da natureza, organização, adoração, unidade, ministério e disciplina da assembléia local.

Robinson, John A.T. *The Body* (O Corpo), SCM. Uma erudita análise da realidade espiritual do Corpo do Ungido.

Rumble, Dá-lhe. *Give the Lorde Back His Church* (Devolvam ao Senhor a sua igreja), Fountain of Life. Uma cristocêntrica análise do conceito de Deus para sua igreja. Adquirível do editor em 71 Old Kings Highway, Lake Katrine, NY 12449

. . *The Diakonate* (O diaconado), Destiny Image Publishers. Esta obra contem uma boa análise das igrejas caseiras e da liderança servente.

Rutz, James. *The Open Church* (A igreja aberta), The SeedSowers. Apesar do fato deste livro adotar um moderado enfoque na renovação eclesial, em vez de um enfoque radical, realiza uma grande obra ao expor os problemas da igreja institucional.

Schweizer, Eduard. *The Church as the Body of Christ* (A igreja enquanto Corpo do Ungido), John Knox Press. Uma erudita análise do significado metafórico do Corpo do Ungido.

Smith, Christian. *Going to the Root* (Indo à raiz), Herald Press. Uma relevante apresentação de nove proposições práticas para uma renovação radical da igreja.

Smith, Christian e Miller, Hal, *et ao* ., editores. *Voices in the Wilderness* (Vozes no deserto). Uma sagaz revista que mostra artigos penetrantes e engenhosos sobre temas relativos à igreja caseira, vida corporativa e comunidade cristã. Adquirível em http://www.home-church.org/voices.html

Snyder, Howard A . *Radical Renewal: The Problem of Wineskins Today* (Uma renovação radical: O problema dos odres em nossos dias), Touch Outreach Ministries. Esta é a versão revisada do clássico livro de Snyder: *The Problem of Wineskins* (O problema dos odres), analisa de forma eficaz o significado e os envolvimentos da renovação bíblica da igreja.

. *The Community of the King* (A comunidade do Rei /existe em espanhol/), InterVarsity Press. Uma penetrante olhada na igreja e a sua relação com o propósito eterno de Deus.

Stabbert, Bruce. *The Team Concept* (O conceito de equipe . Hegg Brothers Printing. Uma consistente análise do ensino neotestamentário sobre os anciãos. Adquira a edição original de 1982

. Stedman, Ray C. *Birth of the Body* (O nascimento do Corpo), Vision House. Explora a igreja expondo a primeira seção de Atos

. *Body Life* (Vida corporativa), Regal Books. Uma clássica análise do ministério mútuo do Corpo do Ungido.

Sterrett, Clay. *Myths of the Ministry* (Mitos do ministério). CFL Literature. Uma boa exposição que resume três noções comuns mas incorretas do "ministério". Adquirível do editor em P.Ou. Box 245, Staunton. VAI 24401

. Stevens, Paul R . *Liberating the Laity: Equipping All the Saints for Ministry* (Como libertar o leigo: Como habilitar todos os santos para o ministério), InterVarsity Press. Uma significativa análise de apelo ministerial de todos os crentes, com ênfase no evangelismo.

Strauch, Alexander. *Biblical Eldership* (Presbitério bíblico), Lewis and Roth Publishers. Um compreensivo tratado da forma bíblica de liderança na igreja.

Svendsen, Eric. *The Practice of the Early Church: A Theological Workbook* (A prática da igreja primitiva: Um caderno de exercício teológico), New Testament Restoration Foundation. Um caderno de trabalho do usuário, que resume algumas práticas básicas da igreja primitiva.

. The Table of the Lorde: An Examination of the Setting of the Lorde's Supper in the New Testament and it's Significance as an Expression of Community (A Mesa do Senhor: Um exame do estabelecimento da Ceia do Senhor no Novo Testamento e seu significado enquanto expressão de comunidade), New Testament Restoration Foundation. Um dos melhores livros disponíveis sobre este tema. Técnico, mas compreensível.

Thornton, L.S . *The Common Life in the Body of Christ* (Vida comum no Corpo do Ungido), Dacre Press. Uma erudita obra prima centrada no Corpo do Ungido enquanto realidade espiritual, comunal.

Tozer, A.W. *God Tells the Man Who Cares* (Deus se revela ao homem que se interessa), Christian Publications. Uma análise profética do que está espiritualmente errado na igreja evangélica moderna.

Trotter, Dão. *New Reformation Review* (Nova revista da Reforma . Um boletim informativo radical, agudo e provocante que defende o conceito da igreja caseira. Adquirível em http://www.mindspring.com/

Trueblood, Elton. *The Company of the Committed* (A companhia dos comprometidos), Harper & Row. Uma excelente exposição a respeito da dinâmica bíblica da comunidade.

. *The Incendiary Fellowship* (A confraternidad incendiária), Harper & Row. Uma consideração clássica do significado e importância da confraternidade bíblica.

Viola, Frank A . *Who is Your Covering? A Fresh Look at Leadership, Authority, and Accountability* (Quem é sua cobertura? Uma nova abordagem à liderança, autoridade e responsabilidade), Present Testimony Ministry. Um colega para *Reconsiderando* . Explora os temas da liderança, autoridade e responsabilidade em forma mais detalhada.

Wallis, Arthur. *The Radical Christian* (O cristão radical), Cityhill Publishing. Uma abordagem desafiante à renovação eclesial bíblica segundo visualizado no Novo Testamento. Adquirível do editor em 4600 Christian Fellowship Road, Colúmbia, MO 65203

. Westrope, Clay, Sr., edit. *The Group News* (Notícias o grupo), House to House. Um perspicaz jornal que apresenta artigos sobre princípios eclesiais neotestamentários e sobre temas da vida cristã mais profunda. Adquirível do editor em 102 Colby Dr. NE, Hunts-ville, Alabama 35811

. Wilhelmsson, Lars. *Vital Christianity* (Cristianismo vital), The Martin Press. Uma boa análise do lugar que ocupa o amor e o companheirismo na igreja.

Witherow, Thomas. *The Apostolic Church? Which is it?* (Igreja apostólica? Qual é?), Free Presbyterian. Advoga a restauração do ministério mútuo e a liderança plural na igreja.

Zens, Jon, edit. *Searching Together* (Procurando juntos), Word of Life Church. Uma magnífica revista que trata das práticas eclesiais neotestamentárias e de questões doutrinárias. Adquirível de Searching *Together* , P.Ou. Box 548, St. Croix Falls, WI 54024

. . *The Pastor* (O pastor), Word of Life Church. Uma exposição que aclara confusões a respeito da idéia bíblica sobre pastor e sobre o que ele não é.

O propósito eterno de Deus

Austin-Sparks, T. *God's End and God's Way* (Propósito de Deus e meios de Deus), Testimony Book Ministry. Uma breve mas excepcional exposição do propósito de Deus e dos meios que Ele usa para seu cumprimento. Adquirível de Chapel Library, 2603 W. Wright St., Pensacola, FL 32505

. . *Living Water form Deep Wells of Revelation* (Água viva procedente de fontes de revelação profundas), Three Brothers. Obra em dois tomos. Contém uma rica provisão de gemas espirituais do ministério de ensino de Austin-Sparks. Adquirível dos editores em 177 South Bath Avenue, Waynesboro, VAI 22980

. . *Our Warfare* (Nosso conflito), Testimony Book Ministry. Uma incisiva exposição a respeito da batalha espiritual que **ruge com fúria** contra o propósito eterno de Deus e como a igreja tem de combatê-la. Adquirível de Chapel Library.

. *Pioneers of the Heavenly Way* (Pioneiros do método celestial). Testimony Book Ministry. Uma estremecedora abordagem ao propósito de Deus desde a perspectiva celestial. Adquirível de Chapel Library.

. *The Centrality and Supremacy of the Lorde Jesus Christ* (Centralidade e supremacia do Senhor Jesus Cristo), Testimony Book Ministry. Uma maravilhosa exposição da pedra de toque central do propósito de Deus. Adquirível de Chapel Library.

. *The Lorde's Testimony and the World Need* (O testemunho do Senhor e a necessidade do mundo), Christian Tampe Ministry. Uma tremenda mensagem sobre o propósito central do Senhor para com seu povo amado. Adquirível diretamente do editor em 4424, Huguenot Road, Richmond, VAI 23235

. . *The On-High Calling* (O apelo do alto), Testimony Book Ministry. Magnífica exposição do propósito divino desde o livro de Hebreus. Adquirível de Chapel Library.

. *The School of Christ* (A escola do Ungido), Testimony Book Ministry. Um relevante tratado do propósito de Deus no Ungido e de como isso afeta o crescimento cristão. Adquirível de Chapel Library.

. *The Stewardship of the Mystery Vol. 1-2* (A mayordomía do Mistério, Tomos 1 e 2), Testimony Book Ministry. Uma extraordinária apresentação do Ungido e de sua igreja, do ponto de vista propósito divino. Adquirível de Chapel Library.

. *The Ultimate Issue of the Universe* (O aspecto eterno do universo), Testimony Book Ministry. Uma abordagem concisa mas excelente do conflito espiritual relacionado com o propósito eterno.

. *Words of Wisdom and Revelation* (Palavras de sabedoria e de revelação), Three Brothers. Uma rica compilação de mensagens breves mas profundos sobre o propósito de Deus.

Beach, Phil. *Transformed into His Image* (Transformados em sua imagem). Uma penetrante olhada no propósito de Deus de transformar o crente na imagem do Ungido. Adquirível do autor em P.Ou. Box 831 , Hacketts-town, NJ 07840

. Bewsher, Rick. *The Desire of God's Heart* (O desejo do coração de Deus) Uma sólida análise do propósito divino, que cobre um amplo terreno num formato conciso. Adquirível do autor em 1 Bambra Street, Lauderdale 7021, Tasmania, Austrália.

Billheimer, Paul. *Destined for the Throne* (Destinados para o trono), Bethany House. Uma estimulante visão do propósito de Deus de obter uma Noiva para seu Filho.

Edwards, Gene. *The Divine Romance* , Christian Books. (Em espanhol, *O divino romance* , Editorial O Farol, Chicago). Uma comovedora epopéia que descortina o propósito de Deus de tentar uma gloriosa Noiva para seu Filho.

Facious, Johannes. *The Powerhouse of God* (A casa de força de Deus), Sovereign Word. Analisa o principal apelo da igreja para cumprir o propósito de Deus.

Fromke, DeVern. *The Ultimate Intention* , Sure Foundation Publishers. (Em espanhol, *O propósito eterno* , Heredia, Costa Rica). Um clássico sobre a natureza teocêntrica do propósito divino.

Garrison, Bruce, edit. *Light for Life Magazine* (Revista *Light for Life*), Searchlight. Uma revista que apresenta artigos antigos e novos que versam sobre o propósito de Deus. Adquirível do editor em P.Ou. Box 60, Southend-on-Seja, Essex, SS2 9AS, Inglaterra.

Haller, Manfred T. *God's Goal: Christ as All in All* (A meta de Deus: O Ungido enquanto tudo em tudo), The SeedSowers. Uma apresentação sólida e clara do propósito divino.

Henley, Gary. *The Quiet Revolution* (A revolução silenciosa), Creation House. Uma maravilhosa análise do restabelecimento da vida eclesial neotestamentária, vista desde o propósito eterno.

Kaung, Stephen. *The Fullness of Christ* (A plenitude do Ungido), Christian Fellowship Publishers. Analisa o propósito divino através das visões do Apocalipse de João.

Kennedy, John W. *Secret of His Purpose* (O segredo de seu propósito). Gospel Literature Service. Uma fascinante visão do propósito eterno de Deus com relação à igreja.

Lambert, Lance. *God's Eternal Purpose* (O propósito eterno de Deus), Elim Publications. Uma análise prática rsobre o propósito divino. Adquirível do editor em 148 A Boundary St. G/F, Kln. Hong Kong.

Lee, Witness. *The Vision of God's Building* (A visão do edifício de Deus), Living Stream Ministry. Explorao método de edificar de Deus em toda a história bíblica, para aclarar o propósito eterno.

Lipton, Russell C. *The Warfare of the Ages and Our Position Today* (O conflito das eras e nossa posição hoje). Uma poderosa exposição a respeito do conflito presente relacionado com o propósito divino. Adquirível do autor em 218 Elk Creek Rd., Delhi, NY 13753

. Lunden, Clarence. *The Eternal Purpose* (O propósito eterno), Bible Truth Publishers. Um conciso resumo do propósito eterno.

Morgan, G. Campbell. *The Crises of the Christ* (As crises do Ungido), Kregel Publications. Uma maravilhosa análise do propósito eterno de Deus, enfoca a vida e o ministério de Jesus

Nee, Watchman. *Changed into His Likeness* (Transformados em sua imagem), Christian Literature Crusade. Uma refrescante perspectiva do propósito divino através da vida de Abraão, Isaque e Jacó.

. *Sit, Walk, Stand* (Sentar-se, andar, estar firmes), Christian Literature Crusade. Uma breve mas penetrante exposição do propósito divino desde o livro de Efésios.

. *The Glorious Church* (A igreja gloriosa), Living Stream Ministry. Uma excelente abordagem do propósito eterno de Deus apresentada através de quatro mulheres da Bíblia. Os primeiros três capítulos da obra contêm uma articulação do propósito eterno exposta de maneira magistral.

. *The Normal Christian Life* (A vida cristã normal), Christian Literature Crusade. Uma obra clássica espiritual que expõe de forma maravilhosa o propósito eterno desde o livro de Romanos.

. *What shall this man do?* (Que fará este homem?), Christian Literature Crusade. Uma singular abordagem do propósito de Deus através do ministério de Pedro, Paulo e João.

Rumble, Dá-lhe. *The purpose of God* (O propósito de Deus , Fountain of Life. Uma abordagem concisa do propósito divino através de alguns escritores bíblicos. Adquirível do editor em 71 Old Kings Highway, Lake Katrine, NY 12449

. Sauer, Erich. *From Eternity to Eternity* (De eternidade a eternidade), Eerd-mans. Um prolixo resumo do propósito divino com um enfoque especial em seu significado escatológico.

. *The King of the Earth* (O Rei da terra), Paternoster Press. Uma esclarecedora perspectiva do propósito de Deus ao criar o homem.

Silverberg, Neil. *The Heritage of God's Testimony* (A herança do testemunho de Deus), Master Press. Analisa a restauração do propósito de Deus como se vê nos movimentos da antiga arca do pacto. Adquirível do editor: 8905 Kingston Pike #12-316, Knoxville, TN 37923

. Snyder, Howard A . *Liberating the Church: The Ecology of Church and King-dom* (Libertando a igreja: Ecologia da igreja e do reino), InterVarsity Press. Uma obra teologicamente sólida que explora a relação que há entre as duas facetas mais importantes do propósito eterno de Deus —a igreja e o reino.

Sterrett, Clay. *God Uses the Small, the Few, and the Insignificant* (Deus usa os pequenos, os poucos e os insignificantes) CFC Literature. Uma boa exposição de como Deus realiza seu propósito.

Tozer, A.W. *Jesus, Our Man in Glory* (Jesus, nosso homem na glória), Christian Publications. Uma maravilhosa exposição a respeito da eterna glória do Ungido e de sua centralidade no plano eterno de Deus para seus resgatados.

. *Tragedy in the Church: The Missing Gifts* (Uma tragédia na igreja: a ausência de dons), Christian Publications. Uma incisiva análise do propósito divino no que toca ao presente estado da igreja.

Viola, Frank A . *The Eternal Purpose of God* (O propósito eterno de Deus), Present Testimony Ministry. Uma visão compreensiva do propósito divino revelado mediante as imagens do sacerdócio veterotestamentario. Adquirível apenas em http://www.home-church.org/present

. *The Lorde's Need for this Present Hour* (A necessidade do Senhor para esta hora presente), Present Testimony Ministry. Uma abordagem profética do propósito divino e dos meios para sua realização. Adquirível apenas em http://www.home-church.org/present

História da igreja primitiva

Barrett. C.K. *Church, Ministry, and Sacraments in the New Testament* (Igreja, ministério e sacramentos no Novo Testamento), Paternoster. Um erudito desenvolvimento da noção neotestamentária da igreja e do ministério desde um ponto de vista histórico.

Broadbent, E.H. *The Pilgrim Church* (A igreja peregrina), Pickering and Inglis. Uma obra elementar sobre a constante linha de irmãos fiéis, que Deus sempre teve ao longo da história da apostasia religiosa.

Bruce, F.F. *The Spreading Flame* (A chama que se propaga), Eerdmans. Um erudito estudo da história da igreja, que cobre desde a origem do cristianismo até a maior parte do período patrístico.

. *Tradition: Old and New* (Tradição: Antiga e nova), Zonder. Uma análise técnica relativo ao papel que a tradição jogou ao longo da história da igreja.

Davies, J.G. *The Early Christian Church: A History of Its First Five Centuries* (A igreja cristã primitiva: História de seus primeiros cinco séculos), Baker. Um excelente tratado dos primeiros cinco séculos da igreja.

. *The Secular Use of Church Buildings* (O uso secular dos edifícios eclesiásticos), The Seabury Press. Explora a igreja basílica ao longo da história e defende o modelo da igreja caseira.

Faivre, Alexandre. *The Emergence of the Laity in the Early church* (Aparição do leigo na igreja primitiva), Paulist Press. O autor argumenta que antes do final do século segundo não existia o conceito de ‘ leigo’.

Frend, W.H.C. *The Early church* (A igreja primitiva), Fortress Press. Uma erudita olhada na igreja desde o primeiro século até o período postniceno. Destaca as dimensões sociais e políticas do desenvolvimento da igreja.

Gager, J.G. *Kingdom and Community: The Social World Of Early Christianity* (Reino e comunidade: O mundo social do cristianismo primitivo), Prentice Hall. Uma abordagem técnica do caráter sociológico da igreja cristã primitiva.

Goppelt, Leonhard. *Apostolic and Pós-Apostolic Times* (Tempos apostólicos e pós-apostólicos), Baker. Um magnífico exame desse período da história da igreja.

Harnack, Adolf Von. *The Mission and Expansion of the Christianity in the First Three Centuries* (Missão e expansão do cristianismo nos primeiros três séculos), Harper. Embora escrito por um teólogo liberal, este livro é um clássico tratado da vida e do serviço da igreja primitiva.

Harrison, Everett F. *The Apostolic Church* (A igreja apostólica), Eerd-mans. Um esmerado tratado sobre como se reunia a igreja primitiva e sobre como dirigia sua adoração.

Hatch, Edwin. *The Organization of the Early Christian Churches* (Organização das igrejas cristãs primitivas), Rivingtons. Uma excelente descrição da estrutura da igreja neotestamentária, apresentada num marco histórico. Uma obra clássica.

Judge, E.A . *The Social Pattern of Christian Groups in the First Century* (O modelo social dos grupos cristãos no primeiro século), Tyndale Press. Uma penetrante análise da dimensão sociocultural das primitivas igrejas caseiras neotestamentárias.

Kennedy, John W. *The Torch of the Testimony* (A tocha do testemunho), The SeedSowers. Uma fascinante olhada nas três correntes de crentes ao longo da história da igreja: Católicos, Protestantes e a corrente oculta do remanescente perseguido.

Lindsay, Thomas M. *The Church and the Ministry in the Early Centuries* (A igreja e o ministério nos primeiros séculos), James Family Publisher. Uma sólida análise histórica do ministério da igreja primitiva.

Malherbe, Abraham J . *Social Aspects of Early Christianity* (Aspectos sociais do cristianismo primitivo), Fortress Press. Uma erudita exposição que detalha o ambiente social da igreja neotestamentária.

Meeks, Wayne A . *The First Urban Christians: The Social World of the Apostle Paul* (Os primeiros cristãos urbanos: O mundo social do apóstolo Paulo), Yale University Press. Um erudito exame do ambiente socio-histórico das comunidades cristãs primitivas.

Miller, Andrew. *Miller’s Church History* (História da igreja, de Miller), Bible Truth Publishing. Um bom exame da história da igreja, desde o ponto de vista de um restauracionista. Cobre desde o ministério de Jesus Cristo até meados do século XIX.

Schweizer, Eduard. *Church Order in the New Testament (Ordem eclesial no Novo Testamento), SCM Press. Uma erudita olhada no ordem da igreja primitiva, desde um ponto de vista histórico.*

Snyder, Graydon F. *Ante Pacem, Archaeological Evidence of Church Life before Constantine* (Antes da paz, evidência arqueológica da vida eclesial antes de Constantino), The SeedSowers. Examina os achados arqueológicos que arrojam luz sobre as práticas da igreja primitiva.

Tidball, Derek. *The Social Context of the New Testament: Sociological Analysis* (O contexto social do Novo Testamento: Uma análise sociológica), Zondervan. Um consistente tratado a respeito do fundo social da igreja primitiva.

Verner, D.C. *The Household of God: The Social World of the Pastoral Epistles* (A casa de Deus: o mundo social das epístolas pastorais), Scholars. Uma interessante olhada no contexto social por trás das pastorais

Warkentin, Marjorie. *Ordination: A Biblical Historical View* (Ordenação: Uma abordagem histórica bíblica), Eerdmans. Uma profunda análise que expõe as origens não bíblicas da ordenação clerical.